

Oxana Shpuy

# **O SISTEMA POLÍTICO RUSSO: DA TRANSIÇÃO A UMA DEMOCRACIA DIRIGIDA?**



Universidade Fernando Pessoa

**Porto, 2013**



Oxana Shpuy

# **O SISTEMA POLÍTICO RUSSO: DA TRANSIÇÃO A UMA DEMOCRACIA DIRIGIDA?**



Universidade Fernando Pessoa

**Porto, 2013**

Oxana Shpuy

# **O SISTEMA POLÍTICO RUSSO: DA TRANSIÇÃO A UMA DEMOCRACIA DIRIGIDA?**

Orientadora: Professora Doutora Isabel Costa Leite

---

Dissertação apresentada à Universidade  
Fernando Pessoa como parte dos requisitos  
para obtenção do grau de Mestre em Ciência  
Política e Relações Internacionais.

## SUMÁRIO

Com o desmoronar da União Soviética, a Federação Russa tornou-se num Estado independente e adotou um sistema político mais próximo do conceito tradicional de federalismo e democracia. Não obstante, a evolução da democracia russa e a sua concretização recente merecem uma atenção especial e uma análise detalhada visto que, passando quase um quarto do século, os direitos e as liberdades que os cidadãos russos possuem hoje em dia, estão sob ameaça.

Este estudo sobre a democracia russa é feito com base numa análise sociopolítica das diferentes realidades que ocuparam este território eurasiático desde a dissolução da União Soviética, com vista a identificar as particularidades do sistema político e administrativo existente e compreender em que medida a democracia está presente na Rússia.

**Palavras-chave:** Federação Russa, Democracia, Putin, Sistema Político Russo.

## **ABSTRACT**

With the collapse of the Soviet Union, the Russian Federation became an independent state and adopted a system closer to the traditional concept of federalism and democracy. Nevertheless, the development of the Russian democracy and its recent achievement deserve special attention and a detailed analysis because after nearly a quarter-century, the rights and freedom that Russian citizens have today are under threat.

This study on Russian democracy is based on an analysis of the different socio-political realities that have occupied this Eurasian territory since the dissolution of the Soviet Union, in order to identify the peculiarities of the existing political and administrative system and to understand how democracy occurs in Russia.

**Keywords:** Russian Federation, Democracy, Putin, Russian Political System.

## АБСТРАКТ

С распадом Советского Союза, Россия стала независимым государством и приняла систему близкую традиционной концепции федерализма и демократии. Тем не менее, развитие демократии в России и её последние проявления заслуживают отдельного внимания и детального анализа, так как, спустя почти четверть века, права и свобода русских граждан находятся под угрозой.

Это исследование русской демократии основано на анализе различных социально-политических реалий, присутствующих на этой Евразийской территории после распада Советского Союза, с целью выявления особенностей нынешней политической и административной системы и понимания степени демократии в России.

**Ключевые слова:** Российская Федерация, Демократия, Путин, Политическая Система России.

## **AGRADECIMENTOS**

Certamente, o presente trabalho não seria o mesmo se não tivesse contado com a participação e incentivo fundamentais daqueles que fazem parte da vida da autora. Por isso, vêm aqui alguns agradecimentos.

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, sobretudo aos meus pais, que me educaram e ensinaram a trabalhar de forma a melhorar e beneficiar o mundo em que vivemos, pela paciência demonstrada e pelo seu apoio aos meus projetos. Agradeço ao meu irmão Daniel pelo seu carinho inesgotável e pelos momentos de descontração que me ajudaram bastante. Nestes meses, a compreensão do meu namorado Heliberto Silva foi fundamental. Estou grata pela força e entusiasmo que me foram transmitidos.

Ao núcleo de docentes dos 1.º e 2.º ciclos de estudos em Ciência Política e Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como elementos fundamentais da minha formação académica e responsáveis por uma parte importante do conhecimento que hoje possuo, o meu grande agradecimento. Em particular, devo salientar a importância da orientadora desta dissertação de mestrado, Professora Doutora Isabel Costa Leite, pela sua orientação e inspiração, pelo seu aconselhamento e compreensão que foram indispensáveis para uma conclusão bem-sucedida. De alto destaque foi também o contributo científico do Professor Doutor Rui Miguel Ribeiro, a quem dirijo o meu muito obrigada pela sua disposição e vontade em ajudar na pesquisa.

Estou grata ao meu colega Rogério Assis Lopes com quem convivi diariamente sob o mesmo teto, pelo seu companheirismo e auxílio nos estudos. Agradeço a todos que com a sua tolerância e conhecimento souberam tornar este período menos difícil.



## ÍNDICE

Índice de Gráficos.....	XI
Índice de Mapas.....	XI
Índice de Quadros.....	XII
Índice de Tabelas.....	XII
Lista de Acrónimos.....	XIII
Lista de Anexos.....	XV
Introdução.....	1
Capítulo 1: A Federação Russa: Enquadramento Histórico e Político .....	6
1.1. <i>Perestroika</i> e <i>Glasnost</i> .....	9
1.2. Desagregação da União Soviética.....	13
1.3. Evolução Socioeconómica.....	19
Capítulo 2: O Sistema Político Russo.....	29
2.1. A Presidência de Ieltsin: “Federalismo Contratual”.....	30
2.2. Rússia nos Mandatos de Putin: Re-centralização.....	37
2.3. A Presidência de Medvedev e as Reformas Implementadas.....	42
2.4. Organização Política e Administrativa.....	44
Capítulo 3: O conceito de “Democracia” e o seu funcionamento na Rússia.....	51
3.1. Partidos Políticos: Apoios/Oposição.....	56
i). Partido Comunista da Federação Russa.....	58
ii). Partido Liberal-Democrata da Rússia.....	62
iii). Democratas “Yabloko”.....	66
iv). Partido “Rússia Justa”.....	68
v). O Partido de Poder. Partido “Rússia Unida”.....	70

3.2. Processo Eleitoral.....	72
i). Eleições Legislativas de 2011.....	75
ii). Eleições Presidenciais de 2012.....	80
3.3. Influência dos Mass-média e da Sociedade Civil Organizada.....	84
3.4. Influência das Potências Internacionais.....	89
3.5. Ameaças à Democracia Russa.....	94
Perspetivas e Considerações Finais.....	100
Bibliografia .....	106
Anexos.....	117

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Exportações de petróleo da Rússia (1985-2007).....	21
Gráfico 2 – Exportações de gás na Rússia (1985-2008).....	22
Gráfico 3 – Produção e preço do petróleo na Rússia (1985-2007).....	24
Gráfico 4 – Evolução do PIB da Rússia (1992-2002).....	26
Gráfico 5 – Resultados das Eleições Legislativas de 2011.....	77
Gráfico 6 – Distribuição dos lugares na Duma (2012).....	78

## ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1 – Índice de Democracia de 2011.....	97
Mapa 2 – Classificação política dos países de acordo com a pesquisa da <i>Freedom House</i> em 2011.....	98

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Resultados das Eleições Presidenciais de 1991 na Federação Russa.....	31
Quadro 2 – Resultados de Eleições Presidenciais de 1996 na Federação Russa.....	34
Quadro 3 – Resultados de eleições presidenciais de 2000 e 2004 na Federação Russa....	38
Quadro 4 – Resultados de Eleições Presidenciais de 2008 na Federação Russa.....	42
Quadro 5 – Sistema Político da Rússia.....	47
Quadro 6 – Partidos mais votados nas eleições legislativas (1993-2007).....	76

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Indicadores Económicos da Federação Russa (2011).....	24
Tabela 2 - Classificação do IDH (2011) e seus componentes.....	25
Tabela 3 – Resultados das Eleições Presidenciais na Rússia em 2012.....	83
Tabela 4 – 2010 Data unless otherwise indicated.....	95

## **LISTA DE ACRÓNIMOS**

BRIC: Brasil, Rússia, Índia, China

CAEM: Conselho de Assistência Económica Mútua

CEC: Comissão Eleitoral Central

CEI: Comunidade dos Estados Independentes

EUA: Estados Unidos da América

FMI: Fundo Monetário Internacional

FSB: Serviço Federal de Segurança

IDH: Índice do Desenvolvimento Humano

KGB: Comité de Segurança do Estado

NATO: Organização do Tratado do Atlântico Norte

OCDE: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OMC: Organização Mundial do Comércio

ONG: Organizações Não Governamentais

ONU: Organização das Nações Unidas

OSCE: Organização para a Segurança e Cooperação na Europa

PAR: Partido Agrário da Rússia

PCFR: Partido Comunista da Federação Russa

PCUS: Partido Comunista da União Soviética

PIB: Produto Interno Bruto

PLDR: Partido Liberal-Democrata da Rússia

RJ: Rússia Justa

RNB: Rendimento Nacional Bruto

RU: Rússia Unida

PPC: Paridade do Poder de Compra

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## **LISTA DE ANEXOS**

Anexo 1 - Comunidade dos Estados Independentes

Anexo 2 - Distritos Federais da Rússia

Anexo 3 – Sistema Governamental da Rússia

Anexo 4 – Regimes Políticos

Anexo 5 - Democracias Eleitorais no Mundo

## INTRODUÇÃO

Um dos requisitos necessários para a obtenção do grau de mestre é a elaboração de uma dissertação. No âmbito do mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais, são inúmeras as opções quanto ao tema de investigação sendo a sua definição uma das decisões mais importantes no que à dissertação diz respeito. No presente trabalho, por vários motivos, a escolha do tema direcionou-se para um dos países que desempenha um papel determinante nas relações internacionais do século XXI. No entanto, dada a abrangência da temática, dificuldades surgiram quanto à definição do objeto de estudo em termos mais específicos.

O tema escolhido para a elaboração da dissertação é “o Sistema Político Russo: da Transição a uma Democracia Dirigida?” e o objeto de estudo será o conceito de democracia e o seu funcionamento no sistema político russo. Sendo a democracia um fenómeno determinante e de importância fundamental na análise do sistema político de qualquer Estado, decidimos fazer uma reflexão acerca da existência de democracia no sistema político russo.

Este tema nunca foi abordado ao longo do percurso académico pelo que será muito útil em termos de carreira e desenvolvimento profissional.

Esta dissertação pretende contribuir para a compreensão geral do sistema político russo, os seus problemas estruturais e sistémicos, do ponto de vista ocidental e russo, a evolução da democracia e a sua concretização recente. O principal objetivo desta dissertação é compreender os direitos e as liberdades que os cidadãos possuem, através do sistema administrativo em vigor que é o federalismo e entender em que medida a democracia está presente no sistema político russo.

Entre os objetivos específicos destacam-se: identificação e caracterização dos critérios de funcionamento da democracia; análise do processo eleitoral e do papel da oposição; determinação do papel e influência dos meios de comunicação e da sociedade civil organizada e a determinação das ameaças à democracia.



A maior parte dos autores, como mencionado, opta por análises em períodos de tempo restritos, sem fazer o cruzamento histórico. Portanto, o contributo deste trabalho será dado no sentido de preencher uma lacuna detetada na bibliografia existente.

Para a elaboração deste trabalho, será realizada uma análise qualitativa, através da consulta de fontes bibliográficas, sendo que uma boa parte será de origem russa, uma vez que na Federação Russa existem inúmeras publicações, de cariz científico ou jornalístico, que abordam a temática do sistema político russo. Serão usadas as fontes, principalmente diretas, como a Constituição da Federação da Rússia, diversa legislação, várias revistas e artigos científicos e livros de diferentes autores em línguas portuguesa, inglesa e russa, cujas perspetivas contribuirão para enriquecer a análise do tema. A consulta e a utilização de dados estatísticos sobre as sondagens e os resultados eleitorais, disponibilizados na Internet, serão igualmente dados quantitativos imprescindíveis.

No que diz respeito à estrutura deste trabalho, o mesmo é dividido em cinco partes. A primeira será constituída pela introdução que engloba a apresentação do tema, o problema e os objetivos de pesquisa do presente estudo.

O Capítulo 1., “A Federação Russa: Enquadramento Histórico e Político”, iniciar-se-á com uma breve abordagem do enquadramento histórico e da transformação extraordinária que a Rússia sofreu no início dos anos 90 do século XX a nível político e socioeconómico. Propõe-se a análise dos acontecimentos dos últimos 10 anos antes da dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e as mudanças sentidas pelo povo soviético.

O primeiro e o último presidente executivo da União Soviética, Mikhail Gorbachev, introduziu um vasto plano de reformas que abriram a Rússia ao mundo e contribuíram para o colapso da URSS, ultrapassando os seus objetivos iniciais. A *Perestroika* e a *Glasnost* tiveram um papel decisivo na Rússia, na Europa e no resto do mundo, porque foram graças a elas que se produziram mudanças na Europa Central e de Leste e mudou sensivelmente a disposição geopolítica do Planeta.

O ano de 1989 constitui um ponto de viragem na história mundial, quando o sistema internacional se altera radicalmente com a posterior exigência de autonomia e

proclamação de declarações unilaterais de independência por parte de vários países da União Soviética.

Em 1991, todo o sistema, a integridade territorial soviética, a sua identidade jurídico-política e as suas instituições governamentais foram postos em causa. A desintegração da URSS foi profundamente marcante para a população russa. Do desmembramento da União Soviética, as 15 repúblicas tornam-se independentes.

A década de 1990 representou um período de rápidas e profundas mudanças na evolução da estrutura socioeconómica da Rússia, como consequência do colapso da URSS, que iremos abordar no capítulo I. O aumento de pobreza e desigualdade socioeconómica cresceram consideravelmente desde o fim da era soviética. A economia russa afundou-se em uma profunda depressão em meados dos anos 1990, que se tornou maior, devido ao colapso de 1998, e começou a recuperar entre 1999-2000, com chegada ao poder do novo governo.

Iremos também analisar a economia russa, a sua riqueza em importantes recursos naturais, que constituem uma fonte potencial de desenvolvimento económico. Vamos tentar definir o papel da Rússia na atual conjuntura internacional, as suas prioridades e estratégias de desenvolvimento.

No Capítulo 2., “O Sistema Político Russo”, referimos o período de presidência de Boris Ieltsin, alcançado após as primeiras eleições livres na história do país; a eleição vitoriosa de Vladimir Putin e o nível da sua popularidade que permitiu que o seu poder fosse bastante grande e a análise do mandato presidencial do liberal-democrata Dmitriy Medvedev com as reformas implementadas.

Ieltsin liderou o país entre 1991 e 1999 e teve um importante papel na história da União Soviética e da Federação Russa. Graças à vontade e à iniciativa direta de Boris Ieltsin, em Dezembro de 1993, foi aprovada uma nova Constituição, que proclamou os direitos humanos, o valor supremo que abriu às pessoas a possibilidade de se exprimirem livremente, de escolherem o poder no país, de realizarem os seus planos criativos e pessoais.

De igual forma, analisamos o período de presidência de Vladimir Putin e o seu sucesso político. Putin introduziu um conjunto de reformas a diferentes níveis, atendendo ao princípio de centralização do poder.

Em 2007, Putin apoia totalmente a candidatura à presidência da Rússia do vice-primeiro-ministro Dmitriy Medvedev e desse modo determina o vencedor das eleições. As reformas implementadas por Medvedev assentam no seu objetivo principal: Modernizar a economia e democratizar o sistema político.

No que diz respeito aos órgãos de soberania, faremos uma breve abordagem para uma melhor percepção do funcionamento do sistema político e administrativo da Federação Russa. Os poderes estatais, definidos pela Constituição Russa, são, nomeadamente o Presidente da Federação Russa, a Assembleia Federal que inclui o Conselho da Federação e a Duma, o Governo e os Tribunais.

O Capítulo 3., “O conceito de “Democracia” e o seu funcionamento na Rússia”, contém a base teórico-empírica que fundamenta o estudo em causa e faz um breve levantamento das principais definições e características do conceito de democracia, teorias e opinião dos autores relacionados com o tema. Iremos definir o significado do conceito de democracia que é bastante variável: na prática, através dos períodos históricos, e teoricamente, nas obras de muitos autores.

A emergência da democracia é, sem dúvida, um dos acontecimentos mais importantes do século XX e que assumiu um lugar central no campo político. A Rússia afirma-se como um país democrático e o nosso objetivo, no capítulo 3, é determinar de que forma a democracia está presente na Rússia. A especificação do problema envolve a construção de questões de investigação, as hipóteses de pesquisa e as definições dos conceitos. A pergunta de partida será: democracia ou não?

A Constituição Russa determina que a Rússia reconheça a diversidade política e um sistema multipartidário. Vamos fazer uma breve abordagem dos cinco partidos pertinentes, nomeadamente, Partido Comunista da Federação Russa (PCFR), Partido Liberal-Democrata da Rússia (PLDR), Partido “Yabloko”, “Rússia Justa” (RJ) e do partido dominante “Rússia Unida” (RU).

Uma atenção especial será dada ao processo eleitoral na Rússia. Iremos analisar as eleições legislativas de 2011 e presidenciais de 2012, cujos resultados conduziram a inúmeras manifestações na Rússia. Serão também apresentados os resultados referentes às pesquisas qualitativa e quantitativa, resultantes da aplicação de metodologia e a análise do modelo proposto.

O período de presidência de Putin marcou as mudanças significativas no caráter das instituições informais. Um dos subcapítulos será dedicado à influência dos meios comunicação e da sociedade civil organizada. Aqui o nosso objetivo consiste em identificar a existência do impacto real dos meios de comunicação e Organizações Não Governamentais (ONG) sobre as decisões dos formuladores de políticas e o peso da administração presidencial na regulação dos meios de comunicação.

No que diz respeito à influência das potências internacionais, após o colapso do comunismo, a posição internacional da Rússia tornou-se quase irreconhecível. Iremos analisar a relação e a cooperação da Rússia com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) e os Estados Unidos da América (EUA), a sua participação no G8, que é um grupo de democracias desenvolvidas de que a Rússia faz parte, e determinar o seu papel no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e na Comunidade dos Estados Independentes (CEI).

Este capítulo será ainda dedicado à análise dos obstáculos/ameaças ao desenvolvimento da democracia na Rússia. Será feita uma análise comparativa da avaliação da democracia russa tendo por referência os dados dos organismos *The Economist Intelligence Unit* e *Freedom House*.

A última parte da dissertação incidirá sobre as conclusões e a avaliação das mesmas, atendendo aos objetivos previamente definidos.

## **Capítulo 1. A Federação Russa: Enquadramento histórico e político**

A história da humanidade sempre foi marcada pela ascensão, hegemonia e queda de grandes impérios e alianças, nas mais diversas regiões do globo. Um dos melhores exemplos é o Império Russo que atinge o seu colapso com o fim da URSS em 1991.

Memoravelmente caracterizada por Churchill (*cit.in* Khanna, 2009, p. 38), como “um enigma dentro de um segredo envolto em mistério”, a Rússia continua a ser o maior enigma do mundo.

Desde 1993, data da sua fundação e da sua Constituição Federal, que a Federação Russa faz fronteira terrestre e marítima com países de três continentes: Ásia – Cazaquistão, China, Coreia do Norte, Japão e Mongólia; Europa – Noruega, Finlândia, Estónia, Letónia, Bielorrússia, Ucrânia, Geórgia, Azerbaijão (considerados como parte do continente), Polónia e Lituânia (devido ao Região de Kaliningrado); América, através da fronteira marítima com o Estado norte-americano do Alasca. O Estado tem 19 fronteiras diferentes, 142 milhões de habitantes e 17 075 400 km<sup>2</sup>.

Durante os últimos 20 anos, a Rússia sofreu uma transformação extraordinária. Os jornalistas, políticos e académicos descreviam os anos 1990 como uma catástrofe profundamente marcante para a população russa.

As mudanças sentidas pelos russos foram bem caracterizadas por Shleifer e Treisman (2004, p. 93),

It has changed from a communist dictatorship to a multiparty democracy in which officials are chosen in regular elections. Its centrally planned economy has been reshaped into a capitalist order based on markets and private property. Its army has withdrawn peacefully from both Eastern Europe and the other former Soviet republics, allowing the latter to become independent countries.

A mentalidade política russa estava em mudança profunda e esse facto refletia-se na forma como sistema e a população se relacionaram neste período. O facto de a sociedade ter entrado numa fase pós-industrial do seu desenvolvimento, aliada à reestruturação liberal iniciada por Gorbachev, provocou a abertura social e exigência de mais autonomia individual e valores relacionados com a autoexpressão. O período de

estagnação vivido anteriormente potenciou a evolução social neste sentido (Friedman, 2009). O regime autoritário havia perdido toda a legitimidade e em muitos países do Pacto de Varsóvia<sup>1</sup> já era possível vislumbrar ambições democráticas.

Vários historiadores costumam admirar-se de que, tendo tido a oportunidade de instaurar um regime democrático na Rússia, nem Lenine, nem seus sucessores tenham feito algo de concreto nesse sentido, com exceção de Mikhail Gorbachev, formado na era pós leninista-estalinista do Partido Comunista da União Soviética.

Durante o período da URSS, o desenvolvimento do país foi feito com base nas orientações do Partido Comunista e de acordo com as exigências militares da Guerra Fria (1945-1989).

A União Soviética, desde o início dos anos 1970, passava por grande fragilidade, evidenciada na queda da produtividade dos trabalhadores, na queda da expectativa de vida e, finalmente, o acidente nuclear de Chernobil em 1986, evento que mostrou a deficiência que a URSS passava (Sogrin, 1994).

As mudanças surgiram com a chegada de Mikhail Gorbachev ao poder em 1985, que pôs em marcha um vasto plano de reformas para salvar a economia, democratiza o regime e impõe um novo estilo. Quando Gorbachev é eleito secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) em Março de 1985, a URSS ainda é considerada uma superpotência ao manter um controlo estreito sobre os países do Pacto de Varsóvia, seguir uma corrida aos armamentos exacerbada, por conduzir uma política expansionista no Terceiro Mundo e por ter invadido o Afeganistão (Abalkin, 1998).

Farhat (1996), no seu livro “Dicionário Parlamentar e Político”, descreve como Gorbachev manifestou publicamente a sua sensibilidade quanto às distorções que o estalinismo havia introduzido nas prioridades nacionais – armamentismo e indústria bélica – para a conquista do mundo, em lugar dos bens aos quais a população russa só agora, com anos e anos de atraso em relação ao resto do mundo civilizado, começava a aspirar.

---

<sup>1</sup> O Pacto de Varsóvia foi uma aliança militar formada em 14 de Maio de 1955 pelos países socialistas do Leste Europeu e pela União Soviética. O Pacto estabeleceu o alinhamento dos países membros com Moscovo e um compromisso de ajuda mútua em caso de agressões militares.

Gorbachev, preocupado em concentrar as energias na construção económica do país e em conciliar os Ocidentais, decide romper com a política externa aplicada por Brejnev, ao diminuir as despesas militares, ao limitar os envolvimento internacionais da URSS e ao abandonar algumas das posições soviéticas mais solidamente estabelecidas. A URSS assina o tratado sobre os euromísseis, renuncia aos SS-20 e aceita a ideia de um equilíbrio convencional na Europa. Esta política, ditada pelo estado real da URSS, conduz ao desmoronar do seu império, ultrapassando os objetivos iniciais de Gorbachev (Farhat, 1996).

O final dos anos oitenta foi marcado pela desilusão do “segundo mundo” pelos seus regimes políticos e, conseqüentemente, pelos partidos comunistas que os serviam. Gorbachev era o símbolo de todo esse sistema que urgia mudar e a mudança estava na palavra de líderes como Ieltsin.

A queda do governo soviético levou a poucos ganhos e muitos problemas para a maioria dos cidadãos da antiga União Soviética e espaço pós-soviético. De certa forma, o desmantelamento da URSS é considerado como uma tragédia nacional.

No que se refere à evolução económica, nenhum país recentemente passou por uma transformação tão profunda e radical como a Rússia de hoje. Abandonou um regime político-económico que perdurou por mais de 70 anos e lançou-se em reformas que visavam alterar a sua própria essência. Foi uma operação de reversão económica de um modelo estatizante, baseado no planeamento económico centralizado, para um sistema oposto. Adotaram como modelo, o estado liberal ocidental, onde o intervencionismo reduz-se a um mínimo e as propriedades estatais foram entregues ao controle e administração privados.

A Rússia tem uma das maiores reservas do mundo de petróleo, gás, minerais e demais produtos estratégicos, que constituem uma fonte potencial de desenvolvimento económico e aceleram a evolução da auto-percepção e da autoconfiança da Rússia como importante ator internacional.

### **1.1. *Perestroika e Glasnost***

Nos anos 1980, a situação da União Soviética era crítica em vários setores. A economia planificada estatal não conseguia uma indústria de consumo forte e eficiente, produzindo mercadorias de baixa qualidade e em sua maior parte obsoletas; a agricultura não apresentava a produtividade desejada; a burocracia soviética e a centralização política geraram distorções de toda ordem, entre elas a corrupção e o emperramento da máquina estatal. Enquanto isso, no Ocidente, fervilhavam as inovações tecnológicas, modernização das indústrias e a sofisticação dos bens e das mercadorias (Sakwa, 2005).

Para se manter como uma grande potência hegemónica, segundo Friedman (2009), a URSS destinava grande parte do seu orçamento para a manutenção do seu enorme exército e da indústria bélica, investindo poucos recursos para o sector civil na busca de novas tecnologias na modernização de seu parque industrial. Por todos esses motivos, tinha poucas condições de concorrer com o Ocidente rico e dinâmico.

No sistema soviético, não havia qualquer concorrência económica ou política. Para acabar com uma estagnação total no Governo e na economia, havia dois métodos. O político, ou seja, a democracia através de eleições, uma imprensa livre e discussões, em que está tudo à vista e quando as pessoas compreendem quem são os seus eleitos. O método económico era o mercado.

Coube a Mikhail Gorbachev a iniciativa de mudar a situação política e económica. Preocupado com a desaceleração do crescimento económico e com o atraso tecnológico da URSS, em 1986, o novo Secretário-geral do Partido Comunista anunciou no 27º Congresso do Partido um ambicioso plano de reformas políticas e sociais para salvar o regime que, como ele próprio reconhece depois, define o que deve ser destruído e mudado, mas não o que deve ser construído no lugar das estruturas antigas, e acaba por precipitar a Queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética (Verkhovskiy, 2003).

Em função desses problemas, Gorbachev começa a abertura da Rússia para o mundo através de introdução de programas: “*Glasnost*” (transparência voltada para a abertura económica), como forma de reavivar o sistema soviético através da concessão de maior liberdade à sociedade, e da “*Perestroika*” (política de reconstrução ou reestruturação),



com o objetivo de modernizar a economia russa com a abertura das fronteiras aos investidores estrangeiros. No âmbito internacional, Tsygankov (2006, p. 35) entende os programas como “uma maior aproximação com o Ocidente”.

Vários historiadores definem os programas e relatam os objetivos. A *Perestroika* consistiu num projeto ambicioso de reintrodução dos mecanismos de mercado, renovação do direito à propriedade privada em diferentes setores e retoma do crescimento. A *Perestroika* visou liquidar os monopólios estatais, descentralizar as decisões empresariais e criar setores industriais, comerciais e de serviços em mãos de proprietários privados nacionais e estrangeiros. O Estado continuaria como principal proprietário, mas foi permitida a propriedade privada em setores secundários da produção de bens de consumo. Na agricultura passou a ser permitido o arrendamento de terras estatais e cooperativas por grupos familiares e indivíduos. A retoma do crescimento foi projetada por meio da conversão de indústrias militares em civis, voltadas para a produção de bens de consumo e de investimentos estrangeiros.

De acordo com Verkhovskiy (2003), os objetivos principais do processo da *Perestroika* eram:

- Reduzir os montantes financeiros gastos em defesa e diminuir o orçamento militar da União Soviética;
- Retirar as tropas soviéticas do Afeganistão;
- Negociar com os Estados Unidos da América a redução de armamento (os acordos de Yalta);
- Não interferir nos outros países comunistas (a Doutrina Sinatra<sup>2</sup>).

A *Glasnost* tinha o significado de liberdade de expressão e de imprensa. Era muito importante porque sem acesso à informação uma pessoa ficava imediatamente à margem da política e da vida real. É possível afirmar que a mesma foi ignorada durante todo o império soviético.

---

<sup>2</sup> A Doutrina Frank Sinatra é uma expressão usada para designar a política de Gorbachev que permitiu a Queda do Muro de Berlim, a emancipação dos países do Leste Europeu ou a retirada das tropas comunistas do Afeganistão, a partir de 1988. Frank Sinatra tem uma música, “I Did It My Way”. Assim, cada país decide o seu caminho a ser seguido.

A *Glasnost* era considerada essencial para mudar a mentalidade social, liquidar a burocracia e criar uma vontade política nacional de realizar as reformas. Incluía campanhas contra a corrupção e a ineficiência administrativa, realizadas com a intervenção ativa dos meios de comunicação e a crescente participação da população. Avançou ainda na liberalização cultural, com a liberação de obras proibidas, a permissão para a publicação de uma nova safra de obras literárias críticas ao regime e a liberdade de imprensa, caracterizada pelo número crescente de jornais e programas de rádio e TV que abrem espaço às críticas (Mikhailovskaya, 2005).

Na opinião de Gorbachev, “se não tivesse havido *Glasnost*, a *Perestroika* nunca teria funcionado” (*cit. in.* Farhat, 1996, p. 162). A *Perestroika* era a participação do povo e a obrigação de tê-lo sempre informado. Era a discussão e o diálogo no seio da sociedade. O poder exercia-se através da *Glasnost* e da liberdade de imprensa. *Glasnost* e *Perestroika* estão estreitamente relacionadas.

Michael Stuermer (2008) caracteriza os anos 80 por mudanças, quer a partir da base, quer a partir do topo. Segundo o autor, Gorbachev entendeu que a economia da União Soviética estava a falhar e sentiu que o sistema socialista certamente necessitava de reformas e de uma mudança rigorosa que incluísse uma maior abertura e transparência. De acordo com o autor, Gorbachev pretendia “revitalizar” o socialismo.

Mikhail Gorbachev explica as mudanças ocorridas na União Soviética no seu livro “*Perestroika – Novas Ideias para o meu País e o Mundo*”, escrito a pedido de editores estrangeiros em 1987, para divulgar a fascinante e surpreendente mudança de rumos na antes monolítica União Soviética.

Em suas próprias palavras,

...os líderes da URSS concluíram, e reiteraram, que há necessidade de uma nova filosofia política. Os líderes soviéticos estão a procurar traduzir ativamente o seu novo pensamento em ideias práticas, principalmente, no campo do desarmamento. Isso foi o que inspirou nossas iniciativas em política externa, que oferecemos com toda a honestidade ao mundo.

A *Perestroika* é uma necessidade urgente, que nasceu da profundidade dos processos de desenvolvimento em nossa sociedade socialista. Esta encontra-se pronta para ser mudada, e há muito tempo anseia por mudanças. Qualquer demora para implantar a *Perestroika*

poderia levar, num futuro próximo, a uma situação interna exacerbada que, em termos claros, constituiria terreno fértil para grave crise social, económica e política. (*cit. in.* Farhat, 1996, p. 163)

Len Karpinski também se debruçou sobre o assunto e sublinhou que,

A *Glasnost* e a *Perestroika* se tornam causa de ressurreição e de defesa da liberdade – para si, para o país e para a história. Elas devem proporcionar uma forma nova de liberdade, inerente, precisamente, ao socialismo. Esta é uma luta gigantesca pela libertação da consciência popular do jugo do estalinismo. (*cit.in.* Pomeranz, 1990, p. 164)

Segundo Farhat (1996), Gorbachev encontrou fortes resistências ao seu propósito de mudar a política interna e externa da União Soviética. Por isso, em 1988, convocou a XIX Conferência, órgão máximo da PCUS, durante a qual reafirmou as suas posições. A XIX Conferência adotou a *Perestroika*, caminho e instrumento para a reestruturação política da União Soviética e do partido, e a *Glasnost*. O autor alega que,

Porém, essa Conferência assinalou, num primeiro tempo, o declínio do predomínio do Partido Comunista e das doutrinas marxista-leninista-estalinista na União Soviética, e, em seguida, o fim da era Gorbachev.

Nessa Conferência, ficou bem clara a rivalidade entre Mikhail Gorbachev e Boris Ieltsin, que terminaria estabelecendo a *débâcle* da União Soviética e o despertar da Rússia do longo sono, que durou quase todo o século XX, durante o qual sonhava sonhos impossíveis de expansão política e domínio militar do mundo (*cit. in.* Farhat, 1996, p. 163).

A *Perestroika* e a *Glasnost* demonstraram dramaticamente a crise do Estado, representando o reconhecimento do fracasso do socialismo. Nos seus discursos, Gorbachev insistia em que a *Perestroika* não significava que os objetivos socialistas seriam abandonados, mas reconhecia definitivamente o fracasso da estratégia estalinista.

Nas suas *Avant-Mémoires*, publicadas em 1993, Gorbachev escreveu que rapidamente se convenceu de que,

O sucesso da *Perestroika* passava pela libertação do país do fardo de uma hipermilitarização tornada absolutamente insuportável, destrutiva e da dominação do complexo militar-industrial, bem como das despesas exorbitantes que fazemos para manter as nossas posições de superpotência fora do país, nos Estados aliados e no Terceiro Mundo (*cit. in.* Boniface, 2009, p. 24).

Numa entrevista ao canal Euronews, Gorbachev declarou que não estava de acordo com a conclusão de fracasso do seu projeto e que para ele foi um sucesso que as reformas democráticas pudessem começar na União Soviética (Euronews, 26/06/2012).

As razões para o seu fracasso foram examinadas por muitos economistas e historiadores. Uma das razões citadas para esse fracasso foi o insucesso na promoção e criação de entidades económicas privadas e semiprivadas e a resistência de Gorbachev em relação a uma reforma na agricultura soviética (Sogrin, 1994).

Outra possível razão seria a má vontade dos altos oficiais do Partido Comunista da União Soviética e da facção liberal apoiada pelos EUA e que tinha como principal líder Boris Ieltsin em aceitar as medidas da *Perestroika*. Enquanto os primeiros não queriam mudanças, os últimos queriam que elas acontecessem mais rapidamente. Isso gerou forte oposição ao projeto da *Perestroika* (Mikhailovskaya, 2005).

Ou seja, a *Perestroika* não só falhou no propósito de trazer benefícios económicos imediatos para a maioria das pessoas, mas o desmantelar da economia criou um caos económico, o que constituiu um fator muito importante para o colapso da União Soviética.

A *Perestroika* teve um papel decisivo na Rússia, na Europa e no resto do mundo, porque foi graças a ela que se produziram mudanças na Europa Central e do Leste. Foi a *Perestroika* que deu lugar ao desarmamento e a muitas outras transformações.

O antigo presidente da URSS afirma que a história de hoje e a do futuro vão desenvolver-se sob influência das ideias e dos projetos da *Perestroika*, que foram decisivos para o futuro da Europa de Leste e mudaram sensivelmente a disposição geopolítica do Planeta (Mikhailovskaya, 2005).

## **1.2. Desagregação da União Soviética**

Desde o fim dos anos 40 do século XX, os países do Pacto de Varsóvia por várias vezes manifestaram a sua recusa face a uma dominação soviética imposta pela força. Um dos

melhores exemplos foi a intervenção na Hungria em 1956 e na Checoslováquia em 1968.

Segundo Pascal Boniface (2009, p. 114), Gorbachev, em visita realizada à Checoslováquia em 1987, expôs a sua visão de uma “casa comum europeia” e considerou que “juntos, coletivamente os Europeus poderão salvar a sua casa, melhorá-la, torná-la mais segura”, admitindo que “cada Nação pode viver a sua própria vida, seguir as suas próprias tradições”.

A atitude de Moscovo mudou de forma radical: em 1988, Gorbachev esclareceu perante a ONU, que a liberdade de escolha deve ser reconhecida aos povos. As suas políticas foram drasticamente revistas. Posteriormente, a mudança de doutrina resultou na emancipação da Europa de Leste (Sogrin, 2002).

Tudo se precipitou em 1989, o ano que constituiu um ponto de viragem na História mundial, quando o sistema internacional se altera radicalmente. Sogrin (2002) enfatiza os acontecimentos de Junho, quando Gorbachev se declarou favorável a uma política de não intervenção e sublinhou que as mudanças sociais destacam as questões internas de cada país. Com efeito, Moscovo não interveio quando a Polónia, em Agosto do mesmo ano, se dotou de um governo não comunista.

Boniface (2009, p. 22) relata que a ameaça de uma intervenção soviética na Europa de Leste foi decididamente afastada,

Desaparecido o medo do polícia soviético, a “barreira” europeia da URSS desmorona-se sob a pacífica pressão das multidões que descem às ruas de todas as grandes cidades do Leste.

Em Setembro, milhares de alemães de Leste abandonaram a sua “democrática” Alemanha. Mikhail Gorbachev aplicou o golpe de misericórdia no regime de Honecker<sup>3</sup>, sublinhando que “aqueles que não se querem reformar serão esquecidos pela História” (*cit. in.* Boniface, 2009, p. 22).

---

<sup>3</sup> Erich Honecker foi um político alemão que governou a Alemanha Oriental entre 1976 e 1989.

Com essas transformações na URSS houve uma repercussão no bloco socialista, em especial, nos países satélites que estavam sob influência soviética desde o fim da Segunda Guerra Mundial. A 9 de Novembro de 1989, já nada se opõe à queda do Muro de Berlim. Mais tarde, a Alemanha do Leste<sup>4</sup>, a Checoslováquia, a Polónia e a Hungria dotam-se de representantes democraticamente eleitos. Nem a Bulgária e nem a Roménia escaparam ao “vento de Leste”.

As estruturas instaladas pela União Soviética no momento da constituição do seu bloco foram rapidamente postas em causa. Os Partidos Comunistas das Repúblicas Federais tornaram-se os principais responsáveis pelo fim do regime. Em 1990, o líder do Partido Comunista da República Socialista Soviética da Lituânia foi o primeiro a exigir mais autonomia no funcionamento das células regionais (Abalkin, 1998).

No contexto das eleições de 1990-1991, os partidos comunistas aperceberam-se da necessidade de usar argumentos nacionalistas para as ganhar. Em pouco tempo transformaram-se em verdadeiros partidos nacionalistas, promovendo várias declarações unilaterais de independência.

Assim, as Repúblicas Federais da URSS rapidamente declararam a sua autonomia definitiva. Segundo Abalkin (1998), no dia seguinte ao atentado contra Gorbatchev, a Letónia abriu o caminho, seguida da Moldávia. Com o objetivo de acelerar o processo, o Ocidente reconhece os novos países e inviabiliza uma reação eficaz de Moscovo.

A Federação da Rússia declarou a sua soberania económica e política em junho de 1990, desafiando a autoridade soviética. A república reteve as verbas do centro, iniciando uma estratégia reformista de mercado e estabelecendo a sua própria segurança e estruturas de comunicação independentes.

A situação tornou-se incontrolável e a desintegração do império era inevitável. Em 1991, todo o sistema foi posto em causa, assim como a integridade territorial soviética, a sua identidade jurídico-política e as suas instituições governamentais.

---

<sup>4</sup> A reunificação da Alemanha ocorreu em 3 de Outubro de 1990, quando o território da antiga República Democrática Alemã foi incorporado na República Federal da Alemanha.

Apesar de independentes, os novos Estados herdaram problemas bastante complicados, criados principalmente com a era estalinista e as políticas de migrações forçadas. Como resultado, no início dos anos 1990, o desmembramento do espaço soviético deu origem a várias tensões e conflitos, nomeadamente, a guerra entre Azerbaijão e Arménia, a guerra civil na Geórgia, provocada pelos movimentos independentistas da Abcázia e Ossétia do Sul, a declaração unilateral de independência da República da Transnístria contra a unidade moldava, a guerra civil no Tajiquistão e as tensões entre os Governos da Estónia e Letónia contra as minorias russas (Fernandes, 2006).

Os países com mais protestos e exigências por democracia foram os que sofreram avanços mais rápidos e profundos no sentido da mudança. O sucesso de tais movimentos tinha como uma das principais dificuldades o facto de o sistema comunista já conferir grandes direitos económicos com oportunidades iguais para todos.

Segundo Boniface (2009), depois do Conselho de Assistência Económica Mútua (CAEM), o Pacto de Varsóvia é dissolvido em julho de 1991, e as tropas soviéticas retiram-se progressivamente de todos os países da Europa de Leste.

O destino da União Soviética foi selado a 8 de dezembro de 1991, na Bielorrússia, quando Boris Ieltsin e os homólogos, os presidentes ucraniano e bielorrusso, firmam a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Com o desmembramento da URSS, as 15 repúblicas tornaram-se independentes e procuraram manter as suas fronteiras e se fortalecer em relação ao antigo poder central. Cada República Federal procurou seguir um caminho independente. Para manter algum controlo nas novas repúblicas independentes da antiga URSS e voltar ao centro da região euro-asiática, a Federação Russa promoveu a construção da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Doze Repúblicas Federais reagruparam-se no seio da CEI (cf. Anexo 1), menos os países Bálticos.

Gaidar (2012, p. 369) identifica como principal objetivo “o apoio à reintegração dos países da ex-União Soviética, primeiro economicamente, mas também militarmente e talvez politicamente”. Um outro objetivo não declarado terá sido criar uma zona de defesa à volta dos seus territórios fronteiriços, alguns dos quais Repúblicas Autónomas.

Do ponto de vista de vários historiadores, a URSS desmoronou-se uma vez que a economia soviética não podia aguentar mais o fardo imperial. Para muitos, o desmoronar soviético surpreendeu simultaneamente pela amplitude e pela rapidez, na medida em que a ameaça soviética e a dominação que ela exercia, nomeadamente sobre a Europa de Leste, parecia fazer parte de uma paisagem eterna.

Fernandes (2006) considera que a implosão da URSS contribuiu para uma desestabilização regional e a substituição da ameaça nuclear por perigos difusos. A autora afirma que “o desaparecimento da URSS, em 1991, marca o epílogo de um período da história das relações internacionais definido pela bipolaridade. Também veio alterar de forma total o quadro estratégico” (Fernandes, 2006, p. 67).

Para Sakwa (2011, p. 58),

With the disintegration of the USSR in December 1991, Russia finally emerged as an independent state, but it was immediately plunged into an extended succession crisis in which personal conflicts were overshadowed by a struggle between institutions, primarily the presidency versus parliament.

A década de 1990 representou um período de rápidas e profundas mudanças na estrutura político-social da Rússia e dos outros países que faziam parte da URSS.

Para muitos autores, a política de Gorbachev conduziu ao desmoronar do Império Soviético, ultrapassando assim os objetivos iniciais dos seus programas. Vários atores políticos internacionais apresentam entendimentos diferentes sobre a imagem do primeiro e último presidente da URSS. Solovyov (2009, pp.10-11) destaca o elogio dado pelos Ocidentais à imagem de Gorbachev:

A classificação do presidente soviético, Mikhail Gorbachev, atingiu os resultados fantásticos, como nunca nenhum dos políticos ocidentais sonhou. Nos EUA, o simpático “Gorby” tornou-se uma lenda. Os americanos não entendiam absolutamente o porquê as pessoas da terra natal do Mikhail o tratavam de maneira completamente diferente, pois para eles ele era o herói do século XX!



Na Rússia, como se sabe, a sua reputação é baixa, a autoridade é quase inexistente e a influência é igual a zero.<sup>5</sup>

A partir da ascensão de Gorbachev ao posto de secretário-geral do Partido Comunista da URSS, a União Soviética experimenta uma fase de transição para a nova ordem política e uma nova orientação nas relações internacionais. Com as reformas económicas e políticas, sucederam-se movimentos que Gorbachev não conseguia controlar, conduzindo a uma grave crise política, económica e social e à sua própria queda.

A crescente instabilidade económica e a perspectiva da desintegração territorial levaram a uma tentativa de golpe para reestabelecer a predominância do partido centralizado e interromper a degradação do Estado soviético e evitar o seu colapso.

A disputa entre Ieltsin e Gorbachev ilustra a fase de transição pela qual a região passava. Boris Ieltsin, primeiramente afastado, por ter criticado o plano de reformas para salvar a economia e democratizar o regime do Gorbachev, e depois reabilitado, ascendeu rapidamente e converteu-se no presidente da Rússia, em 1991.

Zlobin (2009) relata os acontecimentos desse ano: um grupo de conservadores do Partido Comunista tentou fazer um golpe de Estado, aproveitando uma viagem de Gorbachev à Crimeia. A população mobilizou-se contra os golpistas e Ieltsin subiu a um tanque a fim de incentivar a população a resistir. O Exército colocou-se ao lado dos manifestantes. O golpe fracassa e Ieltsin tornou-se o homem forte do país. Os reformistas, liderados por Ieltsin, passaram a representar a principal força política do país.

A presidência de Boris Ieltsin ficou associada ao fim da URSS. Foi o período em que a Lituânia, Letónia e Estónia interditaram os respetivos partidos comunistas, e em que a Ucrânia, a Bielorrússia, o Uzbequistão e o Quirguistão declararam a sua independência.

---

<sup>5</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: Рейтинг президента СССР Михаила Горбачёва взлетел до таких фантастических высот, которые и не снились ни одному западному политику. В США симпатичный «Горби» стал просто легендой. При этом американцы совершенно не понимали, почему люди на Родине Михаила относятся к нему совсем по-другому. Ведь он же - герой XX века!

В России, как известно, его репутация невысока, авторитет почти отсутствует, а влияние равно нулю.

Ao mesmo tempo, intensificaram-se ainda os processos de mudança nas restantes repúblicas.

A área de influência russa reduz-se consideravelmente e Ieltsin procede à neutralização política dos comunistas, privatiza a economia e aceita o pluralismo político. Segundo Morais (2006), para o russo comum, esse tempo está associado à perda do poder económico, à instabilidade e à corrupção e ao declínio de uma grande potência no plano internacional.

A desagregação da União Soviética colocou sérios problemas para a comunidade internacional, sobretudo em relação ao controle do arsenal nuclear, embora a Rússia tenha assumido a garantia de todos os compromissos internacionais da URSS.

Depois da desintegração, como afirma o próprio Gorbachev,

A Rússia continua a desenvolver-se, a economia de mercado e o pluralismo em diferentes áreas como a política, as ideologias, a religião, etc. Mais ainda, hoje podemos ver como resultado dessas mudanças, que já nada pode obrigar o país a fazer marcha atrás, apesar de a *Perestroika* ter sido interrompida à força. Portanto a *Perestroika* ganhou, fui eu quem perdeu como homem político... mas isso acontece. (*cit. in.* Farhat, 1966, p. 164)

### **1.3. Evolução sócio-económica**

Popov (2007), ao examinar o colapso da economia russa nos anos 1990 (em comparação com outras economias em transição), considera que as transformações nessa década não decorreram tanto da estratégia de abertura em si, mas sim da consequência de um fator maior: o colapso do Estado na URSS.

A consequência mais importante da reforma económica foi o aumento acentuado nas taxas de pobreza e desigualdade socioeconómicas, que cresceram consideravelmente desde o fim da era soviética. A economia russa afundou-se numa profunda depressão em meados dos anos 90, que se tornou maior, devido ao colapso de 1998, e começou a recuperar entre 1999-2000 (Dossier do Mercado: Rússia, 05/2007).

Medeiros (2011) contempla a interessante discussão a respeito da desaceleração do crescimento económico na Rússia nos anos 1990, combinada com a análise da crise do poder político no sistema soviético e dos limites da estratégia de reformas levadas a cabo durante os anos de Gorbachev. O autor prossegue com uma análise do que considera a reconstrução do Estado russo já na era Putin, aduzindo que a

A primeira década do novo milênio pode ser descrita como a da afirmação de um projeto nacionalista de recuperação do Estado russo, ancorado em um padrão de acumulação baseado na expansão e na internacionalização dos mercados internos e na exportação de recursos naturais (Medeiros, 2011, p. 29).

As estimativas do Banco Mundial indicaram que, embora em 1988 apenas 1,5% da população vivesse em situação de pobreza com rendimento mensal abaixo de 25\$ por mês, em meados de 1993, já 45% da população vivia em situação de pobreza. O rendimento médio mensal *per capita* caiu de 72\$ para 32\$. A renda *per capita* caiu mais 15% em 1998 (Hoffman, 2003).

Os indicadores de saúde pública mostraram um declínio dramático. Em 1999, a população total caiu cerca de três quartos de um milhão de pessoas. Enquanto isso, a expectativa de vida dos homens caiu de 64 em 1990 para 57 em 1994 e a das mulheres de 75 para 71 anos. Os fatores de saúde e o aumento do número de mortes não naturais (como homicídios, suicídios e acidentes) contribuíram para esta tendência. Em 2004, a expectativa de vida foi maior do que depois da crise em 1994, mas ainda permaneceu abaixo do nível de 1990. As mortes relacionadas com o alcoolismo aumentaram 60% em 1990. Mortes por doenças infecciosas e parasitárias cresceram 100%, principalmente, porque os medicamentos não estavam mais acessíveis para os pobres. Atualmente, existem aproximadamente 1,5 vezes mais mortes do que nascimentos por ano na Rússia (Golosov, 2004).

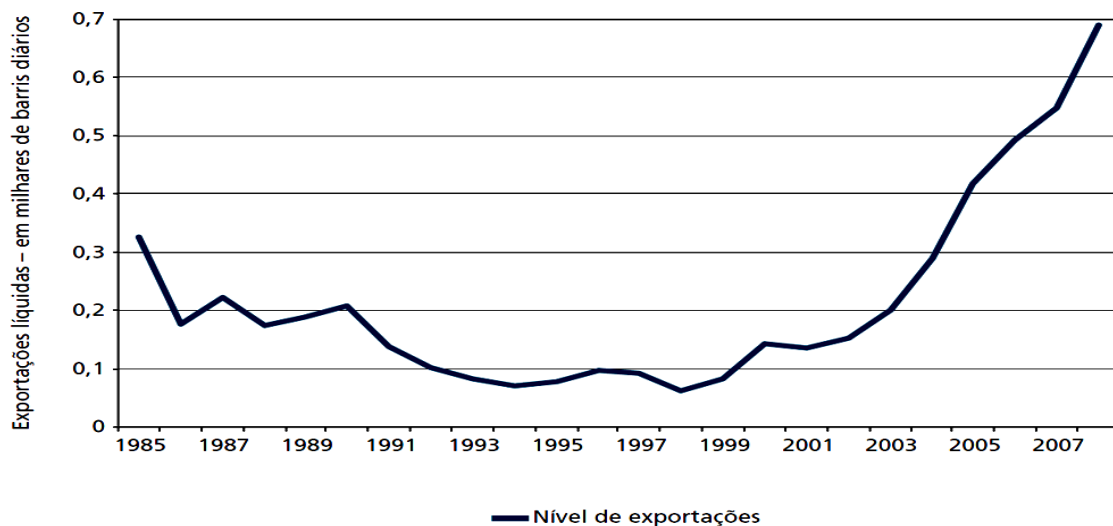
Embora a escassez da oferta de bens de consumo característico da década de 1980 deixasse de existir, não só devido à abertura do mercado russo às importações no início dos anos 1990 mas também devido ao empobrecimento da população russa na década de 1990, as desigualdades sociais aumentaram fortemente durante a década de 1990.

Quando ao poder e à administração chegou um bloco económico mais forte e talentoso, havia um sentimento de que a Rússia finalmente iria passar das palavras aos atos. Solovyov (2009, p. 418) expressa uma das suas ideias:

Se olharmos para a Rússia atual, para o modo de desenvolvimento da sua economia, como o país seguramente desce da "agulha de petróleo", pode-se chamar de bloco económico mais competente e profissional do mundo hoje em dia. O Presidente, o Primeiro-ministro, a administração presidencial e o governo sabem bem o que querem e como alcançá-lo.<sup>6</sup>

O seguinte gráfico demonstra a evolução de exportações de petróleo da Rússia:

**Gráfico 1 – Exportações de petróleo da Rússia (1985-2007)**



**Fonte:** Fundo Monetário Internacional (FMI), 2012.

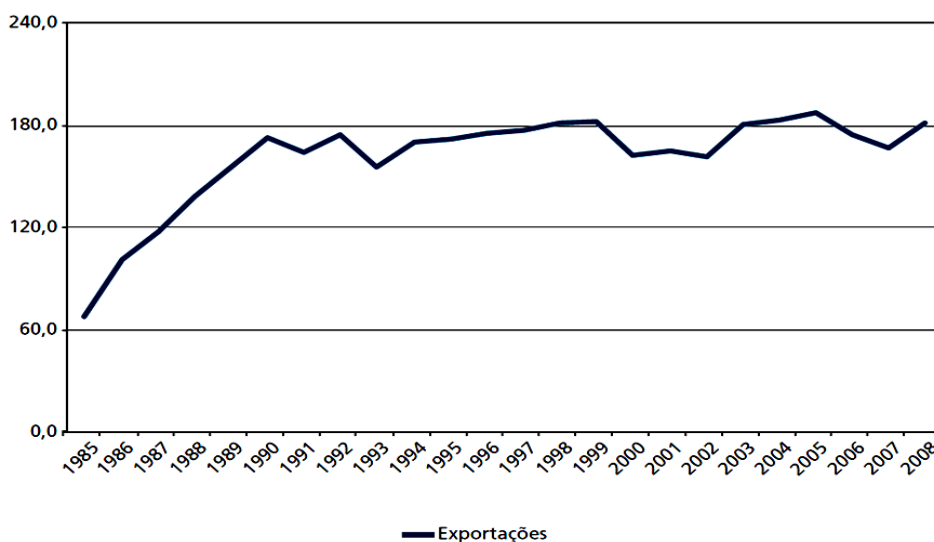
Com uma economia muito diversificada, a Federação Russa possui importantes recursos naturais e humanos, que constituem uma fonte potencial de desenvolvimento económico. Contudo, o planeamento central enviesou o desenvolvimento a favor das indústrias pesadas, que fizeram um uso intensivo de matérias-primas e energia, protegendo subsectores relacionados e negligenciando os bens de consumo, a agricultura e os serviços (Dossier. Mercado: Rússia, 05/2007).

<sup>6</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: Если посмотреть на Россию, как развивается наша экономика, как мы постепенно, но уверенно слезаем с "нефтяной иглы", можно сказать, что этот экономический блок, должно быть, самый грамотный и профессиональный на сегодняшний момент в мире. Президент, премьер, администрация президента и правительство четко понимают, чего они хотят и как этого добиться.

A Rússia é extremamente rica em recursos minerais, o que fez do país uma importante fonte de fornecimento de vários tipos de minérios e, em muitos casos, o líder mundial na produção e exportação. O país representa quase 11% da produção mundial de petróleo, um quarto da produção global de gás natural e um quinto das reservas globais, no que se refere ao níquel e ao cobalto.

Relativamente ao gás natural, no período entre 1985 e 1990, houve uma subida acentuada das exportações, mas a partir da dissolução da URSS notou-se uma evolução estável, de acordo com o gráfico abaixo:

**Gráfico 2 – Exportações de gás na Rússia (1985-2008)**



Fonte: FMI, 2012.

A Rússia é também líder na produção de carvão, ferro, metais não ferrosos, ouro, platina e diamantes. Uma das consequências desta vasta oferta é a de que a produção, a distribuição e o consumo de energia na Rússia são muito desperdiçados, para os níveis da Organização para a Cooperação de Desenvolvimento Económico<sup>7</sup> (OCDE), tendo este problema sido exacerbado pelos subsídios aos preços e falta de regulamentação sobre o ambiente.

<sup>7</sup> Organização para a Cooperação de Desenvolvimento Económico (OCDE): uma organização internacional de 34 países que aceitam os princípios da democracia representativa e da economia de livre mercado.

A economia é dominada por grandes empresas industriais, encontrando-se as pequenas e médias empresas (que noutras economias em transição foram uma importante fonte de crescimento) num estágio de nítido subdesenvolvimento. As pequenas e médias empresas representam apenas 10-15% do Produto Interno Bruto (PIB)<sup>8</sup> russo, comparado com 50% nas economias desenvolvidas de mercado e nas mais avançadas economias em processos de transição (Dossier do Mercado: Rússia, 05/2007).

Quanto à silvicultura, refira-se que cerca de 45% da superfície do país é florestada e a madeira é uma das mais importantes exportações. A Rússia é um dos principais produtores e exportadores mundiais de madeira, embora a comercialização não permita ao sector atingir o seu potencial.

No que se refere aos números, estes não parecem muito negativos. Segundo Ostrovsky (2011), correspondente da “*The Economist*” em Moscovo, a economia russa vai crescer mais de 4% em 2012, a inflação está a diminuir e o desemprego não é elevado. Mas estes números não refletem a enorme estagnação e fraqueza estrutural da Rússia.

Nos últimos 12 anos, sob a alçada de Putin, a economia e o orçamento russos tornaram-se cada vez mais dependentes dos preços do petróleo e do gás natural, que representam hoje dois terços das exportações do país. O correspondente afirma que,

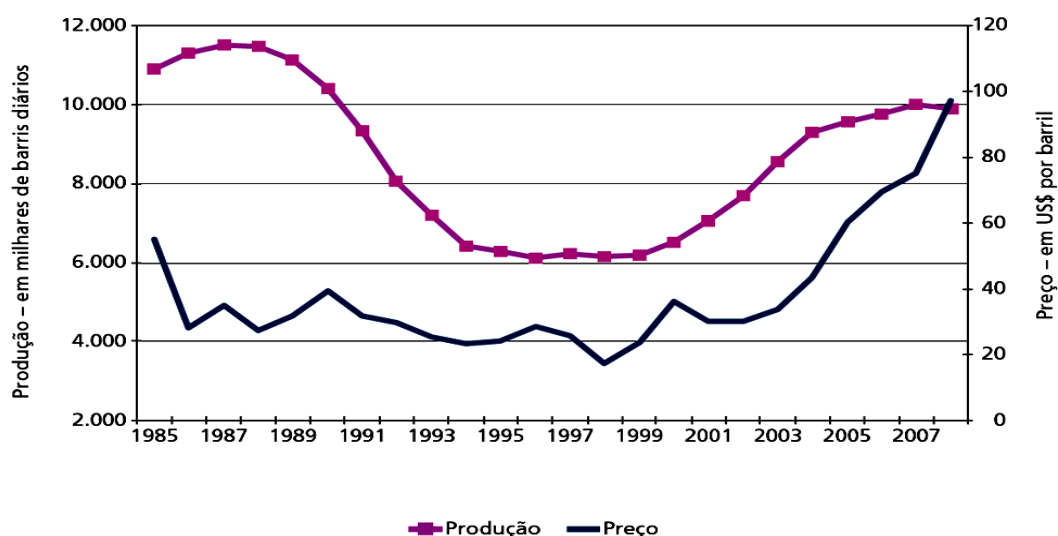
Para equilibrar o orçamento e simultaneamente manter as promessas pré-eleitorais a Rússia precisa de vender o barril do petróleo a 120 dólares. Há seis anos, o orçamento assentava num preço de 50 dólares. (Ostrovsky, 2011, p. 39)

O gráfico seguinte demonstra a evolução da produção e preço do petróleo na Rússia:

---

<sup>8</sup> Produto Interno Bruto (PIB): representa a soma (em valores monetários) de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região durante um período determinado.

**Gráfico 3 – Produção e preço do petróleo na Rússia (1985-2007)**



Fonte: FMI, 2012.

Ou seja, com a chegada de Putin ao poder, tanto a produção como o preço do petróleo na Rússia começaram a aumentar constantemente.

Para uma percepção clara da realidade socioeconómica da Rússia, apresenta-se a seguinte tabela com a informação mais relevante sobre este país.

**Tabela 1 – Indicadores Económicos da Federação Russa (2011)**

Área	17.075.400 Km <sup>2</sup>
População	141.2 Milhões de habitantes
Moeda	Rublo Russo (RUR)
PIB	1.926 Biliões USD
PIB <i>per capita</i>	13 650 USD
Crescimento do PIB	3.7%
Inflação	6.7%
Exportações	303.4 Biliões USD
Posição mundial	12º Exportador
Importações	191.8 Biliões USD
Posição mundial	18º Importador

Fonte: *The Economist Intelligence Unit* (2011).

A população russa tem diminuído gradualmente devido ao envelhecimento populacional e à baixa taxa de natalidade, sendo que, atualmente, tem 141.2 milhões de habitantes.

A riqueza em recursos naturais fez da Rússia um grande exportador e importador a nível mundial, ocupando as 12ª e 18ª posições, respetivamente.

De acordo com o Relatório do Desenvolvimento Humano de 2011, a Federação Russa ocupa a 66ª posição na classificação do Índice do Desenvolvimento Humano (IDH<sup>9</sup>), onde estão incluídos 187 países, e faz parte dos países com desenvolvimento humano elevado. Em baixo, seguem alguns dados importantes para uma melhor perceção da sua situação:

**Tabela 2 - Classificação do IDH (2011) e seus componentes**

Posição	<b>66. Federação Russa</b>
Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (Valor)	0.755
Esperança de vida à nascença (anos)	68.8
Média de anos de escolaridade (anos)	9.8
Anos de escolaridade esperados (anos)	14.1
Rendimento Nacional Bruto (RNB <sup>10</sup> ) <i>per capita</i> (PPC USD 2005 Constante)	14.561
Classificação do RNB <i>per capita</i> menos classificação do IDH	-13
IDH de não-rendimento (Valor)	0.777

**Fonte:** Relatório do Desenvolvimento Humano 2011.

O IDH da Rússia equivale a 0.755. Os componentes da sua classificação têm evoluído. A esperança de vida à nascença, que indica o número de anos que uma criança recém-nascida poderia esperar viver se os padrões prevalecentes das taxas de mortalidade por idades e a data do nascimento permanecessem iguais ao longo da sua vida, é de 68.8 anos.

No que se refere à educação, a média de anos de escolaridade recebida por pessoas a partir dos 25 anos, convertida a partir dos níveis de realização educativa usando as durações oficiais de cada nível, constitui 9.8 anos. A média dos anos de escolaridade

---

<sup>9</sup> Índice do Desenvolvimento Humano (IDH): Um índice composto que mede as realizações em três dimensões básicas do desenvolvimento humano - uma vida longa e saudável, o conhecimento e um padrão de vida digno.

<sup>10</sup> Rendimento Nacional Bruto (RNB) *per capita*: Rendimento agregado de uma economia gerado pela sua produção e posse dos fatores de produção, deduzido dos rendimentos pagos pela utilização de fatores de produção pertencentes ao resto do mundo, convertido para dólares internacionais usando as taxas de paridade de poder de compra (PPC) e dividido pela população a meio do ano.

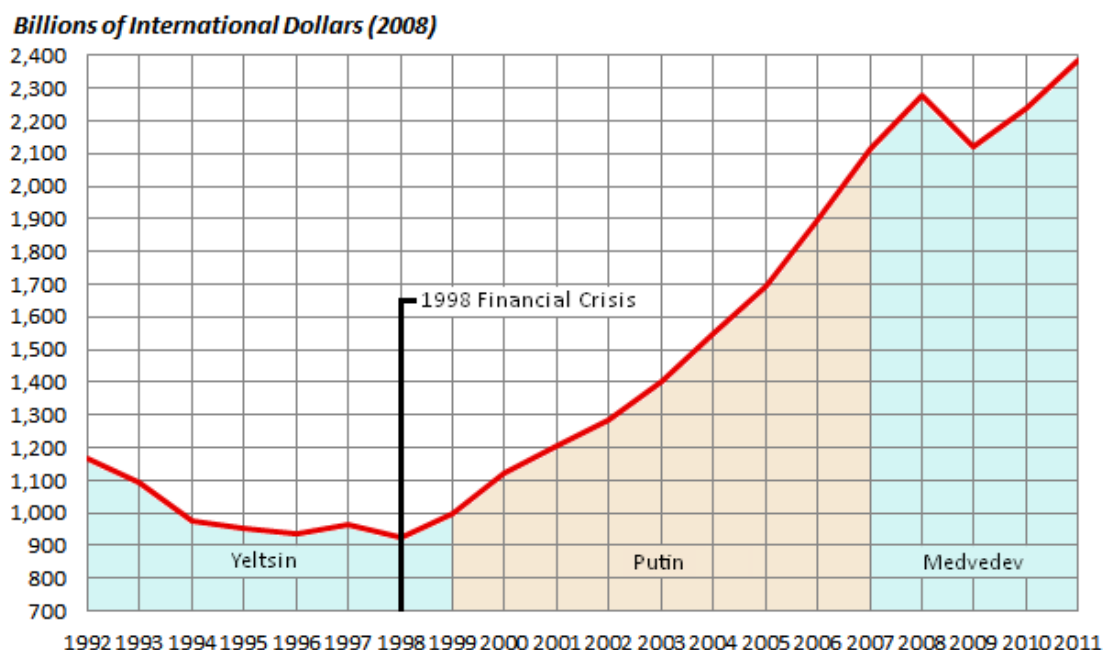


que uma criança em idade de entrada na escola pode esperar receber, se os padrões prevalentes das taxas de matrícula por idades persistirem ao longo da sua vida, é de 14.1.

No que diz respeito a RNB *per capita*, o mesmo é de 14.561 dólares. A classificação do RNB *per capita* menos classificação do IDH mostra um valor negativo (-13) o que significa que o país está mais bem classificado no RNB do que no IDH. O IDH de não-rendimento, por sua vez, é calculado somente a partir dos indicadores da esperança de vida e da educação, e constitui 0.777 valores.

O seguinte gráfico mostra o desenvolvimento da economia russa desde a dissolução da URSS.

**Gráfico 4 – Evolução do PIB da Rússia (1992-2002)**



**Fonte:** Fundo Monetário Internacional, 2012.

Durante a presidência de Ieltsin, era notória a influência particularmente forte de vários fatores económicos que conduziram para um estado incapacitado. A popularidade de Putin, que decorre da sua reputação como um líder forte e eficaz, permanece em contraste com a impopularidade do seu antecessor, mas depende de uma contínua recuperação económica. Putin chegou ao poder num momento favorável: após a

desvalorização do rublo em 1998, que elevou a procura por bens domésticos, enquanto os preços mundiais do petróleo cresciam.

Com a chegada de Putin ao poder, muitos oligarcas que tinham tomado posse dos imensos recursos da ex-república soviética foram eliminados do cenário económico, recuperando o capital do Estado, especialmente no gigante setor de energia. Várias empresas de petróleo e gás foram nacionalizadas, como a Gazprom.<sup>11</sup> Foi posta uma grande confiança no serviço da política ambiciosa do presidente Putin (Hoffman, 2003).

Com efeito, durante os sete anos da sua presidência, o PIB real cresceu em média 6,7% por ano, e um saldo positivo, de forma consistente no orçamento federal, permitiu que o governo cortasse 70% da dívida externa. Portanto, muitos atribuíram a ele a recuperação da economia Russa (Khanna, 2009).

O governo do presidente Vladimir Putin (2000-2008) traçou como objetivo sistémico do país recuperar sua condição de grande potência, o que necessariamente implica a manutenção da Rússia como líder da região composta pelos países da CEI.

A Rússia herdou a dívida externa total da URSS e aproveitou a extraordinária elevação do preço do petróleo para realizar um pagamento antecipado da dívida contraída junto ao FMI. Com o declínio do endividamento e com a regularização das despesas públicas, houve uma rápida reestruturação da posição patrimonial do Estado russo (Medeiros, 2011).

Ultrapassada a instabilidade política dos anos 1990 e o período de reconstrução do Estado durante a era Putin, a Rússia atual recuperou o seu papel histórico de *global player*, ou seja, de país com interesses globais e capacidade de influência na conjuntura internacional.

No plano económico, a Rússia tem participação ativa no G-20 financeiro e busca ampliar sua inserção no sistema multilateral de comércio por meio da renovada prioridade à Organização Mundial do Comércio (OMC), à qual aderiu recentemente. É

---

<sup>11</sup> Gazprom é uma empresa estatal que controla a produção e a comercialização de energia russa. É a maior empresa da Rússia e é a maior exportadora de gás natural do mundo o que lhe confere a décima quinta posição no *rank* das maiores empresas mundiais.

interessante observar que a Rússia tenta estar mais presente no sistema multilateral económico não na condição de país desenvolvido, mas como emergente, ao lado do Brasil, da Índia e da China. Disto decorre a importância estratégica conferida pela Rússia à consolidação do grupo BRIC, composto por Brasil, Rússia, Índia e China.

O aumento da importância do petróleo e do gás como elementos de poder nacional, além de outras questões, acelerou a evolução da auto-perceção e da autoconfiança da Rússia como importante ator internacional que passou por uma nova mudança, com um projeto nacional de reconstrução económica e poder político.

Os diferentes aspetos permitem compreender o fascinante e complexo processo de transformação que vive a Rússia, 20 anos após a dissolução da URSS, bem como os desafios inerentes a tal processo, como a transparência política e a democracia que vamos analisar nos capítulos seguintes.

## Capítulo 2. O Sistema Político Russo

Como vimos no capítulo anterior, a última década do século XX começou com a continuidade e a aceleração do processo de desmembramento do poder soviético, iniciado na década anterior e terminando com o colapso do regime socialista na URSS e a própria desagregação do país que teve repercussões imediatas no sistema de relações internacionais. A decomposição da URSS foi o principal facto geopolítico do final do século XX, que gerou profundas modificações em todo o leste europeu e alterou a ordem mundial.

A URSS desintegrou-se por a situação se encontrar crítica em vários setores, nomeadamente, o esgotamento económico, a falta de investimentos, a distorção de toda a ordem gerada pela burocracia soviética e a centralização política, a corrupção, etc. Quando o sistema adquire ambiguidades e transposições de limites de poder, a tendência é desmoronar-se a partir de dentro.

O fim do período soviético coincidiu com o tempo quando o país foi governado pelo Gorbachev, cujo nome é associado a programas “*Perestroika*” e “*Glasnost*”. As tentativas de concretização de reformas liberais no país com o intento de superação do seu atraso económico não foram bem-sucedidas. A época da União Soviética chegou ao seu fim.

Desde que ganhou a sua independência, com o colapso da União Soviética no fim de 1991, a Rússia enfrentou sérios desafios no seu esforço para criar um sistema político após 75 anos de governação soviética.

Após a dissolução da União Soviética, na Rússia houve seis mandatos presidenciais. Neste capítulo, referimos o período de presidência de Boris Ieltsin alcançado após as primeiras eleições livres e secretas na história do país; a eleição vitoriosa de Vladimir Putin e o nível da sua popularidade que permitiu que o seu poder fosse bastante grande e a análise do mandato presidencial do liberal-democrata Dmitriy Medvedev com as reformas implementadas.

No que diz respeito aos órgãos de soberania, faremos uma breve abordagem para uma melhor perceção do funcionamento do sistema político e administrativo da Federação

Russa. O Presidente da Rússia é o chefe do Estado e o protetor da Constituição que prevê a primazia das leis federais, permite um maior grau de autonomia para todas as entidades da Federação e estabelece a existência de uma legislatura de duas câmaras, nomeadamente, a Assembleia Federal e a Duma do Estado.

Os três poderes do Estado – Legislativo, Executivo e Judiciário – são independentes uns dos outros e representados pelo Presidente, Assembleia Federal e Governo e os Tribunais, respetivamente.

### **2.1. A Presidência de Ieltsin: “Federalismo contratual”**

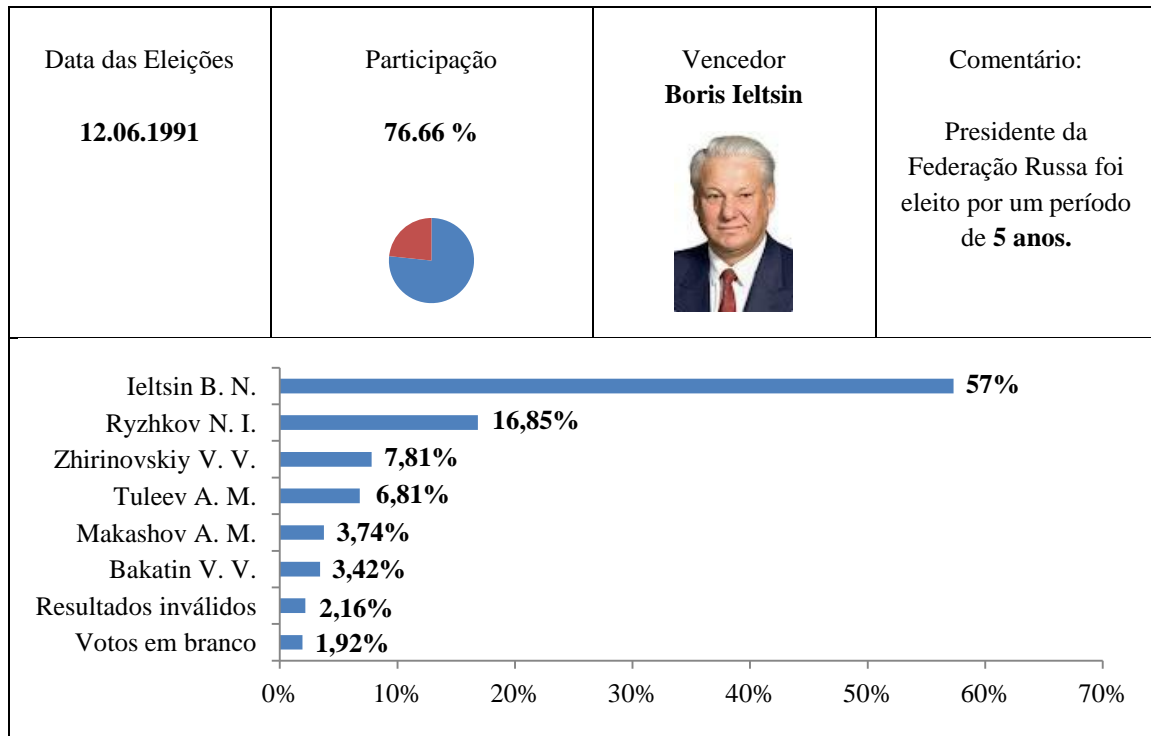
Boris Ieltsin teve um importante papel na história da União Soviética e da Federação Russa. Com o crescimento do prestígio do dirigente populista Ieltsin, chefe do Partido Comunista de Moscovo, em março de 1990, foi eleito Presidente do Soviete Supremo da URSS.

Três meses depois, Ieltsin consegue homologar no Parlamento uma Declaração de Soberania que determina a superioridade das instituições da Rússia sobre as da URSS na política do país, o que esvazia a autoridade de Gorbachev, estimulando desse modo as reivindicações autonomistas, que ganham força nas demais repúblicas da URSS (Abalkin 1998).

Foi o primeiro presidente da Rússia eleito democraticamente nas primeiras eleições livres e secretas na história do país e liderou o país entre 1991 e 1999.

Na sequência da introdução de um sistema presidencialista, em 12 de junho de 1991, Ieltsin ganha as eleições com 57% de votos para um mandato de 5 anos, de acordo com o quadro seguinte:

### Quadro 1 – Resultados das Eleições Presidenciais de 1991 na Federação Russa



**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados disponibilizados pelo *site* russo «www.mail.ru».

O período entre 1990 e 1993 foi caracterizado pela luta de Ieltsin com Gorbachev (até 1991) e, mais tarde, com o Soviete Supremo.

Azarova (2008, p. 259) esclarece o que levou à predominância do modelo de negociação, o chamado “*bargaining model*”:

The absence of strict hierarchical regulations and a coherent strategy on the one hand, and the tendency to establish new federal structures by a "policy of visits" and ad hoc negotiations on the other, led to the predominance of the bargaining model.

Após a retificação da Constituição russa, foram criadas as relações hierárquicas formais a fim de criar incentivos poderosos para cooperar. Além disso, com a situação de deflação do poder, não era do interesse do governo federal definir as regras claras para o jogo. Solnick (1995, p. 56) alega que estabelecer regras uniformes rigorosas pode não ter resultados em dissuadir os desafios do futuro dos seus constituintes, porque “the reputation of the national government is just as likely to be eroded as enhanced by such an arrangement”.

Esta política foi definida por Stoner-Weiss (1997) como “*Contratual Federalism*”, que substitui o “*Constitutional Federalism*”.

Uma das reformas mais relevantes realizadas por Ieltsin foi a formação do Conselho da Federação, uma câmara alta semelhante ao Senado dos EUA. Este era composto por dois deputados representantes de cada região: um para representar a Assembleia Legislativa das províncias e outro para a representação do chefe local, normalmente o governador, que foi quem mais ganhou com o novo sistema, juntando o poder executivo das províncias com o poder legislativo do Conselho. Um dos seus poderes mais significativos era o direito de veto às decisões da Duma a fim de controlar os “excessos de democracia” da câmara baixa, diretamente eleita (Petrov e Slider, 2005).

Colton e McFaul (2005, p. 17) afirmam que “o Conselho da Federação funcionava sobretudo como *lobby* para os interesses regionais”, que dessa maneira poderiam vetar decisões menos favoráveis adotadas na Duma. E, segundo Petrov e Slider (2005), com estas novas funções, o poder e legitimidade dos governadores e a autonomia real das 21 Repúblicas Autônomas aumentaram exponencialmente. A única entidade que assumidamente rejeitou negociar foi a Chechênia, em coerência com a pressão exercida para a independência total. A região chegou ao ponto de expulsar todos os representantes do Governo central do seu território, começando a Primeira Guerra Chechena, em 1994, até chegar a um tratado de paz em 1996 que, no entanto, foi violado pouco tempo depois.

A análise deste conflito, por limitações de espaço, aplica-se apenas à importância que tem no contexto do Federalismo Russo. Durante a URSS, o Cáucaso foi uma das regiões mais problemáticas, pois não possuía o estatuto necessário para ganhar a independência total no quadro das negociações feitas, pelo que foi integrada na Federação Russa. As tensões intensificaram-se originando o conflito aberto por duas vezes (1994-1996 e 1999-2000). O problema da Chechênia é um dos mais difíceis de resolver no quadro federal: a independência poderia causar um efeito dominó na região e conduzir à secessão de outros sujeitos da Federação (Golosov, 2004).

De certo modo, a oposição chechena enquadra-se na teoria do “Choque das civilizações” de Huntington (1996) na medida em que os chechenos usam o islamismo como arma e causa por estarem em jogo questões fundamentais de identidade.

Estes conflitos tiveram repercussões bastante importantes para a unidade federal que dificilmente se tentava construir. De acordo com a Constituição Russa, se o Estado federal insistir em provar a sua superioridade pela força militar, está a desrespeitar a soberania da Constituição federal e a paridade entre os sujeitos da Federação, para além de simplesmente falhar num dos seus princípios mais básicos: proteger a sua população.

Apesar da importância deste conflito, o receio do efeito dominó, que marcou as políticas russas relativamente às minorias em vários pontos da sua história, deixou de fazer sentido. As Constituições soviéticas procuraram resolver sem sucesso o problema das minorias nacionais e a gestão do seu poder dentro de um quadro federal.

Graças à vontade e à iniciativa direta de Boris Ieltsin, em Dezembro de 1993, foi aprovada uma nova Constituição, que proclamou os direitos humanos, valor supremo que abriu às pessoas a possibilidade de se exprimirem livremente, de escolherem o poder no país e de realizarem os seus planos criativos e pessoais. Esta Constituição permitiu começar a construção de uma federação real e eficaz.


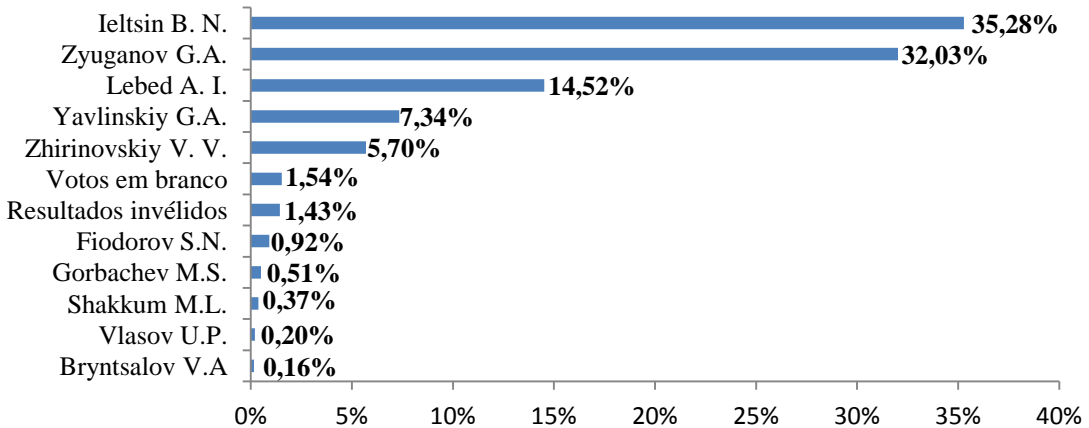
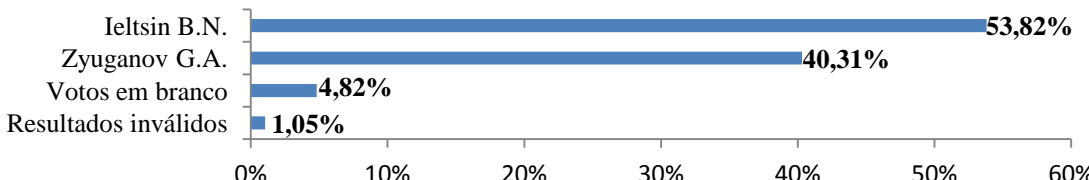
Segundo Tolz (2001), na primeira Constituição, Ieltsin ponderou mesmo criar novas fronteiras entre as diferentes entidades com vista a enfraquecê-las. Com a aprovação de uma nova Constituição, Ieltsin reforçou o seu poder, mas não obteve êxito na economia.

Com o passar dos anos, Ieltsin perdeu a sua popularidade. Foi reeleito em 1996 na segunda fase das eleições com 53.8% dos votos, como demonstra a tabela abaixo, e foi graças a uma aliança com o carismático general Alexander Lebed.

Na primeira volta, em 16 de junho, obtém 35,28% dos votos contra 32,03% do comunista Gennadiy Zyuganov e 14,52% do general da reserva Aleksandr Lebed. Para ampliar a base de apoio, Ieltsin nomeia Lebed para o posto de secretário do Conselho de Segurança Nacional e assessor presidencial. Apesar de ter sofrido um novo ataque cardíaco entre os dois turnos, Ieltsin é reeleito em 3 de julho com 53.82% dos votos o que se pode observar no quadro 2 que segue abaixo:



## Quadro 2 – Resultados de Eleições Presidenciais de 1996 na Federação Russa

Data de Eleições	Participação	Vencedor	Comentário:																										
16.06.1996 03.07.1996	I Fase: 69.8% II Fase: 68.8%	<b>Boris Ieltsin</b> 	Presidente da Federação Russa foi reeleito na II fase por um período de <b>4 anos.</b>																										
<i>I Fase:</i>  <table><thead><tr><th>Candidato</th><th>Porcentagem</th></tr></thead><tbody><tr><td>Ieltsin B. N.</td><td>35,28%</td></tr><tr><td>Zyuganov G.A.</td><td>32,03%</td></tr><tr><td>Lebed A. I.</td><td>14,52%</td></tr><tr><td>Yavlinskiy G.A.</td><td>7,34%</td></tr><tr><td>Zhirinovskiy V. V.</td><td>5,70%</td></tr><tr><td>Votos em branco</td><td>1,54%</td></tr><tr><td>Resultados inválidos</td><td>1,43%</td></tr><tr><td>Fiodorov S.N.</td><td>0,92%</td></tr><tr><td>Gorbachev M.S.</td><td>0,51%</td></tr><tr><td>Shakkum M.L.</td><td>0,37%</td></tr><tr><td>Vlasov U.P.</td><td>0,20%</td></tr><tr><td>Bryntsarov V.A.</td><td>0,16%</td></tr></tbody></table>				Candidato	Porcentagem	Ieltsin B. N.	35,28%	Zyuganov G.A.	32,03%	Lebed A. I.	14,52%	Yavlinskiy G.A.	7,34%	Zhirinovskiy V. V.	5,70%	Votos em branco	1,54%	Resultados inválidos	1,43%	Fiodorov S.N.	0,92%	Gorbachev M.S.	0,51%	Shakkum M.L.	0,37%	Vlasov U.P.	0,20%	Bryntsarov V.A.	0,16%
Candidato	Porcentagem																												
Ieltsin B. N.	35,28%																												
Zyuganov G.A.	32,03%																												
Lebed A. I.	14,52%																												
Yavlinskiy G.A.	7,34%																												
Zhirinovskiy V. V.	5,70%																												
Votos em branco	1,54%																												
Resultados inválidos	1,43%																												
Fiodorov S.N.	0,92%																												
Gorbachev M.S.	0,51%																												
Shakkum M.L.	0,37%																												
Vlasov U.P.	0,20%																												
Bryntsarov V.A.	0,16%																												
<i>II Fase:</i>  <table><thead><tr><th>Candidato</th><th>Porcentagem</th></tr></thead><tbody><tr><td>Ieltsin B.N.</td><td>53,82%</td></tr><tr><td>Zyuganov G.A.</td><td>40,31%</td></tr><tr><td>Votos em branco</td><td>4,82%</td></tr><tr><td>Resultados inválidos</td><td>1,05%</td></tr></tbody></table>				Candidato	Porcentagem	Ieltsin B.N.	53,82%	Zyuganov G.A.	40,31%	Votos em branco	4,82%	Resultados inválidos	1,05%																
Candidato	Porcentagem																												
Ieltsin B.N.	53,82%																												
Zyuganov G.A.	40,31%																												
Votos em branco	4,82%																												
Resultados inválidos	1,05%																												

**Fonte:** Elaboração própria a partir de dados disponibilizados pelo site «www.mail.ru».

Entretanto, tornou-se o líder efetivo da CEI.

Após uma cirurgia ao coração, em 1996, iniciou uma nova rota de reformas, modificando a composição dos órgãos de decisão e do aparelho político central. Nomeou Anatoli Chubais e Boris Nemtsov vice-presidentes do governo, conservando Chernomyrdin em seu cargo (Golosov, 2004).

A distribuição de poderes de negociação nas relações centro-periféricas gradualmente afastava-se do centro, devido ao estado de saúde do presidente e sua denúncia final no que se refere à centralização da campanha em outubro de 1997.

Contudo, no final da década de noventa, a situação agravou-se e obrigou a rever o sistema político e económico. Em 1998, segundo Golosov (2004), uma grave crise económica arrasou a Federação e, consequentemente, provocou a desvalorização abrupta da moeda russa, o Rublo. A devolução do poder político às autoridades regionais tornou-se especialmente evidente em 1998, após o colapso dramático do mercado financeiro. Em setembro de 1998, muitos líderes regionais unilateralmente construíram as barreiras à livre circulação de bens, trabalho e capital.

No final do prazo de Ieltsin, foram adotados pelas legislaturas regionais os regulamentos e as normas legais que contradiziam as leis federais. Os governos regionais ganharam o controlo e, em muitos casos, o respeito por parte das agências federais que pertenciam aos seus territórios (Azarova, 2008).

O sistema capitalista recentemente adotado parecia mostrar as suas fraquezas e permitiu fortes críticas vindas das classes mais conservadoras.

Ieltsin foi o responsável por transformar a Rússia num Estado capitalista, abandonando o socialismo. O primeiro presidente russo acabou por promover a ascensão dos oligarcas através de um comportamento permissivo perante a ação dos governadores e seus partidos políticos e do próprio capital (Rutland, 2005).

Os partidos políticos, segundo Azarova (2008), foram outro tipo de estrutura que se viu obrigado a lidar com dificuldades na sua formação e que se corrompeu com o novo sistema e mesmo com a crise. A sua função deveria ser unicamente ligar as vontades regionais aos centros de decisão através de *lobbies* e argumentos ideológicos, representando e protegendo as minorias quando fosse o caso.

Porém, em muitas regiões ou repúblicas como o Bascortostão, não conseguiram estabelecer os laços organizacionais essenciais para se implementarem, em parte, devido às relações existentes entre governadores e oligarcas. Até meados da década de 1990, não tinham sequer a capacidade para gerar fundos e os distribuir em campanhas

eleitorais, principalmente porque os governadores não eram eleitos e logo não viam utilidade em financiamento ou promoção de partidos políticos. A maior parte não se desenvolveu ao mesmo tempo que o sistema nasceu e a maioria não se conseguiu implementar ao nível nacional. Como o poder das elites era antecedente ao partidário, foi difícil criar estruturas ao nível federal com influência nas regiões. A decisão de escolher diretamente os governadores nas regiões modificou a dinâmica dos partidos políticos (Slider, 2001).

Contudo, o Governo central da Federação Russa estava a falhar em todas as funções fundamentais da sua existência como Estado soberano: não controlava o território, não era reconhecido por parte da população e perdia a exclusividade da força armada. Resumindo, aproximava-se dos parâmetros correspondentes dos Estados falhados. A situação tornava-se insustentável e a opinião pública principiava a temer a separação final entre os territórios povoados maioritariamente por russos e os restantes.

Além do delicado estado de saúde de Ieltsin, a situação agravou-se pois foram-lhe dirigidas críticas e pressões devido aos casos de corrupção e ao caráter autocrático do seu governo, pelo que Ieltsin abandonou o cargo de Presidente da Federação Russa em 31 de dezembro de 1999. Nomeou para o seu lugar o primeiro-ministro Vladimir Putin, que lhe garantiu imunidade contra possíveis processos judiciais.

Ieltsin (2002), nas suas memórias “Diários da Meia-Noite”, explica que Putin foi o único que passou o teste para lhe suceder depois das experiências fracassadas com Victor Chernomyrdin, Sergey Kyryenko, Yevgeny Primakov e Sergey Stepashin (todos antigos Primeiros-Ministros da Rússia e todos despedidos sem apelo).

Em 1997 foi lançado um livro sobre Boris Ieltsin – “Da Aurora ao Anoitecer”, escrito por Alexander Korzhakov, ex-chefe de segurança da Presidência russa. Korzhakov afirma que o presidente russo era um alcoólatra depressivo e que tentou suicidar-se mais de uma vez. Vladimir Putin sucedeu a Ieltsin em 1999.

## 2.2. A Rússia nos mandatos de Putin: Re-centralização

Na visão de Putin, Boris Ieltsin era “um homem graças ao qual teve início uma nova época”,

Nasceu uma Rússia nova, democrática, que é um Estado livre e aberto ao mundo. Um Estado onde o poder pertence ao povo. A força do primeiro Presidente da Rússia residiu no apoio em que as suas ideias e desígnios receberam da parte dos cidadãos do país. (*cit. in.* Sobotchak, 2007)

Putin foi Primeiro-Ministro da Federação Russa entre 1999 e 2000, foi Presidente durante 8 anos (2000-2008), escolheu o seu sucessor Dmitry Medvedev e foi Primeiro-Ministro nos 4 anos subsequentes (2008-2012).


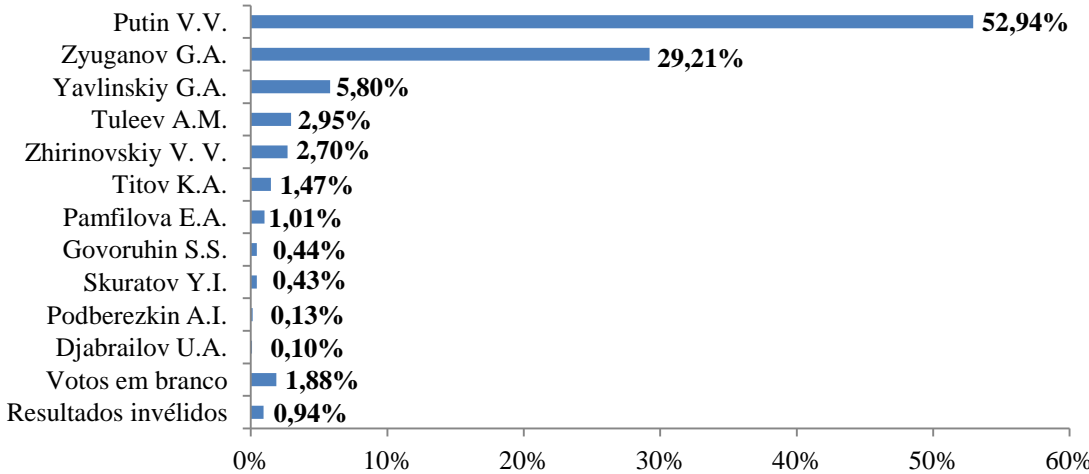
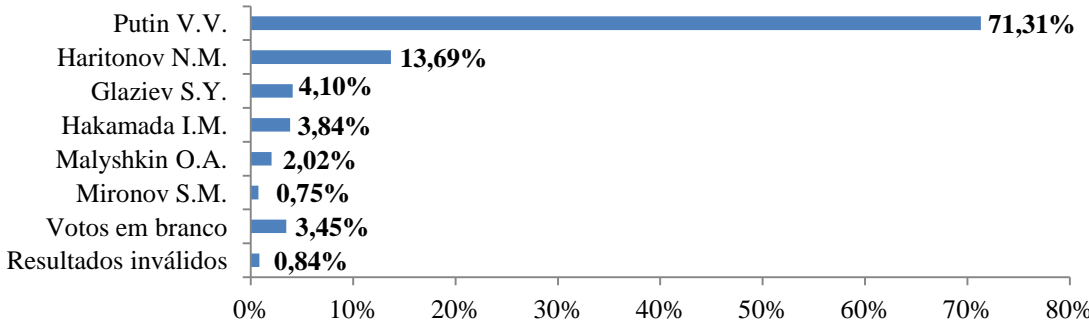
É indispensável a apresentação dos resultados das eleições em 2000 e 2004 para entender claramente o sucesso de Putin e o triunfo eleitoral com que chegou ao poder em 2000 com quase 53% dos votos e revalidado em glória quatro anos mais tarde com 71.3% dos votos, no auge da popularidade do antigo oficial do KGB<sup>12</sup> (Comité de Segurança do Estado). E, em 2004, Putin ganhou as eleições presidenciais russas sem qualquer concorrente significativo.

A esse propósito foi elaborado o quadro 3. que se baseia nos dados oficiais do *site* «[www.mail.ru](http://www.mail.ru)»:

---

<sup>12</sup> Em russo: КГБ - Комитет государственной безопасности

### Quadro 3 - Resultados de eleições presidenciais de 2000 e 2004 na Federação Russa

Data de Eleições	Participação	Vencedor	Comentário:																												
26.03.2000 14.03.2004	68.64% 64.38%	Vladimir Putin 	Presidente da Federação Russa foi eleito por um período de 4 anos.																												
26.03.2000:																															
 <table><thead><tr><th>Candidato</th><th>Porcentagem</th></tr></thead><tbody><tr><td>Putin V.V.</td><td>52,94%</td></tr><tr><td>Zyuganov G.A.</td><td>29,21%</td></tr><tr><td>Yavlinskiy G.A.</td><td>5,80%</td></tr><tr><td>Tuleev A.M.</td><td>2,95%</td></tr><tr><td>Zhirinovskiy V. V.</td><td>2,70%</td></tr><tr><td>Titov K.A.</td><td>1,47%</td></tr><tr><td>Pamfilova E.A.</td><td>1,01%</td></tr><tr><td>Govoruhin S.S.</td><td>0,44%</td></tr><tr><td>Skuratov Y.I.</td><td>0,43%</td></tr><tr><td>Podberezkin A.I.</td><td>0,13%</td></tr><tr><td>Djabrailov U.A.</td><td>0,10%</td></tr><tr><td>Votos em branco</td><td>1,88%</td></tr><tr><td>Resultados inválidos</td><td>0,94%</td></tr></tbody></table>				Candidato	Porcentagem	Putin V.V.	52,94%	Zyuganov G.A.	29,21%	Yavlinskiy G.A.	5,80%	Tuleev A.M.	2,95%	Zhirinovskiy V. V.	2,70%	Titov K.A.	1,47%	Pamfilova E.A.	1,01%	Govoruhin S.S.	0,44%	Skuratov Y.I.	0,43%	Podberezkin A.I.	0,13%	Djabrailov U.A.	0,10%	Votos em branco	1,88%	Resultados inválidos	0,94%
Candidato	Porcentagem																														
Putin V.V.	52,94%																														
Zyuganov G.A.	29,21%																														
Yavlinskiy G.A.	5,80%																														
Tuleev A.M.	2,95%																														
Zhirinovskiy V. V.	2,70%																														
Titov K.A.	1,47%																														
Pamfilova E.A.	1,01%																														
Govoruhin S.S.	0,44%																														
Skuratov Y.I.	0,43%																														
Podberezkin A.I.	0,13%																														
Djabrailov U.A.	0,10%																														
Votos em branco	1,88%																														
Resultados inválidos	0,94%																														
14.03.2004:																															
 <table><thead><tr><th>Candidato</th><th>Porcentagem</th></tr></thead><tbody><tr><td>Putin V.V.</td><td>71,31%</td></tr><tr><td>Haritonov N.M.</td><td>13,69%</td></tr><tr><td>Glaziev S.Y.</td><td>4,10%</td></tr><tr><td>Hakamada I.M.</td><td>3,84%</td></tr><tr><td>Malyshkin O.A.</td><td>2,02%</td></tr><tr><td>Mironov S.M.</td><td>0,75%</td></tr><tr><td>Votos em branco</td><td>3,45%</td></tr><tr><td>Resultados inválidos</td><td>0,84%</td></tr></tbody></table>				Candidato	Porcentagem	Putin V.V.	71,31%	Haritonov N.M.	13,69%	Glaziev S.Y.	4,10%	Hakamada I.M.	3,84%	Malyshkin O.A.	2,02%	Mironov S.M.	0,75%	Votos em branco	3,45%	Resultados inválidos	0,84%										
Candidato	Porcentagem																														
Putin V.V.	71,31%																														
Haritonov N.M.	13,69%																														
Glaziev S.Y.	4,10%																														
Hakamada I.M.	3,84%																														
Malyshkin O.A.	2,02%																														
Mironov S.M.	0,75%																														
Votos em branco	3,45%																														
Resultados inválidos	0,84%																														

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do *site* «www.mail.ru».

Quando Vladimir Putin assumiu a presidência, a Rússia começou a recuperar da crise financeira de 1998 e do incumprimento da dívida. Os principais desafios de Putin eram cortar a dívida, restaurar o crescimento económico e reduzir a dependência petrolífera da economia (Medvedev, 2002).

Igor Rudensky (chefe da Comissão Governamental para a Política Económica, Desenvolvimento, Inovação e Negócios), numa entrevista ao canal *Euronews*, afirma que,

Quando começamos a trabalhar em 2000, tivemos de pagar a nossa dívida externa. Foi, por isso, que não conseguimos diversificar a nossa economia no início de 2000 e isso teve de ser reconhecido honestamente, porque a imensa dívida externa de quase 160 mil milhões de dólares travou o nosso desenvolvimento. Portanto, como pagámos a nossa dívida externa quase completamente, dirigimos imediatamente os nossos esforços para todos os setores da economia russa. Começamos a ajudar a desenvolvê-los. (*cit. in. Euronews, 26/06/2012*)

Em termos internos, o curso da Rússia nos dois mandatos de Putin revelou um cariz ascendente em termos da densidade de políticas e ações, com uma política pragmática de reconhecimento dos limites e possibilidades da Rússia a dar gradualmente lugar a um realismo assertivo no segundo mandato. Este resulta, essencialmente, da consolidação da situação interna de ordem e estabilidade e do crescimento económico que a Rússia tem vivido nos últimos anos.

Putin introduziu um conjunto de reformas a diferentes níveis, pautadas pelo princípio de centralização como equivalente a ordem. A nomeação de governadores passou a ser feita pelo presidente, recuperando uma lógica de lealdade que assegura a convivência com as diretrizes do Kremlin (Zlobin, 2009). A nível económico houve uma inversão clara das políticas de Boris Ieltsin, retomando-se a política de nacionalização de empresas em áreas vitais para o Estado (o controlo estatal monopolista do gás e petróleo na Rússia é um bom exemplo).

Muitos oligarcas que tinham tomado posse dos imensos recursos nas mãos da ex-república soviética foram eliminados do cenário económico, recuperando o capital do Estado, especialmente no gigante setor de energia. Várias empresas de petróleo e gás foram nacionalizadas, como a Gazprom.

Na opinião de Ribeiro (2012), «Vladimir Putin é a figura dominante da Rússia do século XXI». No seu blogue *online* “Tempos Interessantes”, e, precisamente, no seu artigo “O Tzar Vladimir”, o autor explica a importância e o contributo de Putin durante o período da sua presidência,

Neste período, a Rússia renasceu das cinzas e do caos pós-imperial, para se tornar novamente numa potência influente, tendencialmente hegemónica no seu espaço vital, economicamente dinâmica (muito à custa dos seus vastos recursos energéticos) e ressurgente militarmente.

Na realidade, Putin prosseguiu uma via que lhe permitiu alcançar os seus objetivos para a Rússia, nomeadamente, torna-la forte, credível e influente. O mesmo autor descreve bem o investimento de Putin em múltiplas frentes:

- Demonstração de uma atitude de firmeza e fiabilidade na defesa dos interesses dos Russos;
- Centralização e reforço do poder do Estado a fim de obter segurança e estabilidade;
- Projetar força e poder através de Segunda Guerra na Chechénia, Guerra Russo-Georgiana em 2008 e forte investimento nas Forças Armadas;
- Colocar a Rússia no caminho do crescimento económico, sem o qual as outras dimensões seriam inatingíveis;
- Afirmar uma política externa autónoma, frequentemente definida por oposição aos EUA e na prossecução de interesses próprios;
- Projetar poder e influência no “*near abroad*” (denominação que Moscovo aplica aos países da antiga União Soviética), usando um mix de *hard power* (força militar, coação energética) e *soft power* (integração económica, apoio militar, subsidiação de gás de petróleo) (Ribeiro, 2012).

Durante o primeiro mandato da presidência de Putin, as instituições que regulavam as relações centro-periféricas eram principalmente re-centralizadas: Putin desmantelou o sistema de tratados bilaterais, pressionando os líderes regionais para retraírem os atos legislativos regionais que foram promulgados em violação das leis federais e da Constituição; implementou uma reforma territorial federal que estabeleceu sete distritos federais chefiados por emissários nomeados diretamente pelo Presidente. Azarova (2008, p. 238) explica a estratégia de Putin no que diz respeito à efetivação política:

When Putin took over the presidency in 2000, he realized the limitations of ruling by decree. His strategy in effecting policy outcomes has been largely focused on law-making

and involved efforts to implement his initiatives through the Duma. Decree-making activity was gradually replaced by a search for agreement and compromise with the third Duma (1999 - 2003) and the warranty of a stable pro-presidential majority in the fourth Duma (2003 - 2007).

Putin tends to produce a growing number of secret unpublished decrees, which may raise concern about the hermetic nature and lack of transparency in the presidential decision-making and decreasing accountability of the federal executive.

Resumindo, o líder do Kremlin valoriza a retórica nacionalista, o monopólio do poder político como fator de estabilidade interna, o protecionismo económico e a afirmação geopolítica da Rússia. Neste sentido, Putin propõe reforçar a cooperação económica e a segurança com antigas repúblicas da esfera de influência soviética. Segundo Moraes (2006), o Kremlin considera o controlo do poder político e dos setores estratégicos da economia como indispensável para garantir o lugar da Rússia no mundo. Assim se explica a criação, em 2001, do Partido “Rússia Unida” que tem por missão garantir o monopólio da vida política na próxima década.

Na economia, o Kremlin justifica a nacionalização dos recursos estratégicos com o argumento de que esta situação contribui para melhorar o nível de vida da população e considera a economia como um instrumento de influência no exterior.

No segundo mandato do Presidente Putin, a Rússia aumentou consideravelmente o seu prestígio internacional e da sua economia, retornando ao seu estatuto tradicional de potência mundial abandonado na última década, apesar do potencial bélico desastroso se manter praticamente inalterado.

Putin é, todavia, um profundo realista e acredita que “Não se deve cometer os erros da URSS, isto é, não se deve privilegiar as necessidades da defesa à custa do desenvolvimento económico e do bem-estar das populações” (Moraes, 2006).

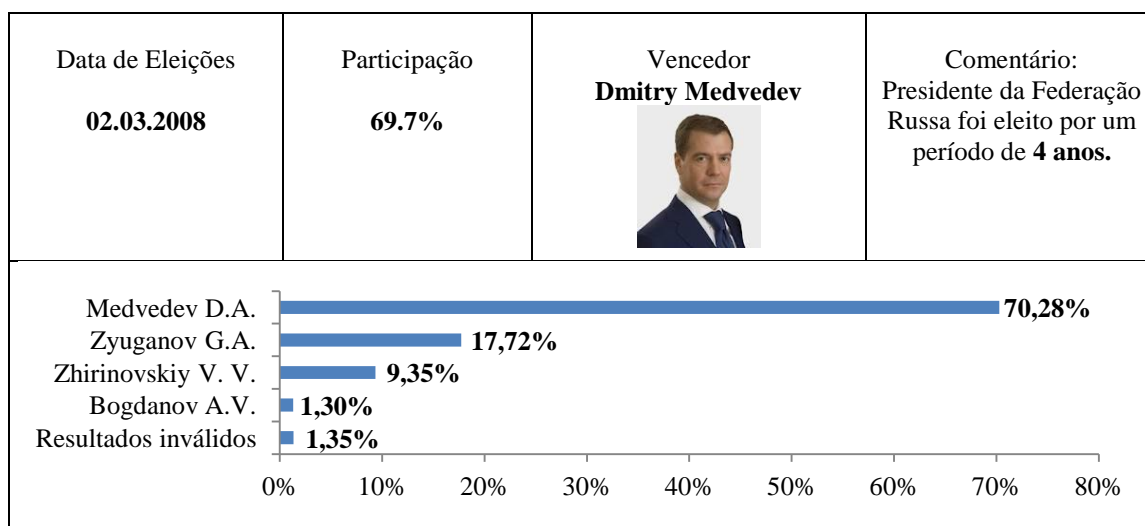
Em 2007, segundo a informação oficial do Diário de Notícias (Tecedeiro, 11/12/2007), Vladimir Putin anunciou o seu sucessor e apoiou totalmente a candidatura do vice-primeiro-ministro Dmitriy Medvedev, representante da linha mais liberal do regime. Graças ao seu alto índice de aprovação popular (cerca de 77% em 2007), a indicação presidencial determinou o vencedor das eleições presidenciais de 2008.



### 2.3. A Presidência de Medvedev e as reformas implementadas

Dmitry Medvedev nasceu em Leningrado (atual São Petersburgo) em 1965. Foi consultor no Gabinete de Relações Externas da Câmara de São Petersburgo. Preside o gigante do gás Gazprom desde 2000. Mudou-se para Moscovo em 2000, quando Putin chegou ao Kremlin, onde se tornou chefe do gabinete do Kremlin em 2003 e foi vice-primeiro-ministro desde 2005 até 2008, ano em que foi eleito para a presidência da Federação Russa e quando Putin tornou-se Primeiro-Ministro. Segue, abaixo, o quadro 4. com os resultados das eleições de 2008:

**Quadro 4 – Resultados de Eleições Presidenciais de 2008 na Federação Russa**



**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados disponibilizados pelo site «www.mail.ru».

Vladimir Putin estava convicto que “o presidente do gigante do gás Gazprom é a pessoa certa para dirigir uma Administração que prossiga as políticas que nos deram bons resultados nos últimos anos” (*cit. in.* Tecedeiro, 11/12/2012).

Diferentemente de Putin, Medvedev não tem vínculo com o Serviço Federal de Segurança (FSB), sucessor do KGB, nem é filiado a partido político, e considera-se um liberal-democrata. É tido como um dos líderes da ala “liberal” do Kremlin, em oposição aos *siloviki*<sup>13</sup> (Sakwa, 2011).

<sup>13</sup> *Siloviki*: exército, polícia e serviços secretos.

Na formulação da sua estratégia de desenvolvimento nacional, Medvedev sublinha que

A Rússia precisa de uma economia inteligente, conhecimentos sem paralelo e cidadãos livres. Assim poderá responder aos principais desafios deste século e manter seu *status* de grande potência mundial sobre uma base nova (Voz da Rússia, 15/11/2009).

A sua estratégia pressupõe atingir um conjunto de objetivos, que seguidamente, e de forma resumida, se apresentam:

1. Criar uma economia inteligente, produzindo conhecimentos, produtos e tecnologias sem paralelo, produtos e tecnologias novos úteis às pessoas;
2. Tornar uma sociedade arcaica numa sociedade de pessoas inteligentes, livres e responsáveis;
3. Conduzir uma política externa e interna sábia, subordinada a uns objetivos intrinsecamente pragmáticos;
4. Erigir uma Rússia genuína, ou seja, uma nação moderna, pespetivada para o futuro, a qual vá ocupar umas posições condignas na divisão internacional do trabalho;
5. Democratização simultânea da economia, política e esfera social;
6. Modernização nas quatro áreas: Investimentos, Inovações, Infraestrutura e Instituições (Voz da Rússia, 15/11/2009).

No que se refere às reformas adotadas por Medvedev, pode-se caracterizar o período da sua presidência como bastante eficiente. De acordo com Sakwa (2011), foram introduzidas várias alterações de elevada importância, nomeadamente:

- Alteração da Constituição: aumento da duração do mandato do Presidente e do Parlamento (Duma) para 6 e 5 anos, respetivamente;
- Garantia dos lugares no Parlamento para os partidos que ganharam entre 5% a 7% dos votos;
- Criação do Centro Financeiro Internacional na Federação Russa;
- Redução de número de fusos horários de 11 para 9;

- Introdução do funcionário responsável pela situação no Cáucaso do Norte;
- Criação do Ministério de Desenvolvimento Regional;
- Assegurar o alojamento de todos os veteranos da Segunda Guerra Mundial;
- Aplicação de coimas pela corrupção no valor cem vezes superior ao do suborno;
- Incentivos para pequenas empresas: redução do valor mínimo do seguro;
- Criação da defesa militar e espacial em dezembro de 2010;
- Reforma de Habitação Familiar: permissão para a utilização do capital de maternidade para fins do pagamento da hipoteca, etc.

Nos últimos quatro anos, Medvedev conduziu apenas as relações públicas do regime. E Putin não quis deixar qualquer dúvida, quando afirmou que havia um acordo entre os dois desde 2007.

Medvedev ficou no poder até 2012, ano em que Putin foi eleito pela terceira vez para assumir o cargo do Presidente da Federação Russa.

#### **2.4. Organização política e administrativa**

A Federação Russa está dividida em 89 unidades territoriais: 49 regiões, 21 repúblicas, 10 distritos autónomos, 6 territórios administrativos (Kray), 2 cidades federais (Moscou e S. Petersburgo) e 1 região autónoma (Birobidzhan).

Em 2000, o Presidente Vladimir Putin efetuou uma reforma administrativa, agrupando as 89 unidades territoriais em 7 Distritos Federais (cf. Anexo 2), cada um deles dotado de um representante plenipotenciário do Presidente. Os Distritos e as respectivas capitais são os seguintes: Centro (Moscou), Extremo Oriente (Khabarovsk), Cáucaso Setentrional (Rostov), Noroeste (S. Petersburgo), Urais (Yekaterinburgo), Sibéria (Novosibirsk) e Volga (Nizhniy Novgorod) (Medvedev, 2002).

Atualmente, as tensões entre as regiões não param de crescer e são mesmo agravadas pelas recentes reformas do sistema administrativo. Cada uma das divisões

administrativas da Federação Russa tenta afirmar-se sobre as restantes. Este federalismo sempre procurou reformar-se através de Constituições mais exigentes, mais controladoras ou mesmo mais libertadoras (Zlobin, 2009).

A Constituição da Federação Russa de 1993 começa mesmo por referir “o povo multinacional da Federação Russa, unido por um destino comum” (Constituição da Federação Russa, 1993).

A Constituição da Federação Russa prevê expressamente a primazia das leis federais. Entrou em vigor em 1993 e baseia-se no modelo francês: aumenta a autoridade presidencial em detrimento da legislatura e destaca a autoridade central sobre os 7 Distritos Federais (Zlobin, 2009).

A Constituição de 1993 permitiu um maior grau de autonomia para todas as entidades da Federação, porque até então, o nível de federalismo era decidido pelo partido e pelo centro. A instauração da democracia e a sua qualidade estão incluídas no artigo 1.º da Constituição de 1993: “A Federação Russa – Rússia é um Estado governado pela lei democrática federal com uma forma de governo republicana”.

O Artigo 3.º da Constituição estabelece que o único titular da soberania e a única fonte do poder é o povo russo. O povo exerce o seu poder através de órgãos de poder estatal e regional. Ninguém pode usurpar do poder na Rússia. A usurpação do poder ou da autoridade deve ser castigada de acordo com a lei federal.

O Juiz do Tribunal Constitucional da Federação Russa, Anatoliy Kononov, expressa a sua opinião sobre o federalismo na Decisão n.º 13 do Tribunal Constitucional de 21-12-2005:

No entanto, nem a democracia, nem o federalismo estão presentes na Constituição Russa nesse sentido da palavra. A soberania, a integridade, um sistema unificado do poder estatal e centralização de gestão são caraterísticos de um Estado unitário. Uma federação caracteriza-se pela separação de poderes e a possibilidade de formar os seus próprios governos regionais, sem qualquer intervenção do governo central. Isso tudo está previsto na Constituição Russa e na argumentação da Decisão do Tribunal Constitucional, mas não produz nenhum efeito sobre as suas conclusões, apenas as contradiz. É difícil imaginar que este mecanismo de nomeação de governadores, de alguma forma, esteja em conformidade com os princípios do federalismo. Se as mesmas regras estabelecidas pela Constituição, às

quais se refere o Tribunal Constitucional, lermos de uma forma diferente, pode-se concluir que não existe nenhum sistema unitário de governo. Na realidade, existem dois sistemas do poder estatal – o sistema dos órgãos federais e o sistema dos órgãos do poder estatal da Federação Russa, cada um com os seus próprios poderes.<sup>14</sup>

O Artigo 11.º da Constituição Russa define os poderes estatais:

1. O Presidente da Federação Russa;
2. A Assembleia Federal (o Conselho da Federação e a Duma);
3. O Governo da Federação Russa;
4. Tribunais de Federação Russa.

As repúblicas elegem um presidente por sufrágio universal e estão dotadas de uma constituição. As regiões elegem um governador e regem-se por estatutos. Uma reforma recente estabelece que a nomeação dos governadores passe a ser da responsabilidade do Presidente russo, ainda que sujeita a aprovação pelo parlamento regional. Por outro lado, o Presidente da Federação nomeia um representante para vigiar a aplicação dos decretos e das leis federais nos respetivos territórios (Sakwa, 2011).

A característica definidora da Constituição Russa assenta num sistema super-presidencial. Azarova (2008, p. 234) define e caracteriza a Constituição Russa como “a super-presidential system with a dual executive: a directly-elected President as head of state, a government that exercises executive power and not very powerful legislative bodies, on whom the government hardly depends of its survival”.

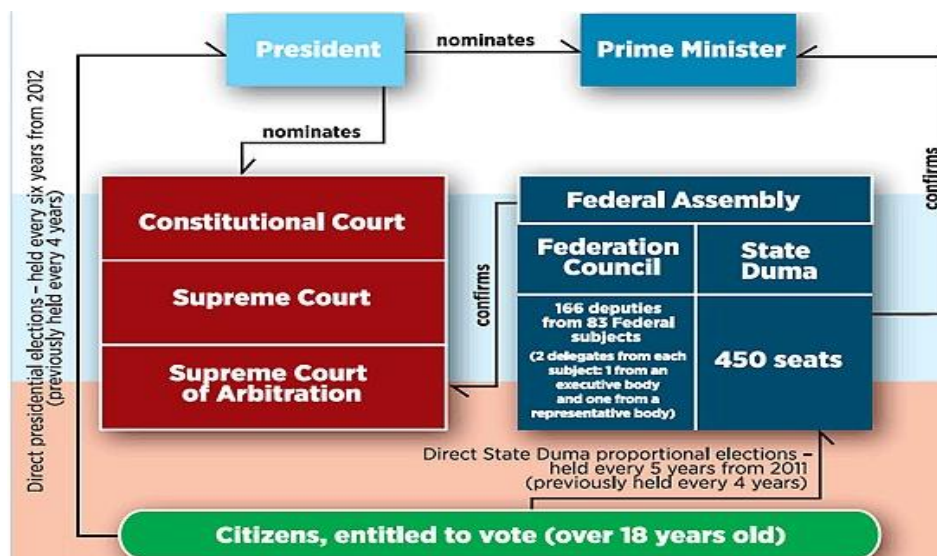
---

<sup>14</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: Особое мнение судьи Конституционного Суда Российской Федерации Анатолия Леонидовича Кононова, Постановление Конституционного Суда РФ от 21.12.2005 года N 13-П: Однако ни демократия, ни федерализм в таком понимании духа Конституции не присутствуют. Суверенитет, целостность, единая система государственной власти и централизация управления, как известно, характерны для унитарного государства. Федерацию же отличают, как минимум, возможность ее субъектов самостоятельно, без какого-либо вмешательства центральной власти образовывать (формировать) собственные органы государственной власти и наличие взаимного разграничения предметов ведения и полномочий. Все это есть в российской Конституции и даже в аргументации Постановления Конституционного Суда, но ровно никакого влияния не оказывает на его выводы, абсолютно им противоречат. Да и трудно представить, чтобы рассматриваемый механизм назначения губернаторов хоть сколько-нибудь соответствовал принципам федерализма. Если те же самые нормы Конституции, на которые ссылается Конституционный Суд, читать по-другому, то никакой единой, в смысле унитарной, системы государственной власти там не обнаружится. На самом деле речь идет о двух системах государственной власти - системе федеральных органов и системе органов государственной власти субъектов Российской Федерации, каждая из которых имеет собственные полномочия.

Na Constituição está prevista a existência de uma legislatura de duas câmaras, a Assembleia Federal, constituída pelo Conselho da Federação (Câmara Alta), de 178 membros (dois por cada uma das unidades territoriais), e pela Duma do estado (Câmara Baixa), com 225 lugares eleitos através de representação proporcional (os partidos devem receber pelo menos 5% do total dos votos de modo a obterem qualquer representação) e outros 225 lugares eleitos por maioria simples a partir de círculos uninominais.

Oficialmente, a Rússia é uma Democracia Federal, baseada num sistema de Estado de Direito sob a forma de República semipresidencialista. Os três poderes do Estado, Legislativo, Executivo e Judiciário são independentes uns dos outros. Ou seja, o poder do Estado na Rússia está nas mãos do Presidente, da Assembleia Federal e do Governo e dos Tribunais. O esquema abaixo ajuda a compreender o sistema político da Rússia de acordo com a Constituição de 1993:

**Quadro 5 – Sistema Político da Rússia**



**Fonte:** Rossiyskaya Gazeta (01/12/2011).

De acordo com a Constituição Russa (1993), o Poder Executivo é um dos poderes governamentais, segundo a teoria da separação dos poderes, cuja responsabilidade é a de implementar, ou executar, as leis e a agenda diária do governo ou do Estado. O poder executivo pode ser representado, em nível nacional, por apenas um órgão (presidência da república, no caso de um presidencialismo). Em regimes democráticos, o Presidente

ou o Primeiro-Ministro conta com seu conselho de ministros, assessores, secretários, entre outros. De facto, o poder executivo de uma nação é regularmente relacionado com o próprio governo.

O Presidente da Rússia é o chefe de Estado, protetor da Constituição, dos direitos e das liberdades dos cidadãos e tem de acionar qualquer medida para proteger a integridade da soberania russa. Detém a autoridade para nomear ou demitir o Primeiro-Ministro e vetar leis, apesar do veto poder ser anulado por majorias de dois terços em ambas as câmaras.

O Presidente é o comandante e chefe das forças armadas e promulga as leis federais. Pode também promulgar decretos sem tramitação parlamentar. É ele que representa a Rússia nos encontros diplomáticos e no estrangeiro.

Com a aprovação da Duma, nomeia o Primeiro-Ministro, os presidentes do Banco Central da Rússia e do Conselho da Federação, os juízes do Tribunal Constitucional, Tribunal Supremo do Comércio e o Fiscal Geral. A Constituição confere-lhe o direito de dissolver a Duma e de declarar estados de exceção sobre a totalidade ou uma parte do território. Pode também convocar o referendo.

De acordo com o artigo 81.º da Constituição Russa, o presidente é eleito através do voto livre, popular, direto, universal e secreto para um mandato de 6 anos podendo repeti-lo mais uma única vez. Qualquer cidadão russo pode ser candidato a presidente desde que tenha mais de 35 anos e 10 de permanência no território russo.

O Chefe da Rússia é o Presidente da Federação Russa (Artigo 80.º da Constituição Russa, 1993). Inicialmente (em 1991), o presidente da Rússia era eleito por 5 anos. A Constituição de 1993 reduziu o mandato presidencial para quatro anos. No entanto, de acordo com a Seção 3 das disposições finais e transitórias da Constituição de 1993, o Presidente exerce a autoridade até ao fim do mandato para o qual foi eleito.

Na base das emendas constitucionais, que entraram em vigor em 31 de dezembro de 2008, a partir das eleições de 2012, o presidente da Federação Russa elege-se por um período de seis anos (Decisão do Conselho Federal, n.º 473 de 22/12/2008).

O Governo é composto pelo Primeiro-Ministro, 16 ministros e respectivos vice-ministros, agências e serviços federais. O Governo é o responsável pela aplicação das decisões tomadas pelo Presidente e pelo Parlamento. Alguns ministérios dependem diretamente do Presidente e não do Primeiro-ministro. São os denominados ministérios e organismos “de força”: Defesa, Assuntos Internos, Justiça, Assuntos Externos, Situações de Emergência, Serviço Federal de Segurança, Serviço de Inteligência Externa, Serviço Federal de Correios, Serviço Federal de Controle de Substâncias Narcóticas e Psicotrópicas, Serviço Federal de Guardas de Segurança, Agência Federal de Programas Especiais do Presidente da Federação Russa e Agência Federal de Direção de Assuntos da Presidência (cf. Anexo 3).

No sistema de três poderes proposto por Montesquieu (1748), o poder legislativo é representado pelos legisladores, homens que devem elaborar as leis que regulam o Estado. As decisões políticas são tomadas na Assembleia Federal Russa que é constituída por duas câmaras – a Duma e o Conselho Federal.

Ou seja, o Parlamento, detentor do poder legislativo, é composto por duas Câmaras:

1. A Duma<sup>15</sup> é o parlamento russo. Todas as leis a serem aplicadas em toda a federação têm de ter aprovação com maioria absoluta na Duma.

A Duma ou Câmara Baixa, composta por 450 deputados, dos quais metade é eleita pelo sistema proporcional em listas de partidos de âmbito federal, e a outra metade é eleita, até agora, pelo sistema maioritário nas diversas circunscrições eleitorais. O mandato da legislatura é de cinco anos. Qualquer cidadão com nacionalidade russa nativa ou adquirida e com mais de 21 anos pode ser eleito deputado desse parlamento. Uma recente e controversa reforma prevê que todos os deputados sejam eleitos no âmbito das listas dos partidos, eliminando as circunscrições uninominais. A Duma do Estado possui o direito de rejeitar duas nomeações feitas pelo Presidente para o cargo de Primeiro-Ministro (pode ser dissolvida pelo Presidente se rejeitar um terceiro nomeado) e pode contestar a atuação do Presidente.

---

<sup>15</sup> Em russo: Государственная дума, *Gasudárstviennaia Duma*.



2. O Conselho da Federação, ou Câmara Alta, conta com 178 senadores, que representam os 89 territórios da Federação. Estes senadores são designados (e não eleitos), um por parte do poder legislativo e outro pelo poder executivo das autoridades regionais. O Conselho da Federação aprova e rejeita as leis, decide sobre o envio de tropas para fora da Rússia e tem de concordar com a imposição do estado de guerra e do estado de emergência (Stuermer, 2008).

O Poder judicial ou Poder judiciário é um dos três poderes do Estado moderno na divisão preconizada por Montesquieu na sua teoria da separação dos poderes. Ele possui a capacidade de julgar, de acordo com as leis criadas pelo Poder Legislativo e de acordo com as regras constitucionais em determinado país. Ministros, desembargadores e Juízes formam a classe dos magistrados (os que julgam).

As principais figuras nos ramos Legislativo e Executivo defendem visões opostas da direção política da Rússia e dos instrumentos governativos que devem ser usados para as seguir.

É necessário recordar que a relação entre o poder local e o poder central tem de ser muito bem estabelecida num sistema político de tipo federal. Os limites do poder de cada um têm de estar bem definidos numa Constituição ratificada por todas as partes. Nesta separação, o poder central deve gerir o mercado interno da federação, mas não pode ter a autoridade de alterar unilateralmente a política interna de cada membro. Os componentes da federação devem gerir livremente os seus recursos económicos, ou pelo menos ter uma palavra forte sobre a sua utilização. Deve existir, portanto, uma compreensão mútua do papel de cada um a fim de permitir o funcionamento do sistema (Wibbels, 2006).

### Capítulo 3. O conceito de “democracia” e o seu funcionamento na Rússia

A emergência da democracia é, sem dúvida, um dos acontecimentos mais importantes do século XX e que assumiu um lugar central no campo político. O século XX foi efetivamente um século de intensa disputa em torno da questão democrática, que começou no século XIX pois, até então, a democracia tinha sido considerada consensualmente perigosa e, por isso, indesejada. O seu risco resumia-se em atribuir o poder de governar a quem estaria em piores condições para o fazer: a grande massa da população, analfabeta, ignorante e social e politicamente inferior (MacPherson, 1966).

Michels (1991, pp. 42-43) descreve a democracia como

Un tesoro que nadie descubrirá jamás en una búsqueda deliberada; pero al proseguir nuestra búsqueda, al trabajar incansablemente por descubrir lo indescubrible, realizaremos una tarea que tendrá resultados fecundos en el sentido democrático... En realidad, es característica general de la democracia, y por consiguiente también del movimiento laborista, estimular y consolidar en el individuo las aptitudes intelectuales de crítica y fiscalización...

Nenhum conceito no vocabulário político é tão controverso como a democracia. O seu significado varia com o passar do tempo: na prática, através dos períodos históricos, e teoricamente, nas obras de muitos autores.

Democracia é um conceito de difícil definição, baseado na noção de uma comunidade política na qual todas as pessoas possuem o direito de participar nos processos políticos e de debater ou decidir políticas a partir dos princípios de liberdade de expressão e de dignidade humana.

A história da democracia reporta-se a um conjunto de processos históricos cuja origem é tradicionalmente localizada na Grécia. Nas suas origens, a democracia é composta por duas palavras: “*demos*”, que se pode traduzir como “povo”, e “*kratos*” que se traduz como “poder”. Sendo assim, a definição básica do conceito de democracia é o “poder do povo” (Ober, 2007).

Segundo Ober (2007, p. 3),

The democracy originally referred to “power” in the sense of “capacity to do things”. In modernity, democracy is often construed as being concerned, in the first instance, with a voting rule for determining the will of majority.

Na sua obra, o autor relata a história do desenvolvimento do conceito de democracia e compara com vários regimes políticos (cf. Anexo 4). Como ponto de partida, o historiador toma a sua reflexão sobre a complexidade do conceito referido:

Democracy cannot mean the “*demos* monopolizes the offices” in that the *demos* must refer to a corporate body – to a “public” – and that public cannot collectively be an “office-holder” in the ordinary sense (...).

(...) Democracy is not just “the power of the *demos*” in the sense of “the superior or monopolistic power of the *demos* relative to other potential power-holders in the state”. Rather it means, more capaciously, “the empowered *demos*” – it is the regime in which the *demos* gains a collective capacity to effect change in the public realm (Ober, 2007, p.6).

Embora existam pequenas diferenças nas várias democracias, certos princípios e práticas distinguem o governo democrático de outros regimes de governo.

O problema da forma de democracia e da sua variação recebeu a sua explicação mais influente na solução proposta por Joseph Schumpeter (1942), de acordo com a qual a questão da construção democrática em geral deveria derivar dos problemas enfrentados na construção da democracia europeia no período após a Segunda Guerra Mundial. Para Schumpeter (1942, p. 269), “o cidadão comum não tinha capacidade ou interesse político senão para escolher os líderes a quem incumbiria tomar as decisões”.

A partir dessa resposta funda-se o que poderíamos chamar a concepção hegemónica da democracia. Os elementos principais dessa concepção, segundo Santos (2003), são:

- Contradição entre mobilização e institucionalização;
- A valorização positiva da apatia política;
- A concentração do debate democrático na questão dos desenhos eleitorais das democracias;

- O tratamento do pluralismo como forma de incorporação partidária e disputa entre as elites;
- A solução minimalista ao problema da participação pela via da discussão das escalas e da complexidade.

Todos esses elementos, que poderiam ser apontados como constituintes de uma concepção hegemônica da democracia, não conseguem enfrentar o problema da qualidade democrática. Uma das ideias muito salientadas por Souza Santos (2003, p. 37) é que “quanto mais se insiste na fórmula clássica da democracia de baixa intensidade, menos se consegue explicar o paradoxo de a extensão da democracia ter trazido consigo uma enorme degradação das práticas democráticas”.

Schumpeter (1942, p. 242) define o processo democrático como “um método político, isto é, um certo tipo de arranjo institucional para se chegar a decisões políticas e administrativas”, tomando, deste modo, uma preocupação procedimental com as normas para a tomada de decisão e transforma-a num método para a construção de governos.

Bobbio (1979) dá o passo seguinte ao transformar o procedimentalismo em regras para a formação do governo representativo. Para ele, a democracia assenta num conjunto de regras para a formação de maiorias, entre as quais valeria a pena destacar o peso igual dos votos e a ausência de distinções econômicas, sociais, religiosas e étnicas na constituição do eleitorado.

Bobbio (1986) analisa, de forma diferente de Schumpeter, os motivos pelos quais a participação dos indivíduos na política se tornou inconveniente. Para ele, o elemento principal que desincentivaria a participação é o aumento da complexidade social nas democracias contemporâneas.

A definição do conceito de democracia também pode ser encontrada na obra de Lefort (1986, p. 31):

A democracia revela, assim, a sociedade histórica por excelência, a sociedade que por sua forma acolhe e preserva a indeterminação em contraste notável com o totalitarismo que, edificando-se sob o signo da criação do novo homem, na realidade agencia-se contra essa indeterminação.

De acordo com esta concepção, a democracia é uma gramática de organização da sociedade e da relação entre o Estado e a sociedade.

Como já vimos, a enunciação do conceito de democracia é uma questão muito controversa e não existe, ainda, uma definição que seja aceite unanimemente pela comunidade internacional, já que vários atores políticos internacionais apresentam entendimentos diferentes sobre o fenómeno da democracia.

Pode-se concluir que as suas características definidoras, encontradas na obra de Hoffe (2005), são as seguintes:

1. A democracia é um regime de governo em que o poder de tomar importantes decisões políticas está com os cidadãos por meio de representantes eleitos (forma mais usual).
2. É um conjunto de princípios e práticas que protegem a liberdade humana.
3. Baseia-se nos princípios do governo da maioria associados aos direitos individuais e das minorias étnicas, de género e de classes. Protegem os direitos primordiais dos indivíduos e das minorias.
4. Protege de governos centrais muito poderosos e faz a descentralização do governo a nível regional e local, entendendo que o governo local deve ser tão acessível e recetivo às pessoas quanto possível.
5. Uma das suas funções principais é proteger os direitos humanos fundamentais como a liberdade de expressão e de religião, o direito a proteção legal igual e a oportunidade de organizar e participar plenamente na vida política, económica e cultural da sociedade.
6. Protege a liberdade de imprensa e os meios de comunicação independentes.
7. Conduz regularmente às eleições livres e justas, transparentes e abertas a todos os cidadãos. As eleições numa democracia são a verdadeira competição pelo apoio do povo com a existência da pluralidade dos partidos.
8. Os cidadãos numa democracia não têm apenas direitos, mas também têm o dever de participar no sistema político que protege os seus direitos e as suas liberdades.

Segundo Souza (2011), existem dois tipos de democracia: direta ou participativa, indireta (semidirecta) ou representativa. A democracia participativa consiste num modelo político que permite que os cidadãos se organizem para exercer a influência direta sobre as decisões públicas. A forma direta da democracia não existe no mundo moderno. O número de eleitores nos grandes Estados modernos, como na Rússia, é de muitas dezenas de milhões de cidadãos. Evidentemente, não seria possível reunir todos os eleitores para discutir e votar.

A democracia semidirecta ou representativa, por sua vez, refere-se ao sistema em que as decisões são tomadas pelas pessoas que o povo reconhece como os seus representantes legítimos. Ou seja, o Poder Executivo e o Legislativo não são exercidos diretamente pelos cidadãos, mas sim por pessoas especialmente eleitas para esse efeito.

A democracia semidireta é um sistema misto, que guarda as linhas gerais do regime representativo, porque o povo não se governa diretamente, mas tem o poder de intervir, às vezes, diretamente na elaboração das leis e em outros momentos decisivos do funcionamento dos órgãos estatais, através de alguns institutos, como o referendo, eleições, direito de revogação, o veto, etc. A democracia semidireta é o sistema comum de governo dos Estados modernos

A expansão global da democracia representativa coincidiu com uma crise grave desta nos países centrais onde mais se tinha consolidado, uma crise que ficou conhecida como a dupla patologia: a patologia da participação (o aumento do abstencionismo) e a patologia da representação (o facto dos cidadãos se considerarem cada vez menos representados por aqueles que elegeram) (Santos, 2003).

É difícil perceber o número de democracias no mundo atual. Muitos países têm, supostamente, as eleições livres e transparentes, onde o partido do governo vence sempre, normalmente acompanhado por alegações ou evidências de repressão a qualquer oposição ao governo. Nesses países existem as chamadas “democracias de um só partido” (cf. Anexo 5).

Brown e Ainley (p. 346) admitem que “a Federação Russa sobreviveu como regime presidencial quase democrático...”. Mas hoje em dia, quase todos os Estados apoiam a democracia teoricamente, embora, geralmente, não na prática. O objetivo deste capítulo

é analisar a parte prática e tentar confirmar a possível existência de democracia na Rússia. A especificação do problema envolve a construção de perguntas de investigação, as definições dos conceitos e as hipóteses de pesquisa. A pergunta de partida será: Democracia ou não?

### **3.1. Partidos políticos: Apoios e oposição**

As origens do sistema partidário russo reportam-se a 1990, quando cerca de quinhentos políticos e movimentos sociais “não formais” foram registados no território da Federação Russa (Berezovskiy, Krotov, Chervyakov em 1991) contribuindo, deste modo, para a construção de blocos no sistema partidário nascente (Abalkin, 1998).

A mobilização política na era da *Perestroika* também levou ao surgimento de uma espécie de empreendedorismo da elite não-política e de um modo territorialmente difuso de formação de partidos (Gelman e Golosov, 1999).

Os partidos políticos são estruturas organizadas que competem através de eleições para representar e governar e têm um papel fundamental nos federalismos porque facilitam a aplicação da democracia. Colton e McFaul (2005) consideram que a Federação Russa carece de competição partidária devido à ação do Partido “Rússia Unida”. Golosov (2004) defende que a centralização administrativa realizada por Vladimir Putin foi possível apenas através deste partido. A imagem de ambos foi mutuamente usada numa relação simbiótica de promoção política.

O artigo 13.º da Constituição determina que a Rússia reconhece a diversidade política e um sistema multipartidário. Nenhuma ideologia pode ser definida como estatal ou obrigatória. São proibidas a criação e atividades de associações públicas, cujos objetivos e ações são destinados a alterar o sistema constitucional e a integridade da Federação Russa, que representem a ameaça estatal e incentivem a discriminação social, racial, nacional ou religiosa.

Vários especialistas apontam para a suposta fraqueza dos partidos na Rússia e têm avançado com as seguintes explicações:

- Os eleitores suspeitam da mera ideia do “partido” depois de terem uma experiência muito negativa com o Partido Comunista da URSS (Hough, 1998; McFaul, 2001; Sakwa, 1998).
- O regime soviético destruiu as clivagens sociais e infraestruturas sociais relacionadas, segundo Lipset e Rokkan, com a formação de partidos. E a transição não foi capaz de criar novas clivagens estáveis (Hough, 1998; Lipset, Rokkan, 1967; McFaul, 2001; Sakwa, 1998).
- As instituições políticas russas não fornecem incentivos adequados para a formação de partidos (Hough, 1998; Ordeshook, 1995; Sakwa, 1998).
- Tradição política russa envolve executivos fortes e legislaturas fracas, reduzindo assim as possibilidades de formação de partidos nas legislaturas (Hough, 1998).
- Existência de poucos recursos organizacionais disponíveis na sociedade para os líderes usarem a fim de construir estrutura partidária (Ordeshook, 1995).
- O aumento de valores “pós-materialistas” como o ambientalismo, os efeitos de atomização de televisão e outros fatores relacionados com a “sociedade europeia moderna” têm mais contributo para a política europeia do que a russa (Sakwa, 1998).
- Os governadores russos têm mantido intencionalmente os partidos fracos a fim de reforçar o seu poder e perseguir os seus próprios interesses económicos (Stoner-Weiss, 2001).
- Os ativistas potenciais têm poucas oportunidades económicas disponíveis e, a se tornarem politicamente ativos e inconvenientes para os titulares de poder, têm medo de perder os seus empregos (McMann, 2002).
- As decisões concretas dos líderes sobre o desenvolvimento do partido, nomeadamente a decisão pessoal do ex-presidente russo Boris Ieltsin para negligenciar e até mesmo subverter a formação partidária, têm afetado os partidos políticos russos (Hough, 1998; McFaul, 2001).
- A forma particular da Rússia de transição pós-comunista produziu um “capitalismo oligárquico”, em que aqueles que tinham recursos não precisavam



de partidos e os que não tinham eram demasiado desorientados para organizá-los de uma forma eficaz (McFaul, 2001).

Os partidos federais têm representações na maior parte das regiões, no entanto, apenas alguns deles podem ser caracterizados como organizações fortes e independentes baseadas nas estruturas de clivagem da sociedade bem-estabelecidas (Azarova, 2008).

Rose e Munro (2002, p. 118) descrevem o caráter do sistema partidário russo em que, “out of the four victorious parties in the last Duma, only two contested the elections in the previous three elections - an evidence for the ‘floating’ character of the party system”.

Claramente, há poucos partidos pertinentes – apenas cinco. Abaixo segue uma breve abordagem dos partidos principais, nomeadamente, Partido Comunista da Federação Russa, Partido Liberal-Democrata da Rússia, Partido “Yabloko”, “Rússia Justa” e do partido dominante “Rússia Unida”.

#### **i). Partido Comunista da Federação Russa**

O Partido Comunista é o partido mais tradicional da Rússia que foi criado em 1993. O PCFR foi formado pelos cidadãos voluntários da Federação Russa, unidos por interesses comuns a fim de prosseguir a realização dos seus fins. A principal ideia reunificadora dos comunistas russos é a ideia do patriotismo e da integridade do Estado russo (Tsygankov, 2006).

Criado por iniciativa dos comunistas, o PCFR afirma-se como o sucessor oficial do Partido Comunista da União Soviética. O PCFR compreende os defensores de três correntes de pensamento político: linha dura de marxistas-leninistas, nacionais patriotas e reformistas marxistas/social-democratas.

Sakwa (2002, p.186) define a ideologia do partido como uma “mistura incompatível de nacionalistas, princípios imperialistas e comunistas”, resultando numa política incoerente e contraditória. Os objetivos do partido são o interesse do povo, o florescimento e a grandeza da Pátria.

Desde a sua fundação até os dias atuais, o PCFR é o maior partido da oposição. Como se viu no capítulo anterior, em todas as eleições desde o fim da União Soviética, o candidato do PCFR terminou a disputa em segundo lugar. Em 1996, Zyuganov obteve o apoio de 32.03% do eleitorado, contra 35.28% de Boris Ieltsin. Em 2000, o líder do PCFR obteve 29.21% contra 52.94% de Vladimir Putin. Em 2004, Putin obteve 71.31% dos votos, contra apenas 13.69% de Nikolay Haritonov. Em 2008, Zyuganov obteve quase 18% dos votos contra 70% de Medvedev.

No seu *site* oficial, o Partido Comunista da Federação Russa define-se como

O partido de patriotas, o partido de internacionalistas, o partido de amizade entre os povos. O Partido Comunista da Rússia, defendendo os ideais comunistas, protege os interesses da classe operária, dos camponeses, dos intelectuais e de todos os trabalhadores. O trabalho do Partido baseia-se no seu programa e na Constituição da Federação Russa. O PCFR, todas as suas organizações e agências agem dentro da Constituição Russa, de Lei Federal sobre as Associações Públicas e de outras leis da Federação Russa. O Partido Comunista da Federação Russa é uma pessoa jurídica desde o momento do seu registo estatal e desenvolve as suas atividades de acordo com os objetivos estatutários em todo o território da Federação Russa. O PCFR tem direito de criar as suas organizações partidárias primárias, regionais e locais em todo o território da Federação Russa.<sup>16</sup> (PCFR, 2012).

O partido possui a maior rede de organizações partidárias a nível de base e tem uma maior adesão: mais de meio milhão de membros (recentemente contestado pelo Partido “Rússia Unida”).

Durante o período da segunda e da terceira Dumas, o PCFR foi o partido mais bem-sucedido. Mas a sua grande adesão e sucesso eleitoral estão longe de ser compensados pela sua influência na formulação das políticas. Exceto o período de 1995-1999, quando o referido partido obteve quase a maioria, juntamente com o seu aliado, o Partido

---

<sup>16</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: Коммунистическая партия Российской Федерации - партия патриотов, интернационалистов, партия дружбы народов. Коммунистическая партия Российской Федерации, отстаивая коммунистические идеалы, защищает интересы рабочего класса, крестьянства, интеллигенции, всех людей труда. Коммунистическая партия Российской Федерации строит свою работу на основе Программы и Устава. Партия, все ее организации и органы действуют в рамках Конституции Российской Федерации, Федерального Закона "Об общественных объединениях" и других законов Российской Федерации. Коммунистическая партия Российской Федерации является юридическим лицом с момента государственной регистрации и осуществляет свою деятельность в соответствии с уставными целями на всей территории Российской Федерации. КПРФ вправе создавать свои региональные, местные и первичные партийные организации на всей территории Российской Федерации.

Agrário da Rússia (PAR)<sup>17</sup> (Tsygankov, 2006). A sua influência política a nível federal era fraca ao longo da década o que se explica pela ausência de uma ideologia perceptível, levando a problemas na identidade política.

Liderados por Guennadiy Zyuganov, os comunistas contam com uma rede militante ainda poderosa em certas regiões e com a simpatia de parte dos aposentados, mas o seu eleitorado diminuiu por causa dos partidos favoráveis ao Kremlin que se apropriaram do seu discurso populista e nostálgico da URSS (Azarova, 2008).

Com 47 deputados na Duma, o Partido Comunista é a segunda força política influente no país. O eleitorado do partido é composto principalmente de pensionistas, trabalhadores industriais e empregados de organizações sem fins lucrativos (Central Election Commission of the Russian Federation, 2012).

No que diz respeito ao objetivo estratégico do PCFR, o mesmo assiste na “construção do socialismo renovado, do socialismo do século XXI na Rússia”<sup>18</sup> (PCFR, 2011).

O Partido Comunista da Federação Russa vê o socialismo como

Uma sociedade livre da exploração do homem, baseada na propriedade social, onde os bens são distribuídos pela quantidade, qualidade e o resultado de trabalho. É uma sociedade de alta produtividade e eficiência, alcançadas por meio do planeamento e gestão científica, aplicação de conhecimentos e novas tecnologias. É uma sociedade de verdadeira democracia e desenvolvimento da cultura espiritual que estimula e criatividade e autoestima de trabalhadores. As pessoas são o fator principal para o desenvolvimento social.<sup>19</sup> (PCRF, 2011)

---

<sup>17</sup> Popular no início dos anos 90, este partido com retórica socialista não tem representantes na Duma há uma década e não conseguirá mais de 3% dos votos.

<sup>18</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: Стратегическая цель партии — построение в России обновленного социализма, социализма XXI века.

<sup>19</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: КПРФ рассматривает социализм как свободное от эксплуатации человека человеком общество, базирующееся на общественной собственности и распределяющее жизненные блага по количеству, качеству и результатам труда. Это общество высокой производительности труда и эффективности производства, достигаемых на основе научного планирования и управления, применения наукоемких и ресурсосберегающих технологий. Это общество подлинного народовластия и развитой духовной культуры, стимулирующее творческую активность личности и самоуправление трудящихся. Человек станет главной целью и фактором общественного развития.

O Programa do Partido Comunista da Federação Russa, disponibilizado no *site* oficial do partido, resume-se em cinco pontos:

1. Mundo moderno e a Rússia: a disputa fundamental entre o capitalismo e socialismo não está concluída. A época moderna é a transição do capitalismo para socialismo. Confirma-se a teoria leninista do imperialismo como a fase final do capitalismo. A existência contínua do capitalismo como o sistema predominante no mundo representa uma catástrofe.

O apoio principal dos comunistas é a classe trabalhadora. A base principal para o princípio do socialismo é a socialização de produção. No século XXI, o socialismo como uma doutrina, movimento de massas e o sistema social terá o seu ressurgimento;

2. Lições da História e o modo de salvação da Pátria: as últimas décadas mostraram a certeza da política definida pelo partido no que se refere à construção do socialismo na Rússia. A restauração do capitalismo levou, inevitavelmente, a uma profunda divisão na sociedade, e gerou uma contradição antagônica entre o trabalho assalariado e o capital.

O PCFR está convencido de que “a salvação nacional assiste na revitalização do sistema soviético, seguindo o caminho do socialismo”<sup>20</sup>. O partido luta pela unidade, integridade e independência da Pátria, pela reconstrução da União de povos soviéticos, prosperidade e segurança, a saúde física e moral dos cidadãos;

3. Três etapas de desenvolvimento do país: alcançar a estabilidade política e económica, maior participação dos trabalhadores na administração do Estado e o desenvolvimento sustentável do sistema socialista;
4. Programa mínimo: estabelecer o poder da classe trabalhadora, restaurar os benefícios para famílias grandes, reconstruir jardins-de-infância da rede pública, proporcionar habitação para famílias-jovens, nacionalizar os recursos naturais e setores estratégicos da economia, usar as reservas fiscais para o desenvolvimento económico e social, combater as fraudes nas eleições, criar um sistema Judiciário independente, combater a pobreza, evitar o aumento de idade

---

<sup>20</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: КПРФ убеждена: спасение Отечества — только в возрождении советского строя и следовании по пути социализма.

da reforma, aumentar o investimento em ciência, restaurar o ensino secundário e superior gratuito, garantir o acesso universal aos cuidados de saúde, desenvolver as altas tecnologias, garantir a segurança alimentar e ambiental, melhorar a eficiência da administração pública, criar condições para o desenvolvimento de pequenas e médias empresas, impedir a comercialização da cultura, reprimir a corrupção e o crime, reforçar a defesa do país, garantir a integridade territorial da Rússia, etc.;

5. Fortalecimento ideológico e organizacional do PCFR: aumento da atividade política dos trabalhadores e o seu envolvimento com o movimento nacional para o renascimento do socialismo (PCFR, 2011).

Hoje em dia, o Partido Comunista é uma das vozes que se manifestam contra a autocracia baseada no controlo da imprensa, fraude eleitoral e perseguição de opositores.

## **ii). Partido Liberal-Democrata da Rússia**

O segundo partido que ganhou assentos em todas as quatro Dumas é o Partido Liberal-Democrata da Rússia. Apesar do seu nome, para Azarova (2008, p. 255), “it belonged to the national patriotic camp from its foundation on March 1990”.

O partido afirma-se como centrista e reformista e é geralmente considerado como a extrema-direita que se identifica com o ultranacionalismo russo ou populismo nacional. Opõe-se contra o comunismo e o capitalismo “selvagem” que resultou das reformas da Rússia. Favorece uma economia mista com propriedade privada, mas com um papel de gestão forte reservado para o Estado.

O próprio nome do partido revela a essência do seu programa. Para o PLDR, o liberalismo é, acima de tudo, a liberdade do pensamento e a tolerância para outros pontos de vista, pois “as pessoas não podem ser iguais. A beleza do mundo está na diversidade. A violência não vai forçar as pessoas a pensarem da mesma maneira”.<sup>21</sup> O

---

<sup>21</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: Люди не могут быть одинаковыми, в разнообразии – красота мира. Насилием не заставишь людей думать одинаково.

segundo componente do PLDR é a democracia que assenta nas eleições livres e justas e na existência de um sistema multipartidário (PLDR, 2011).

A sua ideologia baseia-se principalmente nas ideias de “reconquista imperial” e uma visão autoritária de Grande Rússia. O objetivo do PLDR é o renascimento da Rússia como uma grande potência.

O PLDR, no *site* oficial do seu partido, caracteriza o sistema político russo do seguinte modo:

Nos últimos cem anos, na Rússia foram implementadas diversas formas de governação e vários modelos de economia. Os cidadãos russos sofreram do igualitarismo de Lenine, da traição de Gorbachev e da falta de seriedade de Ieltsin.

Hoje em dia, estamos todos sob a pressão da vertical do poder moderno, cujo objetivo principal é de proteger os ricos. Por isso, nos últimos tempos, o número de bilionários, num país artificialmente empobrecido, duplicou.

Apenas o Partido Liberal-Democrata da Rússia tem uma visão real de como restaurar a Rússia em nome da maioria da população!<sup>22</sup> (PLDR, 2011)

O partido é liderado por Vladimir Zhirinovskiy, cuja influência carismática representa um grande negócio para o desenvolvimento do partido e do seu destino. Vladimir Zhirinovskiy entrou espontaneamente na política russa na véspera das transformações revolucionárias de 1991. Nas primeiras eleições presidenciais realizadas na Rússia, concorreu com o democrata Boris Ieltsin e o comunista Vladimir Ryzhkov e passou a ocupar o terceiro lugar.

O líder do partido candidatou-se a todas as eleições presidenciais, faltando apenas a campanha de 2004, quando, por considerações táticas, tinha posto no seu lugar um candidato técnico uma vez que nessa altura Vladimir Putin mantinha a incontestável

---

<sup>22</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: За последние 100 лет в России было реализовано несколько вариантов государственной власти и различных моделей экономики. Граждане России испытали на себе все "прелести" ленинской уравниловки, горбачевской говорушни и предательства, ельцинского разграбления.

Сегодня мы все находимся под гнетом современной властной вертикали, основная цель которой — защитить богатых. Не случайно за последнее время число долларовых миллиардеров искусственно бедной стране удвоилось!

Только ЛДПР имеет реальный взгляд на то, как возродить нашу многострадальную державу во имя большинства населения!

liderança eleitoral. Na campanha presidencial de 2008 também ficou em terceiro lugar após Medvedev e Zyuganov. Atualmente exerce mandato de deputado e ocupa o posto de vice-presidente da Duma.

A atividade de Zhirinovskiy caracteriza-se por frequentes escândalos. Na Rússia, a marca comercial Zhirinovskiy foi atribuída à vodka, maionese, chá e artigos de perfume. Zhirinovskiy considera que cada mulher russa deverá ter um homem e ficar em casa, ou seja, não trabalhar. O seu filho, Igor Lebedev, ocupa a segunda posição na hierarquia partidária e dirige a bancada parlamentar do LDPR (Sakwa, 2011).

O LDPR dispõe de 29 cadeiras na Duma. Extremamente de direita no espectro político, sempre acaba por seguir as ordens de voto do Kremlin e aparece mais como um fantoche do que como uma força política. As principais vantagens do partido são a sua base organizacional forte, um alto nível de disciplina partidária e a estabilidade da sua facção na Duma desde 1999.

O Programa do Partido, disponibilizado no seu *site* oficial, aborda várias questões, tais como:

- Questão Russa – restaurar o sistema de ensinamento de língua russa em todo o país; proteger o país de imigrantes e estimular o regresso dos emigrantes altamente qualificados; criar uma comissão nacional para a investigação de atos ilícitos graves praticados desde 1991;
- Funcionamento estatal, poder e sociedade – retirar a região de Stavropol do Distrito Federal do Cáucaso do Norte; realizar eleições livres e justas; acabar com o Conselho Federal; ativar e desenvolver o governo local e regional;
- Economia para o povo e não para a oligarquia – realizar uma industrialização de grande escala na Rússia; liquidar as dívidas de renda, eletricidade e gás de todos os pensionistas; aumentar o orçamento para o desenvolvimento da agricultura, indústria e estradas; combater a corrupção; estabelecer um salário mínimo de 50 rublos por hora; parar o crescimento dos preços de alimentos, gás, habitação, eletricidade; mudar a política fiscal; respeitar os trabalhadores; diminuir as exportações de petróleo; contribuir para o desenvolvimento do turismo russo;

- Segurança alimentar, agricultura e meio-ambiente – proteger os produtos nacionais, apoiar consumidores e produtores nacionais; em agricultura usar apenas as tecnologias de poupança de recursos; apoiar a implementação e desenvolvimento de programas ambientais a longo prazo; proteger o meio ambiente das ações impensadas dos empresários individuais;
- Demografia – promover o culto da família na sociedade; diminuir o número de abortos; incentivar a natalidade; criar mais creches;
- Segurança Social, Educação e o Sistema de Saúde – preservar todas as formas de serviços médicos gratuitos; garantir assistência aos aposentados e veteranos da Segunda Guerra Mundial; proibir a publicidade nos canais de TV estatais; acabar com provas de ingresso ao ensino superior;
- Segurança, combate ao terrorismo e criminalidade – proibir a venda de cartões “SIM” para clientes não registados; agravar a moldura criminal para terroristas e estendê-la aos seus parentes; melhorar as competências policiais; fortalecer as forças armadas e de segurança;
- Habitação e estradas – criar e implementar um programa de construção de edifícios baixos no país; assegurar reparações emergentes de habitações; criar estradas novas, etc. (PLDR, 2011).

A arma principal de Zhirinovskiy é o recurso aos discursos públicos nos quais promete mudanças imediatas e não dolorosas. O seu eleitorado é classificado como oposicionista ou protestante.

No que se refere à política externa, o partido coloca uma ênfase bastante forte em “civilizações”, apoia a restauração da Rússia nas suas “fronteiras naturais” (que incluem a Bielorrússia, a Ucrânia e outras antigas repúblicas soviéticas). A unificação da Rússia com a Bielorrússia é o primeiro passo para a restauração.

O PLDR considera a civilização ocidental como a principal ameaça externa para a Rússia. O LDPR parte do princípio de que os EUA continuam a ser a única fonte de agressão no mundo contemporâneo (PLDR, 2011).



No que diz respeito às relações com a Europa, segue-se uma linha política sensata mas rígida com equilíbrio no mercado russo de quaisquer preferências no que se refere aos artigos e capitais europeus. O partido critica duramente a discriminação dos russos étnicos nos Estados Bálticos e exige que esses cidadãos recebam a cidadania russa e sejam protegidos contra a legislação discriminatória. Zhirinovskiy propõe que da UE sejam excluídas a Letônia, a Lituânia e a Estônia por causa da política discriminatória praticada contra os habitantes russófonos nestes países Bálticos (Mikhailovskaya, 2005).

### **iii). Democratas “Yabloko”**

Existem dois partidos mais pequenos que podem ser chamados democráticos de acordo com as suas posições políticas: “Yabloko” e “União das Forças de Direita”. Eles não passaram o limiar eleitoral nas eleições de 2004 para a Duma, mas não desapareceram totalmente da arena política, especialmente, nas cidades grandes.

Segundo Lefort (2008), o Partido “Yabloko” começou em 1993 como um bloco eleitoral que unia pequenos partidos democráticos de oposição liderados por Gregoriy Yavlinskiy<sup>23</sup>, Yuriy Direv e Vladimir Lukin. Durante algum tempo, Yavlinskiy era considerado um dos políticos mais brilhantes do país, mas não recuperou da chegada ao poder de Putin.

O partido foi criado oficialmente com o seu nome atual em 1995 e tem, de acordo com dados do partido, 76 departamentos regionais, 600 escritórios e mais de 55 mil membros.

Entre os membros do partido, 59% são mulheres, 41% homens, 23% menores de 30 anos, 8% maiores de 60 anos. O presidente do partido é Serguei Mitrokhin. O seu apoio vem da inteligência urbana, pessoas de idade e trabalhadores especializados. Os 90% do financiamento do partido provêm da empresa Yukos<sup>24</sup> (Medeiros, 2011).

---

<sup>23</sup> Ex-vice primeiro-ministro e desde então líder do partido.

<sup>24</sup> YUKOS (“*IOKOC*”, em russo, aglutinação para Petrolífera do Sul) é uma das maiores empresas do mundo, e a maior da Rússia que atua no setor de extração, transporte, refino e distribuição de petróleo.

Literalmente o nome do partido “Yabloko” significa “Maçã”, mas na realidade tem a ver com iniciais dos seus fundadores. O seu perfil político é uma espécie de liberalismo social. O objetivo do Yabloko é manter a integridade territorial da Rússia, criar um sistema de saúde e educação público de alta qualidade e apresentar a candidatura russa à União Europeia (Yabloko, 2011).

O partido democrático “Yabloko” defende uma economia de mercado social, igualdade de oportunidades, proteção da propriedade privada, concorrência política e económica, fortalecimento das instituições democráticas, o Estado de Direito e a transparência no poder. O *slogan* principal do partido é «Para a Liberdade e Justiça!» (Yabloko, 2011).

Segundo Solovyov (2009), o partido possui várias fações como a “Rússia Verde”, “Mães dos Soldados”, fações da defesa dos direitos humanos e de mulher, da juventude, de empresários e a fação social-democrata. O partido interage com organizações de defesa dos direitos humanos e ambientais, sociedades culturais a fim de proteger os direitos dos cidadãos na esfera social.

O partido desenvolve vários programas, incluindo o “Manifesto Democrático”<sup>25</sup> e o “Sete Passos para a Igualdade de Oportunidades”, entre outros. A sua atividade, de acordo com o Programa do Partido (disponibilizado no seu *site* oficial), compreende:

- Esfera política – publicação de projetos de leis na internet para uma maior transparência; investigação das declarações de rendimentos dos deputados da Duma; combate à corrupção e ao extremismo;
- Soluções aos problemas urbanos – cessação de construções ilegais; criação de um *site* com planeamento urbano de Moscovo; construção de um aeroporto internacional só de cargas;
- Proteção do meio-ambiente – combate às indústrias prejudiciais; luta pela preservação de florestas, parques e jardins e criação de novos espaços verdes; combate à poluição;

---

<sup>25</sup> Manifesto Democrático: um plano para superar os efeitos da privatização criminosa e desmantelamento do capitalismo oligárquico.

- Esfera de educação e cultura – isenção do serviço militar para estudantes de ensino superior; criação de escolas de arte e financiamento de centros culturais;
- Proteção dos direitos sociais – apoio às famílias grandes; casamentos obrigatórios pela Igreja e proibição de abortos, etc. (Yabloko, 2011).

A tendência liberal do partido na política económica visa a privatização e desburocratização da economia, promoção da concorrência livre e de apoio à criação de pequenas e médias empresas.

Comparados frequentemente pelos russos aos reformistas dos anos 90, que conduziram o país ao caos, os líderes do Partido “Yabloko” também sofrem dos efeitos do desprestígio da ideia democrática. Ausente na atual Duma, com 2% das intenções de voto, o partido tem poucas possibilidades de eleger um representante (Lefort, 2008).

#### **iv). Partido “Rússia Justa”**

Oficialmente, o Partido “Rússia Justa” é registado como um partido de esquerda que apoia o socialismo moderno.

Segundo Stuermer (2008), o partido foi criado em 28 de Outubro de 2006 através da junção dos partidos “Pátria”, Partido Russo de Vida e Partido Russo de Reformados. O partido baseia-se nos princípios de justiça, liberdade e solidariedade e na estrutura antiga do Partido Russo de Vida. Juridicamente, o Partido “Pátria” apenas alterou o nome e passou a chamar-se “Rússia Justa”.

Inicialmente, o “Rússia Justa” colaborava com o Partido “Rússia Unida” e apoiava as políticas de Vladimir Putin e Dmitriy Medvedev, mas desde 2011 o partido posiciona-se como uma forte oposição ao governo atual. Em Fevereiro de 2012, o Partido “Verdes” e o Partido Russo de Reformados deixaram de ser aliados do “Rússia Justa” e, desde Dezembro de 2011, o “Rússia Justa” colabora com o PCFR (Rússia Justa, 2011).

De 2007 a 2012, o partido foi membro do Conselho Administrativo da Organização Internacional “SocIntern”. O presidente do partido desde 2011 é Nikolay Levichev, o dirigente da facção na Duma é Sergey Mironov, que pode anular qualquer decisão de qualquer órgão do partido, incluindo o presidente do partido.

Mironov, no seu discurso que faz parte do Programa do Partido, admite:

Hoje em dia, num país rico como a Rússia, a maioria das pessoas vivem em pobreza, e cerca de 20 milhões – em extrema pobreza. Nossa posição firme consiste em lutar pelas leis e criação de condições para que essa pobreza vergonhosa desapareça das nossas vidas.

É impossível alcançar esse objetivo sem adoção das leis justas, especialmente para as pessoas que trabalham e as pessoas que vivem em extrema pobreza.

Por isso, o “Rússia Justa” vai às eleições com um programa específico das iniciativas legislativas, projetadas para os próximos cinco anos.

O nosso programa tem uma forte finalidade social distinta, permitindo a cada ano dar verdadeiros passos em frente para a justiça nas nossas vidas.<sup>26</sup> (*cit. in. Rússia Justa, 2011*).

O Programa do “Rússia Justa”, segundo o *site* oficial do Partido, inclui os seguintes pontos:

- Distribuição equitativa de renda do complexo mineral – redução dos investimentos russos noutros países;
- Reforma salarial e de pensões – aumentar os salários três vezes devido ao aumento da sua participação no PIB;
- Introdução de um imposto progressivo sobre os rendimentos – rendimentos inferiores a 10 mil rublos mensais não são tributados, superiores a 3 milhões de rublos por mês correspondem a um imposto de 30%;
- Introdução de um imposto sobre o luxo que compreende veículos no valor superior a 2 milhões de rublos, imóveis no valor superior a 20 milhões de rublos;
- Introdução dos salários por hora;
- Combate a todas as formas de corrupção (Rússia Justa, 2011).

---

<sup>26</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: Сегодня в богатой России большинство людей живет в бедности, а около двадцати миллионов – в нищете. Наша твердая позиция – бороться за принятие таких законов и создание таких условий, чтобы эти позорные явления исчезли из нашей жизни. Достичь этой цели без принятия конкретных законов, справедливых, прежде всего, для людей труда и малообеспеченных граждан, невозможно. Поэтому СПРАВЕДЛИВАЯ РОССИЯ идет на выборы с программой конкретных законодательных инициатив, рассчитанных на ближайшие пять лет. Они имеют ярко выраженную социальную направленность, позволяющую каждый год делать реальный шаг к справедливости в нашей жизни.

Em 4 de dezembro de 2011, nas eleições legislativas, o partido ficou em terceiro lugar, conseguindo 13.24% dos votos que correspondem a 64 mandatos na Duma. Em 4 de março de 2012, nas eleições presidenciais, Mironov recebeu 3.85% dos votos e ficou em último lugar (Central Election Commission of the Russian Federation, 2012).

#### **v). O Partido do Poder. Partido “Rússia Unida”**

Nenhuma descrição do sistema político russo estaria completa sem a explicação do fenómeno do “partido de poder”, o partido que estabelece o destino político e administrativo. Para Azarova (2008, p.246), “its mission is to channel the presidential influence into the federal legislature with the ultimate goal of forming a pro-presidential majority”.

A primeira tentativa foi feita em 1993, quando o Partido “Escolha da Rússia de Gaidar” obteve apenas 15,5% de votos populares e 15,6% de assentos na Duma. Dois anos mais tarde, existia a concorrência entre dois partidos de poder: “Nossa Casa é Rússia” (OHR), de movimento centro-direita, e o Bloco de Ivan Rybkin (movimento centro-esquerda). Em 1999, durante a terceira eleição, tornou-se claro que a popularidade do partido do poder existente diminuiu bastante e foi estabelecido um novo partido de poder - o Movimento Inter-Regional de Unidade (Lefort, 2008).

O “Rússia Unida” é o que Remington (2005) designa de partido de poder: organizações com capacidade de centralizar influências e impor-se na vida política.

Atualmente, o papel central é dado ao “Rússia Unida” como o dominante e quase onnipotente partido do poder, considerado de centro-esquerda, que foi formado no final de 2001 através de junção de movimentos “Unidade” e “Pátria - Toda a Rússia”. É apoiante do presidente do país, Vladimir Putin, e do atual Primeiro-ministro Dmitriy Medvedev.

O Partido “Rússia Unida” dispõe de dois terços de assentos na Duma atual (299 dos 450 deputados). O seu emblema é um urso polar. O partido está sediado em Moscovo. Apesar de sua grande adesão (919.000 em 2005), o “Rússia Unida” é caracterizado, por Sakwa (2002, p. 287), como “political association made by power elites to advance their interests”.

De acordo com o Programa do “Rússia Unida”, disponibilizado no seu *site* oficial, as prioridades do partido são:

1. Modernização da economia, do sistema de educação, de tecnologias de produção, melhoria do clima para atrair investimentos, criação da infraestrutura para futuras inovações, aumento da produtividade e defesa laboral, aumento do nível de vida;
2. Cumprimento das obrigações sociais – aumento dos salários, pensões, combate à pobreza, modernização do sistema de saúde;
3. Transparência – erradicação da corrupção, transparência fiscal e de rendimentos de funcionários do Estado, das decisões tomadas pelos órgãos de poder e de todas as iniciativas do governo que afetam diretamente os direitos de propriedade e liberdades civis;
4. Justiça – fortalecimento do sistema judicial com base nos princípios de independência, transparência e equidade, humanização da legislação penal no que diz respeito aos crimes na esfera económica e aumento da moldura penal no que se refere aos crimes violentos cometidos contra as crianças, bem como ataques terroristas;
5. Manutenção da paz, luta contra a migração ilegal, xenofobia e separatismo, apoio ao desenvolvimento cultural de todos os povos da Rússia e de todas as religiões tradicionais;
6. Desenvolvimento de um sistema político moderno que irá permitir a todos, inclusive os pequenos grupos sociais, a participação nos processos de tomada de decisões por parte do Estado e administração pública, o desenvolvimento do federalismo e da administração local, pois a liberdade e justiça devem ser acessíveis a todos;
7. Segurança interna e externa, polícia mais eficaz e Forças Armadas mais poderosas, aumento do prestígio do serviço militar, aplicação efetiva das leis;
8. Política externa independente e racional que visa a melhoria do bem-estar das pessoas e garante a sua segurança, novas oportunidades de desenvolvimento

para empresas, integração mais profunda em União Aduaneira com Bielorrússia e Cazaquistão, criação da União Euroasiática (Rússia Unida, 2011).

O partido apoia o “Plano Putin” de desenvolvimento económico, em que há um forte papel do Estado e uma política externa independente. Além de Putin, os principais nomes ligados ao partido são o parlamentar Boris Gryzlov e o ministro Sergei Shoigu. Os deputados do “Rússia Unida” seguem uma política nacionalista e um capitalismo de Estado.

### **3.2. Processo eleitoral**

O desenvolvimento e o futuro do sistema partidário da Rússia estão a tornar-se cada vez mais dependentes da regulação estatal.

Azarova (2008, p. 249) descreve as alterações introduzidas pela Lei Federal sobre “As Garantias Básicas dos Direitos Eleitorais de Cidadãos”, promulgada em 1994:

The Federal Law "On Basic Guarantees of Citizens' Electoral Rights" left the regions with the right to select the size of the legislative assembly, the threshold level, the rules for the formation of the party list, the method of the distribution of the mandates and the choice between open and closed lists.

A partir de 2001, foram impostas as limitações mais rigorosas no que se refere à formulação, desenvolvimento e participação eleitoral dos partidos:

The law "On Political Parties" (2001) and subsequent amendments passed in December 2004 specify that only Russia-wide parties with branches in at least half of the constituencies, a membership not less than 500 in each of them, and a minimum of 50.000 members in total may qualify for registration with the Ministry of Justice (Azarova, 2008, p. 247).

Desde 2001, o Kremlin tem feito esforços consideráveis para recrutar membros do Partido “Rússia Unida” e construir uma organização forte do partido em todas as regiões.

A lei da reforma eleitoral, aprovada em 2003, mudou o sistema eleitoral nas regiões de pluralidade de membros predominantemente singulares para uma mistura de pluralidade de membros singulares e representação proporcional de lista partidária. Moses (2003, p. 114) explica as razões que levaram a esta reforma,

The first reason for this reform was that by changing the conditions for politicians to run for seats in regional assemblies the executive-legislative relationship will be altered: regional legislatures can better counter-balance the power of the governors.

O governo federal destina-se, principalmente, a sustentar o sistema partidário, forçando a diversificação de partidos e a centralização do controlo por parte do Kremlin sobre as regiões. Este último pode ser feito, como previsto, através de agências regionais e as fações do Partido “Rússia Unida” nas legislaturas regionais. Até ao final de 2003, 78 regiões tiveram pelo menos um deputado do RU em seu corpus legislativo, e tiveram fações do partido do poder, apesar de apenas 4 regiões usarem o sistema eleitoral misto (Sakwa, 2011).

Moses (2003) esclarece que a segunda razão da reforma foi a crença de que um sistema representativo proporcional incentivava os partidos a participarem nas eleições regionais e atribuía às fações do partido um papel mais institucionalizado no sistema político regional.

Ao todo, a reforma eleitoral destina-se a promover a competitividade nas políticas regionais. Há sérias razões para suspeitar, no entanto, que em vez de fortalecer o sistema partidário a nível de base, a reforma incentiva apenas as atividades formais do partido a curto prazo e a criação de filiais falsas do partido incapazes de estabelecer uma posição de comando na política de massas (Verkhovskiy, 2003).

A lei da reforma eleitoral de 2003 exige que pelo menos metade dos deputados em assembleias regionais sejam eleitos como candidatos das listas partidárias federais. Sakwa (2011) constatou uma baixa participação pública na política do partido em geral, uma vez que apenas os partidos políticos nacionais são autorizados a competirem pelos assentos.



Desde 2003, esta disposição constitucional, paradoxalmente, aumenta mais ainda o poder presidencial quando o partido pró-presidencial “Rússia Unida” detém dois terços necessários para passar as emendas constitucionais. Azarova (2008, p. 244) refere que, a partir de 2004, o “Rússia Unida” ganha 304 lugares (67.56%), e considera esse fato como “a comfortable political majority for President Putin”.

Na opinião da mesma autora,

Looking to the electoral system from 1993 to 2004, they all agree that a mixed, unconnected system, in which two halves of the Duma are elected by different rules and seats not compensated, splits elections into two separate patterns (Azarova, 2008, p. 247).

Lipman (2006) também considera que Putin pôs um fim ao desenvolvimento das instituições e à participação pública e vê o Kremlin como “the sole center of decision making and control, the obsequious and greedy bureaucracy, and the fatherly figure of the superior rule”.

Em abril de 2005, foi adotada a nova “Lei das Eleições de Deputados da Duma da Federação Russa”. A partir de 2007, todos os deputados passaram a ser eleitos a partir de listas partidárias de acordo com um sistema de representação proporcional.

Foram adotados os procedimentos mais rigorosos para o registo de partidos para as eleições. Lipman (2006) discrimina os novos procedimentos que dão às autoridades oportunidades mais amplas para controlar os partidos:

1. The elimination of single-mandate seats in the Duma;
2. A higher threshold (7% instead of 5%);
3. Stricter procedures for the registration of parties for elections;
4. New financial provisions that give the authorities more extensive opportunities to control parties.

No que diz respeito à responsabilidade democrática, Lipman (2006) prevê que a mesma pode ser alcançada se as eleições servirem como um mecanismo que faz com que os candidatos enviem sinais confiáveis das suas preferências políticas e o seu nível de competência e honestidade durante a campanha eleitoral. As promessas políticas apresentadas por candidatos mostram-se basicamente semelhantes, oferecendo apoio

social e bem-estar económico para a sociedade em geral. No entanto, as informações sobre as características pessoais dos candidatos variam.

Esta informação é disponibilizada para os eleitores a fim de prestarem atenção a esses sinais quando eles votam. O vencedor implementa as políticas anunciadas e age em coerência com os traços de personalidade apresentada após a eleição.

Azarova (2008, p. 253) é detentora de uma visão extremamente aberta da responsabilidade democrática e diz:

Responsiveness through elections thus relies extensively on informal mechanisms. The evidence from Russia demonstrates that none of these informal mechanisms is in place. Indeed, Russian elections are often characterized by such informal practices as campaign irregularities, violence against candidates, vote tampering, ballot box stuffing and other forms of vote rigging. There are serious doubts whether election results from any of the elections in Chechnya are reliable, i.e. not falsified.

A autora invoca a existência das práticas informais: “Some candidates or parties fabricate the missing number of signatures if lack of time, lack of public support or both prevent them from gathering these legally” (Azarova, 2008, p. 254). Práticas informais durante o período de anúncio oficial e registo dos candidatos e partidos incluem as manipulações relacionadas com o incumprimento dos requisitos para o registo, abuso dos meios de comunicação e a anulação de registo de candidatos adversários dos poderosos atores políticos. Os candidatos são obrigados por lei a apresentar um determinado número de assinaturas em seu apoio e pagar uma certa quantia para a obtenção do registo.

#### **i). Eleições Legislativas de 2011**

É importante referir os partidos mais votados para a Duma desde a realização das primeiras eleições legislativas na Rússia em 1993.

Devemos ter em consideração que até a eleição de 2003, a barreira eleitoral mínima para um partido eleger deputados pelas listas partidárias era de 5% dos votos. A partir de 2007, é de 7%.

De acordo com o quadro 6., seguidamente apresentado, em 1993 houve o maior número de partidos participantes nas eleições legislativas devido à entrada em vigor da Constituição Russa de 1993. O PCFR, de 1993 a 1999, liderava as eleições para a Duma na Rússia. A partir de 2003, o Partido Comunista passou para o segundo plano e cedeu a liderança ao Partido “Rússia Unida”.

**Quadro 6 – Partidos mais votados nas eleições legislativas (1993-2007)**

<b>Partidos mais votados nas eleições para a Duma – 1993, 1995, 1999, 2003 e 2007</b> (Em % arredondada de votos recebidos pelas listas partidárias)					
Lugar	1993	1995	1999	2003	2007
1ª	Partido Liberal Democrático da Rússia (22,9)	Partido Comunista da Federação Russa (22,3)	Partido Comunista da Federação Russa (24,3)	Rússia Unificada (37,6)	Rússia Unificada (64,1)
2ª	Escolha da Rússia (15,5)	Partido Liberal Democrático da Rússia (11,2)	Unidade (23,3)	Partido Comunista da Federação Russa (12,6)	Partido Comunista da Federação Russa (11,6)
3ª	Partido Comunista da Federação Russa (15,5)	Nossa Casa é a Rússia (11,1)	Pátria: Toda a Rússia (13,3)	Partido Liberal Democrático da Rússia (11,4)	Partido Liberal Democrático da Rússia (8,2)
4ª	Mulheres da Rússia (8,1)	Yabloko (6,9)	União das Forças Direitas (8,5)	Pátria (9,0)	Rússia Justa (7,8)
5ª	Partido Agrário (8,0)		Bloco de Zhirinovskii (6,0)		
6ª	Bloco de Yavlinskii-Boldyrev-Lukin (7,9)		Yabloko (5,9)		
7ª	Partido de Unidade e Concórdia (6,8)				
8ª	Partido Democrático da Rússia (5,5)				

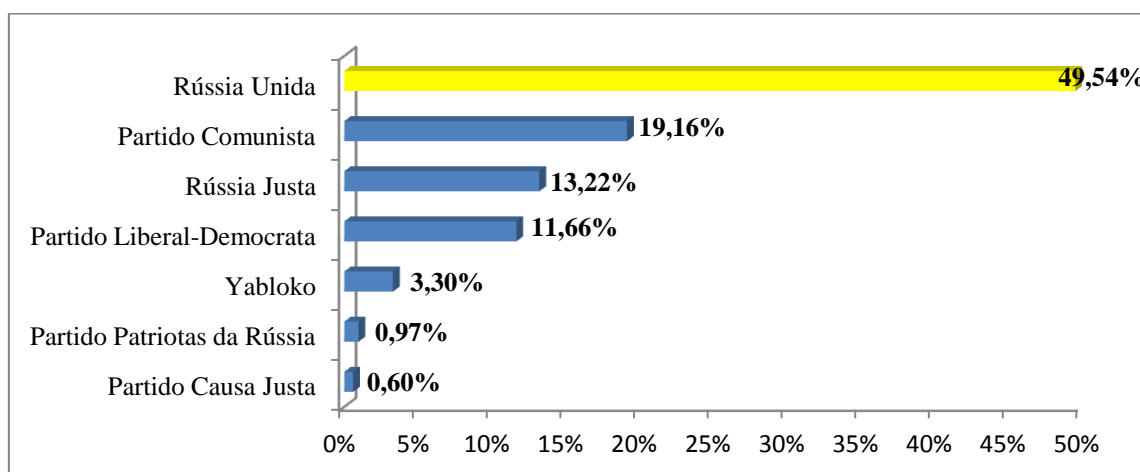
**Fonte:** Comissão Eleitoral Central da Rússia (2011).

Relativamente às últimas eleições legislativas, em 4 de dezembro de 2011, a Rússia elegeu a sua nova Duma. De acordo com os resultados do processamento dos votos pela Comissão Eleitoral Central (CEC), o comparecimento às urnas nas eleições para a Duma Estatal foi de 60.2%.

Acima de tudo a participação declinou nas regiões orientais do país, o que pode ser explicado pelas más condições climáticas. A diminuição mais significativa no comparecimento às urnas verificou-se no Distrito Federal dos Urais – 9.9%. Quanto aos distritos ocidentais, o comparecimento aqui diminuiu ligeiramente. No distrito do Cáucaso do Norte tem crescido até 78.25% (Lyulko, 2011).

Dos sete partidos que participam nas eleições para a Duma foram aprovados quatro – “Rússia Unida”, Partido Comunista, Partido Liberal-Democrata e “Rússia Justa”. Os resultados do processamento dos votos foram os seguintes:

**Gráfico 5 – Resultados das Eleições Legislativas de 2011**



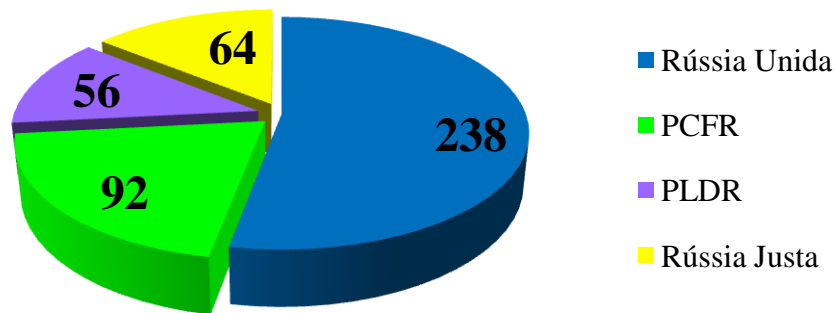
**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados disponibilizados pelo *site* «www.pravda.ru», (Lyulko, 2011).

De acordo com a percentagem apresentada, apenas quatro partidos conseguiram obter mais de 7% de votos e foram aprovados para a Duma.

Em 4 de dezembro de 2011, o Partido “Rússia Unida” obteve 49.54%, logo perdeu a maioria constitucional, agora tem só a maioria simples devido à queda de popularidade e erosão da estabilidade. Os números representam uma perda de 77 mandatos e da maioria de dois terços que o partido havia conseguido em 2007 e que permitia promover mudanças na Constituição sem grandes problemas.

O gráfico seguinte demonstra a distribuição preliminar dos lugares na Duma que, de acordo com a CEC, será a seguinte: “Rússia Unida” - 238 mandatos (em 2007 eram 315), o Partido Comunista - 92 (57 em 2007), o Partido Liberal-Democrata - 56 (não conseguiu lugares na Duma em 2007) e Rússia Justa - 64 (38 em 2007).

**Gráfico 6 – Distribuição dos lugares na Duma (2012)**



**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados disponibilizados pelo *site* «[www.pravda.ru](http://www.pravda.ru)», (Lyulko, 2011).

A vitória do partido de Putin foi acompanhada de uma clara rejeição ao modo de governar e às práticas do “Rússia Unida”. O apoio ao partido, mesmo com as alegadas fraudes, caiu de 65% para cerca de 49%. Ao mesmo tempo, a rejeição ficou expressa na grande votação que teve o Partido Comunista da Rússia, que dobrou a sua votação, chegando a quase 20%, e se tornou a segunda maior força na Duma.

Durante as eleições legislativas, surgiram vários indícios de fraude a favor do partido do governo “Rússia Unida”. Lima (2011) relata que a oposição e entidades internacionais condenaram os resultados e acusaram o “Rússia Unida” de promover fraudes generalizadas para se manter no poder. As acusações são baseadas tanto em acontecimentos registados durante a votação quanto em resultados.

O número máximo de votos para o “Rússia Unida” foi dado em Mordóvia, Daguestão e Chechénia. Nas duas primeiras repúblicas o partido conseguiu mais de 90% dos votos. Na Chechénia, por exemplo, foram conseguidos quase 100% dos votos, pois 99.48% dos eleitores votaram no RU (Golos, 2012).

O começo do dia das eleições legislativas na Rússia foi marcado por um ciberataque a vários *sites* que estavam a denunciar diversas ilegalidades relacionadas com a votação. Os *hackers* conseguiram bloquear o acesso às edições *online* dos jornais “*Kommersant*”

e “*Slon*”, da revista “*New Times*” e de diversos sites de órgãos pertencentes à emissora “*Ekho Moskv*” (Borja-Santos, 2011).

O mesmo ciberataque afetou também o site “*Golos*”, a organização de observadores independentes que acompanhava as eleições russas. O Golos criou uma página *online* que agregava as denúncias de todas as irregularidades relacionadas com a campanha e com o dia das eleições e onde surgiram exemplos de 4000 casos concretos, 3000 dos quais relacionados com o Partido “*Rússia Unida*”. O caráter massivo dos ataques colocou em causa a legitimidade do processo eleitoral (Borja-Santos, 2011).

A Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) também relata que as eleições legislativas não estiveram de acordo com as regras eleitorais. Esta organização, de que a Rússia faz parte, denunciou que o ato eleitoral foi marcado por sérias irregularidades ao nível da manipulação das urnas, falta de imparcialidade dos meios de comunicação social, intimidação de observadores e não separação entre partido e Estado. O complexo processo de registo conduziu à exclusão de vários partidos da oposição e atentou seriamente contra a liberdade de associação, a concorrência política e o pluralismo desde o início (Ferreira, 2011).

Diversos partidos e blocos da oposição boicotaram estas eleições, alegando diversas violações. As supostas fraudes fizeram com que ocorressem enormes protestos no país. Os cidadãos denunciaram em manifestações a prática de fraudes eleitorais, o domínio das instituições de poder e a corrupção crónica no aparelho de Estado.

Também houve o campo pró-Putin com um número de apoiantes mais elevado que numa das manifestações excedeu o número de manifestantes previsto na autorização concedida pela municipalidade.

A batalha das manifestações marcou o início da campanha para as presidenciais de 2012 na Rússia. A eleição presidencial ocorreu sob um clima de tensão devido a esses acontecimentos.

## **ii). Eleições Presidenciais de 2012**

As últimas eleições presidenciais na Rússia ocorreram em 4 de março de 2012. Todos os candidatos independentes à Presidência da República tinham que registrar-se até ao dia 15 de dezembro de 2011, e os candidatos nomeados pelos partidos políticos tinham que registrar-se até 18 de janeiro de 2012 na Comissão Eleitoral Central Russa. O presidente foi eleito para um mandato de 6 anos.

Para ser eleito, foi preciso que o candidato obtivesse pelo menos 50% dos votos, caso contrário, a eleição seria conduzida à segunda volta. O favorito, de acordo com as pesquisas, foi o candidato do Partido “Rússia Unida” – Vladimir Putin, presidente por dois mandatos entre 2000 e 2008. Não podendo concorrer a um terceiro mandato consecutivo, em 2008, Dmitriy Medvedev, aliado próximo de Putin, foi eleito. Apesar de se ter tornado primeiro-ministro, Putin é considerado a figura política mais poderosa do país, completando 12 anos incontestáveis de poder em 2012.

Segundo as informações disponibilizadas no *site* oficial das eleições presidenciais, houve várias candidaturas rejeitadas pelos seguintes motivos:

1. Grigoriy Yavlinskiy (Partido “Yabloko”) – Economista e político, teve a candidatura rejeitada devido à elevada quantidade de assinaturas inválidas apresentadas por ele para o CEC (25,66%);
2. Eduard Limonov (Independente) – Escritor, líder do partido não registado “A Outra Rússia”, teve a candidatura rejeitada porque os dois milhões de assinaturas necessárias não foram certificadas notarialmente;
3. Leonid Ivashov (Independente) – Coronel-general na reserva, presidente da Academia de Assuntos Geopolíticos, teve a candidatura rejeitada pois ele não informou previamente a CEC sobre a realização de uma reunião;
4. Dmitriy Mezentsev (Independente) – Governador de região de Irkutsk, teve a candidatura rejeitada por não conseguir a quantidade necessária de assinaturas (2 milhões) tendo a anulação de assinaturas pela CEC;

5. Nikolay Levashov (Independente) – Escritor, teve a candidatura rejeitada porque no momento da tentativa de registo havia vivido na Rússia por um período inferior a 10 anos;
6. Boris Mironov (Independente) – Escritor, ex-líder do Partido “Soberania Nacional da Rússia”, teve a candidatura rejeitada pois o candidato tinha sido anteriormente condenado por escrever textos extremistas;
7. Svetlana Peunova (Independente) – Chefe do partido político não registado “Volya”, teve a candidatura rejeitada devido à falta de assinaturas recolhidas para defender a sua candidatura (243 245 assinaturas recolhidas sendo necessário 2 milhões);
8. Viktor Cherepkov (Independente) – Líder do partido não registrado “Liberdade e Soberania”, teve a candidatura rejeitada por não apresentar todas as assinaturas exigidas;
9. Rinat Khamiev (Independente) – Líder, teve a candidatura rejeitada por não apresentar todas as assinaturas exigidas;
10. Dmitriy Berdnikov (Independente) – Líder do grupo “Contra a Criminalidade e a Ilegalidade”, apresentou um pedido de criação de uma comissão de iniciativa, mas mais tarde retirou-se do processo de registo;
11. Lidiya Bednaya (Independente) – Teve a candidatura rejeitada por não apresentar a documentação necessária ao CEC (Presidente 2012, 2012).

Além das quatro candidaturas tradicionais aceites, nomeadamente, Vladimir Putin (Partido “Rússia Unida”), Guennadiy Zyuganov (Partido Comunista da Federação Russa), Sergey Mironov (Partido “Rússia Justa”) e Vladimir Zhirinovskiy (Partido Liberal-Democrata da Rússia), surgiu um novo quinto candidato, Mikhail Prohorov (Independente).

Mikhail Prokhorov anunciou a sua candidatura presidencial pouco depois do início da onda de manifestações que questionavam a vitória do “Rússia Unida” nas eleições legislativas, classificada como fraudulenta pela oposição e pelos observadores. Mesmo quando afirma compartilhar ideias com a oposição liberal, os seus verdadeiros motivos provocam debates e muitos consideram a candidatura de Prokhorov como uma tentativa



do poder para dar à campanha eleitoral uma imagem democrática e neutralizar os opositores mais tradicionais. O magnata russo, Mikhail Prokhorov, que entrou na política há pouco tempo, apresentou-se nas eleições presidenciais de 2012 como o candidato de uma nova geração disposta a modernizar a Rússia. Prokhorov é um dos 50 empresários mais ricos do mundo, de acordo com a revista americana *Forbes* (03/2012).

Na Rússia, para votar é necessário ter um certificado preenchido à mão e o passaporte. O eleitor pode votar em diversos postos eleitorais devido à informatização do sistema, o que dificulta a fiscalização, e o voto também pode ser enviado pelo correio. Cerca de 1% do eleitorado vive em regiões afastadas pelo que os elementos da comissão eleitoral tiveram que deslocar-se para recolher as preferências de voto da população.

Para assegurar a validade da eleição, Putin instalou 200 mil câmaras *web* nos 90 mil postos eleitorais do país, para acompanhar a votação que podia ser vista através da internet. Os observadores internacionais ficaram particularmente impressionados com a transmissão direta da votação através de câmaras *web*. Esta tecnologia pode tornar-se um modelo para muitos países ocidentais e para a UE em geral (Comissão Eleitoral Central da Federação Russa, 2012).

No entanto, apesar das câmaras *web*, vários observadores e líderes da oposição afirmaram diversas fraudes na eleição. A Organização Não Governamental (ONG) “*Golos*” (2012), (“*Voz*”, em russo), denunciou centenas de fraudes durante o escrutínio, protesto acompanhado pelos partidos da oposição.

A “*Golos*”, uma agência independente de observação, informou sobre relatórios de “carrosséis de votação”, onde os autocarros cheios de eleitores foram levados para votar várias vezes. O *site* da agência registou mais de mil queixas de irregularidades, entre elas listas de eleitores com validade questionável e falhas nas câmaras.

Além da “*Golos*”, há outros dois grupos independentes que seguiram as eleições, “Liga dos Eleitores”, organização criada por intelectuais russos para observar o escrutínio presidencial, formada em janeiro de 2012 por líderes dos protestos, e “*Rosvybory*”, administrado pelo blogueiro e ativista Alexey Navalnyi (TVi24, 07/03/2012).

A Organização para a Segurança e Cooperação na Europa relatou que as “câmaras não podem capturar todos os detalhes do processo de votação, em especial a contagem de votos”. 250 pessoas formadas pela OSCE e o Conselho da Europa observaram a votação, além de milhares de russos que se apresentaram como fiscais eleitorais e receberam treinamento para saber identificar e denunciar possíveis fraudes (IG, 04/03/2012).

Putin anunciou que, na prática, faria um “revezamento” com Dmitriy Medvedev e fez várias promessas populares durante a sua campanha, nomeadamente, aumentos de salários para os professores, médicos e militares, um crescimento muito significativo dos investimentos do Estado na segurança social até ao final do mandato em 2018, programas contra o declínio demográfico e o compromisso de adotar uma política externa equilibrada.

Nas vésperas das eleições, a imprensa internacional foi autorizada a falar sobre o assunto. O governo tentou, através de rígidas leis, evitar as manifestações.

O candidato Vladimir Putin venceu as eleições presidenciais na primeira volta.

**Tabela 3 – Resultados das Eleições Presidenciais na Rússia em 2012**

	<b>Partido</b>	<b>Candidato</b>	<b>Votos</b>	<b>Votos (%)</b>
1	Rússia Unida	Vladimir Putin	45 478 680	63,64%
2	Partido Comunista da Federação Russa	Guennadiy Zyuganov	12 282 581	17,19%
3	Independente	Mikhail Prokhorov	5 671 348	7,94%
4	Partido Liberal-Democrata da Rússia	Vladimir Zhirinovskiy	4 446 918	6,22%
5	Rússia Justa	Sergey Mironov	2 754 050	3,85%
<b>Total</b>			<b>70 633 577</b>	
Votos Nulos			833 191	1,17%

**Fonte:** Comissão Eleitoral Central da Federação Russa (2012).

Como se pode observar na tabela acima, Vladimir Putin foi eleito presidente da Federação Russa pela terceira vez. Oficialmente, quase 64 % dos eleitores votaram no

candidato do “Rússia Unida”. Em segundo lugar, ficou o comunista Guennadiy Zyuganov com 17,2 %.

A luta principal desenvolveu-se em torno do terceiro lugar, tendo o candidato independente Mikhail Prokhorov ultrapassado em mais de um por cento o líder do Partido Liberal Democrata, Vladimir Zhirinovskiy. O empresário Mikhail Prokhorov obteve 7,9%, o líder do LDPR Vladimir Zhirinovskiy conseguiu 6,2 %. O presidente do Partido “Rússia Justa”, Serguei Mironov, foi o último dos cinco candidatos, com apenas 3,9 %.

A popularidade de Putin, que decorre da sua reputação como um líder forte e eficaz, permanece em contraste com a impopularidade de outros candidatos à presidência, mas depende de uma contínua recuperação económica. O terceiro mandato presidencial de Putin perfila-se bem mais difícil face a um tecido social necessitado de reformas como não se via no país desde o fim da União Soviética.

### **3.3. Influência dos meios de comunicação e da sociedade civil organizada**

Os grupos da sociedade civil podem organizar e exercer impacto real sobre as decisões dos formuladores de políticas, compensando a influência frequentemente desproporcionada dos interesses económicos e grupos de pressão poderosos.

A expressão oligarcas russos ou magnatas russos, surgida após o colapso da União Soviética, refere-se a um pequeno grupo de homens de negócio que adquiriu enorme riqueza, significativa influência política e, frequentemente, também o controle dos meios de comunicação, em algumas das antigas repúblicas soviéticas.

Os oligarcas ganharam destaque em 1992, quando um grupo de jovens reformadores, liderados por Anatoliy Chubais, começou a criar as bases de uma economia capitalista na Rússia. Foi criado um esquema em que cada cidadão russo recebia um prémio, representando a sua parcela da riqueza nacional. Milhões de russos empobrecidos venderam esses bônus a preços muito baixos a poucos compradores que assim acumularam enorme fortuna em ativos remanescentes da economia soviética falida.

Houve também guerras entre os oligarcas, na disputa pelas melhores fatias do bolo estatal (Levine, 2009).

Como resultado desse processo, um pequeno grupo de empresários adquiriu quase metade de todos os ativos financeiros da Rússia. Entre os pioneiros, o mais rico é Boris Berezovskiy, que começou o seu império empresarial com um negócio que lhe garantia direitos exclusivos na venda de carros Lada (Medeiros, 2011).

Os oligarcas chegaram ao seu auge em 1996, durante o governo de Boris Yeltsin, quando os grandes empresários, além da sua força económica, começaram a ter também enorme poder político. Popov (2007) relata que, na época, a parcela dos meios de comunicação na Rússia em poder do setor privado era controlada por dois oligarcas - Berezovskiy e Vladimir Gusinskiy. Para eles, era essencial que Yeltsin continuasse presidente e portanto investiram na sua reeleição.

Mas, desde 31 de dezembro de 1999, quando Yeltsin renunciou e Putin assumiu interinamente a presidência da Rússia - sendo depois eleito, em 2000, e reeleito, em 2004 -, os oligarcas ligados a Yeltsin foram totalmente afastados do círculo próximo do poder. Passaram a ser investigados e alguns foram presos sob acusações tais como a de obter propriedade estatal, de forma totalmente ilegal, durante o processo de privatização. Boris Berezovskiy e Vladimir Gusinskiy foram forçados a abandonar a Rússia, deixando parte dos seus recursos, e a se exilar em Londres e em Israel, respetivamente. Khodorkovskiy foi condenado por evasão fiscal e preso com a consequente perda dos seus bens, incluindo a empresa Yukos, a maior produtora de petróleo da Rússia. Porém, não se pode afirmar que a posição de Putin seja geralmente avessa aos oligarcas, pois também trabalha em estreita colaboração com outros, como é o caso de Roman Abramovich (Levine, 2009).

Essa situação também levou Putin a estabelecer o controlo sobre os meios de comunicação, antes de detido pelos oligarcas. Em 2001 e 2002, os canais de televisão NTV (anteriormente pertencente a Gusinskiy), TV6 e TVS (pertencentes a Berezovskiy) foram tomados por grupos de comunicações leais a Putin. Contratos semelhantes aconteceram com a imprensa (Politkovskaya, 2004).

Putin conta com o apoio dos principais canais de televisão, que são estatais, por exemplo o Canal 1. Eles mostram como um líder forte e masculino é capaz de defender os interesses nacionais russos dentro do país e no exterior. Segundo Politkovskaya (2004), os grupos que fazem defesa da liberdade de expressão, como a rádio liberal “*Ekho Moskvy*” e o jornal “*Novaya Gazeta*”, sofrem uma pressão maior por parte do governo.

De acordo com Mikhailovskaya (2005), o regime político de Putin deixou de ser objetivamente democrático ou legítimo. No decorrer da presidência de Putin de 2000-2004, apenas alguns elementos do regime democrático foram deixados intatos. Outros princípios, tais como meios de comunicação livres e justos, a divisão de poderes entre Executivo e Legislativo e a independência judicial foram, maioritariamente, abandonados.

No segundo mandato do presidente Putin, a Rússia aumentou consideravelmente o seu prestígio internacional e da sua economia, retornando ao seu estatuto tradicional de potência mundial abandonado na última década, apesar do potencial bélico desastroso se manter praticamente inalterado.

Para atingir os seus objetivos, no que concerne a estabilidade e desenvolvimento, Putin usa como instrumentos o autoritarismo e a centralização. Freire (2012) define o sistema político russo como uma “democracia de gestão”, com uma mistura de vários ingredientes, e que se tem revelado uma forma de governação de sucesso.

Autoritarismo governamental e restrições a liberdades fundamentais, incluindo o controlo dos meios de comunicação e repressão (legitimados pelo discurso de combate à corrupção e aos interesses oligarcas), a par de ordem interna e investimentos sociais, em grande medida resultante dos negócios energéticos, têm permitido apoio popular às políticas de Putin. De facto, as melhorias sociais e das condições de vida das populações, com um crescimento económico anual a rondar os 8-9%, têm permitido a Putin uma base sólida de apoio (Gorelik, 2012).

O governo de Putin exerce um controlo significativo sobre os meios de comunicação sociais russos. Solovyov (2009, p. 8) admite que “Putin está ciente de que os seus rápidos ganhos políticos, classificações elevadas e a vitória nas eleições devem-se a

uma promoção bem-sucedida nos meios de comunicação nacionais”.<sup>27</sup> O autor destaca mais uma qualidade de Putin que influenciou poderosamente a formação da sua imagem que é a capacidade de resposta, o imprevisto e a reação rápida em qualquer questão.

Hoje em dia, muitos editores e diretores estão dispostos a remover um artigo ou despedir um jornalista a um pedido informal da administração presidencial. Embora muitos dos problemas da era Ieltsin (como a guerra na Chechênia e as greves de pagamento de salários) ainda existam, agora os repórteres são “convidados” a ignorar ou minimizar, produzindo assim uma imagem positiva da Rússia (Zlobin, 2009).

Solovyov (2009), ao contrário de Zlobin (2009), vê uma derrota catastrófica na luta por uma imagem positiva da Rússia no exterior e considera isso como uma das maiores falhas da política de Putin.

Almeida (2011) introduz um novo conceito de “Putinocracia” e define-o como “o governo de Putin e o sistema político da Rússia”. A administração presidencial, informalmente, tem um peso considerável no processo político, na administração pública e na regulação dos meios de comunicação. Deste modo, o Kremlin controla e dirige todos os campos políticos na Rússia, lançando a oposição para fora do campo constitucional.

Hoje em dia, o termo “Putinismo” é utilizado na imprensa ocidental e pelos analistas russos, muitas vezes com uma conotação negativa, para descrever o sistema político da Rússia sob Vladimir Putin, a sua ideologia, as prioridades e políticas do seu regime de governo e, principalmente, a falta de transparência e democracia.

O período da primeira presidência de Putin marcou as mudanças significativas no caráter das instituições informais. Putin pôs o fim da “anomalia” do controle ineficiente e sanções por parte do Estado, reduziu a influência e, em alguns casos, até acabou não só com os oligarcas, mas também com outros grupos anteriormente influentes no

---

<sup>27</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: Путин хорошо понимал, что его собственные молниеносные политические успехи, высокие рейтинги и уверенные победы на выборах слишком во многом зависели от успешной персональной раскрутки в национальных средствах массовой информации.

Kremlin. No entanto, as práticas informais não deixaram de existir, e não se tornaram mais democráticas (Azarova, 2008).

O surgimento das práticas informais nos dois primeiros períodos legislativos da Duma (1993-1995, 1995-1999) deveu-se não só à sua fragmentação, mas também à sua incapacidade de produzir uma maioria partidária. Como apontam Remington e Smith (2001), as fações da Duma que trabalham para proteger os seus “direitos processuais” coletivos, impediram qualquer incentivo institucional para formar uma maioria.

Nestas circunstâncias, as instituições informais foram desenvolvidas para resolver os problemas da administração ineficaz. Além disso, a transformação das práticas democráticas, sem alteração das regras democráticas, marcadas por conselheiros de Putin como “democracia dirigida”, produziram uma variedade de instituições informais não liberais.

Putin e a sua equipa foram capazes de tirar lições das práticas informais que conflituavam com as práticas formais do Estado e utilizá-las para os seus próprios interesses. Como resultado, o público, em geral, tornou-se ainda mais excluído da participação e demonstra cada vez menos confiança nas estruturas estatais.

Segundo Azarova (2008, p. 260), “before 1995, no regulation existed on the media coverage of campaigns by a private medium”. Hoje em dia, existem três leis formais principais sobre as eleições: “Lei das Garantias Básicas dos Direitos Eleitorais dos Cidadãos para a Participação no Referendo” (2002), “Lei das Eleições de Deputados para a Duma da Federação Russa” (aprovada em 2002 e retificada em 2005) e “Lei das eleições do Presidente da Federação da Rússia” (2003). Elas fornecem a todos os partidos e candidatos a igualdade de acesso aos meios de comunicação estatais e privados: TV, rádio e imprensa.

No início de 2012, a Câmara baixa do Parlamento russo aprovou na generalidade um polémico projeto-lei que promete um controlo apertado sobre as Organizações Não Governamentais que beneficiem de financiamento estrangeiro e que exerçam a atividade política. O projeto-lei foi apoiado pelo PLDR e “Rússia Unida” que rejeitam qualquer intervenção ocidental.

A oposição russa considera isso como uma tentativa de impedir os protestos contra Vladimir Putin. Sergei Mitrokhin, líder do Partido “Yabloko”, admite que o objetivo principal desta lei é reprimir as ONG’s e rebaixar a sociedade civil (Euronews, 07/07/2012).

### **3.4. Influência das potências internacionais**

A Rússia, após a derrocada do socialismo como sistema socioeconómico e da União Soviética, passou a participar numa nova agenda internacional tanto no campo político como no militar. A posição internacional da Rússia tornou-se quase irreconhecível. Desde logo, perdeu o estatuto de paridade com os Estados Unidos, como a outra grande potência internacional, embora sem deixar de ser a segunda potência no domínio das armas estratégicas nucleares.

Após o colapso do comunismo, a atratividade da Rússia no exterior aumentou consideravelmente. Segundo Solovyov (2009, p. 10), “O país que se libertou do Partido Comunista e do KGB só podia invocar a simpatia no mundo civilizado”.<sup>28</sup>

A imprevisibilidade de Boris Ieltsin começou a cansar a elite americana. Putin tornou-se rapidamente no símbolo personalizado da nova Rússia, no qual acreditavam ou queriam acreditar muitos russos.

No primeiro período, após a Rússia tornar-se independente, a política externa russa baseava-se na cooperação com o Ocidente para resolver conflitos regionais e globais, e procurar a ajuda económica e humanitária do Ocidente para apoiar as reformas económicas internas.

A Rússia opôs-se à expansão da NATO para o ex-bloco soviético, com a entrada da República Checa, Polónia e Hungria em 1997 e, particularmente, a segunda expansão da NATO para os Países Bálticos em 2004. As relações com o Ocidente também têm sido marcadas pelas relações da Rússia com a Bielorrússia. O Presidente da Bielorrússia,

---

<sup>28</sup> Tradução livre da autora de língua russa. Страна, сбросившая с себя ярмо КПСС и КГБ, не могла не вызывать симпатии во всем цивилизованном мире.



Alexander Lukashenko, um líder autoritário do estilo soviético, tem mostrado grande interesse em alinhar o seu país com a Rússia, e nenhum interesse em reforçar os laços com a NATO e realizar reformas económicas liberais (Zlobin, 2009).

Com o fim da Guerra Fria, o desmembramento da União Soviética e a desintegração do Pacto de Varsóvia, os países membros da NATO estabeleceram como uma das prioridades o desenvolvimento das relações com a Rússia, através de um diálogo contínuo e da cooperação em interesses comuns.

As relações formais tiveram início em maio de 1997, com a assinatura em Paris do Ato Fundador das Relações, da Cooperação e da Segurança, em que ambas as partes não se consideram como adversárias, expressando o objetivo de construir uma paz comum. A partir daqui, foi atingido um progresso considerável em termos de criação de confiança mútua, que se traduziu num extenso programa de cooperação e consulta (Stuermer, 2008).

Em 2002 foi criado o Conselho NATO-Rússia, através de uma declaração baseada no Ato Fundador, vindo tal facto contribuir para o reforço do clima de confiança, uma vez que intensificou a periodicidade das reuniões, demonstrando vontade política de ambas as partes, o que possibilitou uma série de iniciativas conjuntas que caracterizam uma cooperação mais concreta e conclusiva. Este Conselho tem sido assim o mecanismo mais produtivo, constituindo o principal pilar desta relação.

Robert Pszczel, diretor do Gabinete de Informação da NATO em Moscovo, explica como a organização é vista na Rússia:

Um ponto de vista estereotipado sobre a NATO na Rússia centra-se em acusações de que a infraestrutura militar da NATO está a rodear a Federação Russa. Isto tem a ver com o mito da desigualdade histórica. Uma vez que a NATO era essencialmente um contrapeso ao Pacto de Varsóvia durante o período da Guerra Fria, se o Pacto se dissolveu porque é que a NATO ainda existe?

Existem motivos para nos mantermos resolutamente otimistas. Na Rússia não nos deparamos com nenhuma sensação de animosidade ou de desrespeito. Pelo contrário, quando falo sobre a NATO com representantes, especialistas, deputados ou, simplesmente, membros do público russos, só tenho encontrado pessoas que podem discordar de mim, mas que estão muito empenhadas em alcançar um entendimento mútuo.

A NATO é e continuará a ser um parceiro da Rússia, sólido e honesto; tenho a certeza de que isto será reconhecido pela Rússia (Revista da NATO, 2011).

Apesar da sua evolução positiva e das perspetivas de futuro e desenvolvimento, esta aproximação não deixa de ter os seus altos e baixos.

Para o Ocidente, a democracia consiste em:

1. Meios de comunicação independentes;
2. Liberdade de atuação para Organizações Não Governamentais;
3. Sociedade civil desenvolvida;
4. Separação de poderes;
5. Transição real de poderes (Guerra e Paz, 2011).

Mas como foi referido no subcapítulo anterior, não é isso que se verifica na Rússia nos dias de hoje. Os Estados Unidos criticam a situação dos direitos humanos na Rússia assim como admitem que as autoridades legislativas e judiciais na Rússia não são independentes e que os meios de comunicação livres no país também não existem. A introdução da lei sobre a nomeação de governadores e a eliminação da maioria de deputados independentes são medidas que os EUA interpretam como um reforço de autoritarismo e muito poucas pessoas vêem isso como uma justificação para a ameaça real de terrorismo e separatismo na Rússia (Sholl-Latur, 2007).

Zlobin (2009, p. 15) toma como ponto de partida para a sua reflexão a visão dos EUA sobre a política russa e a presidência de Putin e afirma que,

Nos EUA, todos percebiam que Vladimir Putin passou a ser presidente, em grande parte, devido aos meios de comunicação, especialmente, à televisão russa. Na Rússia não houve uma campanha eleitoral no sentido ocidental da palavra. Washington observava como e com que objetivo Putin insistia na necessidade de controlo político sobre os meios de comunicação, como evoluía a compreensão da sua natureza - não como a ferramenta de informação, mas sim como a autoridade de agitação que perseguia objetivos nacionais definidos pelo governo<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: В США все отлично понимали, что Владимир Путин стал президентом во многом благодаря средствам массовой информации, в первую очередь российскому телевидению. Настоящей избирательной кампании в западном смысле слова в России не было. Из Вашингтона было видно, как и почему формировалась уверенность Путина в

Segundo Zlobin (2009), a maioria dos especialistas ocidentais aceitaram a imagem de Putin, se não de forma positiva, pelo menos neutra. Apesar das críticas à sua posição autoritária, feitas principalmente pela imprensa internacional, Putin teve um alto índice de aprovação entre os russos: 77% em julho de 2006.

Zlobin (2009, p. 22) introduz um novo conceito “*Mafiacracy*” que, segundo o autor, define o regime político da Rússia:

Mafiacracia – é a palavra, cujo significado indica o afundamento do país em corrupção, que se tornou bastante comum no Ocidente no que diz respeito à Rússia, e não só a ela. As estruturas ilegítimas, as organizações criminosas que estão cada vez mais envolvidas na administração pública, distribuição e redistribuição da propriedade, etc.<sup>30</sup>

A Rússia declarou-se como o líder da democracia no espaço pós-soviético e pós-socialista. Assim sendo, os países desenvolvidos imediatamente começaram a exigir os mesmos requisitos que se aplicam a todas as democracias ocidentais e a criticar a Rússia quando esses requisitos não são cumpridos (Solovyov, 2009).

Para Solovyov (2009, p. 79), “Democracia – é um processo. A Rússia afirma-se como um país democrático, praticando atos não democráticos”.<sup>31</sup>

O “G8”, por exemplo, é um grupo de democracias desenvolvidas de que a Rússia faz parte, embora, nos últimos anos, exista a tendência para considerar o “G8” como uma alternativa ao Conselho de Segurança da ONU. Neste caso não se trata de um grupo das democracias ocidentais, mas sim de uma união das potências mundiais mais influentes. Logo, a participação da Rússia é lógica e necessária.

---

необходимости строгого политического контроля над средствами массовой информации, как складывалось его понимание их сути - пропагандистской и агитационных машины, преследующей государственные цели, сформулированные руководством страны.

<sup>30</sup> Tradução livre da autora de língua russa. Mafiacracy - это слово, указывающее на то, что страна погружается в трясину коррупции, ставшее достаточно распространенным на западе в отношении России, да и не только ее. Нелегитимные структуры, а нередко и криминальные организации, все активнее участвуют с государственным управлением, распределении и перераспределении собственности и т.д.

<sup>31</sup> Tradução livre da autora de língua russa. No original: Демократия - это процесс. Россия претендует на роль демократической страны, совершая при этом недемократические действия.

A Rússia ingressou neste grupo em 1998. Explicitamente, a função do G-8 é a de decidir qual ou quais caminhos o mundo deve seguir, pois esses países possuem economias consolidadas e suas forças políticas exercem grande influência nas instituições e organizações mundiais, como a ONU, o FMI e a OMC. A discussão gira em torno do processo de globalização, abertura de mercados, problemas ambientais, ajudas financeiras para economias em crise, entre outros (Sholl-Latur, 2007).

A Rússia ocupa a cadeira de membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, até então ocupada pela URSS. Desse modo, a Rússia desempenha um papel crucial na resolução de problemas no mundo atual. A Rússia faz também parte da Comunidade dos Estados Independentes, uma espécie de *commonwealth* que reúne 13 dos antigos estados da URSS.

A Rússia procura redimensionar o seu relacionamento estratégico com os Estados Unidos da América, aprofundar o diálogo com a Europa Ocidental que elegeu como importante parceiro para o processo de modernização tecnológica do seu aparelho produtivo, recuperar a sua presença estratégica na Ásia Central, desenvolver uma parceria cada vez mais intensa e variada com a China e a Índia e, mais recentemente, demonstra interesse em explorar o grande potencial de intensificação dos vínculos com a América Latina.

A Rússia vê-se a si mesma como um ator global, devido à sua grandeza territorial e ao seu passado, mas também em função dos recursos energéticos inesgotáveis do seu território. O suprimento de gás natural e petróleo são usados não com pouca frequência para fins políticos. Os recursos energéticos são o que move as relações da Rússia com a União Europeia, com os Estados Unidos e com outros países.

### 3.5. Ameaças à democracia russa

Neste subcapítulo, abordaremos as potencialidades da democracia representativa e os obstáculos ao seu desenvolvimento. Uma preocupação crescente relaciona-se com a falta de apoio e seguimento do destino político da Rússia pelos novos governos.

Uma das fraquezas apontadas à democracia russa é o facto de não permitir que objetivos lançados por um governo a longo prazo, mesmo que sejam essenciais para o progresso/bem-estar dos cidadãos, não possam ser postos de lado pelo governo seguinte, adiando assim decisões importantes, ou seja, não permite que haja um rumo para a nação.

Zlobin (2009, p. 197) acredita que dentro de alguns anos, na Rússia, se falará sobre o “regime sangrento” de Putin, da corrupção, de poderes dos serviços secretos, etc. O autor refere que “toda a responsabilidade – e legitimamente – será atribuída ao ex-presidente”.<sup>32</sup> O Ocidente já está habituado à cultura política russa. Por exemplo, em dezembro de 2007, ninguém ficou particularmente surpreendido que, durante a sua campanha eleitoral, o presidente da Rússia criticasse o regime de Boris Ieltsin e toda a sua equipa dos anos 1990. E, de facto, toda a história russa mostra que o novo líder do país só pode legitimar o seu poder à custa da crítica ao regime anterior e ao líder anterior.

Zlobin (2009) acredita que há muitos democratas russos que seriam capazes de conduzir o país através de meios democráticos a fim de transformá-lo num poder forte e independente, que muitas vezes se perdem no meio de alguns “lutadores pela democracia”.

Hoje em dia, a burocracia dissemina-se pelo país, a sociedade civil mantém-se estagnada, não há mais uma oposição que possa ser levada a sério e a sociedade está sob ameaça de problemas como criminalidade, álcool e drogas, a redução drástica da expectativa de vida nos últimos anos, entre outros (Zlobin, 2009).

---

<sup>32</sup> Tradução livre da autora de língua russa. Вся ответственность - и вполне законно - будет возложена на бывшего президента.

A seguinte tabela apresenta os indicadores importantes no que diz respeito à democracia e liberdades civis.

**Tabela 4 – 2010 Data unless otherwise indicated (Russia)**

Corruption Rank out of 178 countries in Transparency International's Corruption Perceptions Index 2010 (highest is most corrupt).	154
Internet users per 100 people, 2008	31.9
% satisfaction with freedom of choice, according to a Gallup survey in 2009	50
% who voiced opinions to officials, according to a Gallup survey in 2008	13

**Fonte:** *The Economist Intelligence Unit 2011*, p. 23

A Rússia é considerada como um dos países mais corruptos do mundo, ocupando a 154<sup>a</sup> posição entre 178 países, onde a posição 178<sup>a</sup> é a mais corrupta. Em 2008, só 31.9% da população russa usava a internet e, em 2009, apenas metade da população na Rússia estava satisfeita com a liberdade de escolha.

O Índice de Democracia, compilado pela revista “*The Economist*”, examina o estado da democracia em 167 países, na tentativa de quantificar este com o *Economist Intelligence Unit Democracy Index*.

Segundo o *The Economist Intelligence Unit 2011*,

In some 40 countries there has been a deterioration in scores for media freedom since 2008. This has included Russia. The reasons for this decline are complex and varied. Underlying negative trends were exacerbated by the 2008-09 global economic crisis. Many governments have felt increasingly vulnerable and threatened and have reacted by intensifying their efforts to control the media and impede free expression... In authoritarian regimes, which have often become stronger and more confident, state control and repression of any independent media is a given and has if anything tended to get worse, with increasing attacks on independent journalists (p. 10).

A “*The Economist*” avalia os países em cinco critérios: o processo eleitoral e pluralismo, as liberdades civis, o funcionamento do governo, a participação política e a cultura política, com notas que vão de zero a dez.

Os valores de índice são usados para posicionar os países dentro de um dos quatro tipos de regime. Os países são classificados em “democracias plenas”, “democracias imperfeitas”, “regimes híbridos” e “regimes autoritários”:

1. Democracias Plenas – de 8 a 10 valores;
  2. Democracias Imperfeitas – de 6 a 7.9 valores;
  3. Regimes Híbridos (todos considerados democracias) – de 4 a 5.9 valores;
  4. Regimes Autoritários (considerados ditatoriais) – abaixo de 4 valores.
- (Democracy Index 2011)

As democracias plenas vivem-se nos países em que as liberdades políticas básicas e as liberdades civis não são apenas respeitadas mas também tendem a ser apoiadas por uma cultura política favorável ao florescimento da democracia. O funcionamento do governo é satisfatório. Os meios de comunicação são independentes e diversificados. O Poder Judiciário é independente e as decisões judiciais são cumpridas. Há apenas problemas pouco relevantes no funcionamento das democracias (Ex.: Noruega, Islândia, Dinamarca).

Os países que pertencem ao grupo das democracias imperfeitas também têm eleições livres e justas e mesmo que haja problemas (como as infrações na liberdade de imprensa), as liberdades civis básicas são respeitadas. No entanto, existem deficiências significativas em outros aspetos da democracia, incluindo problemas de governança, uma cultura política subdesenvolvida e baixos níveis de participação política (Ex.: Portugal, França, Itália).

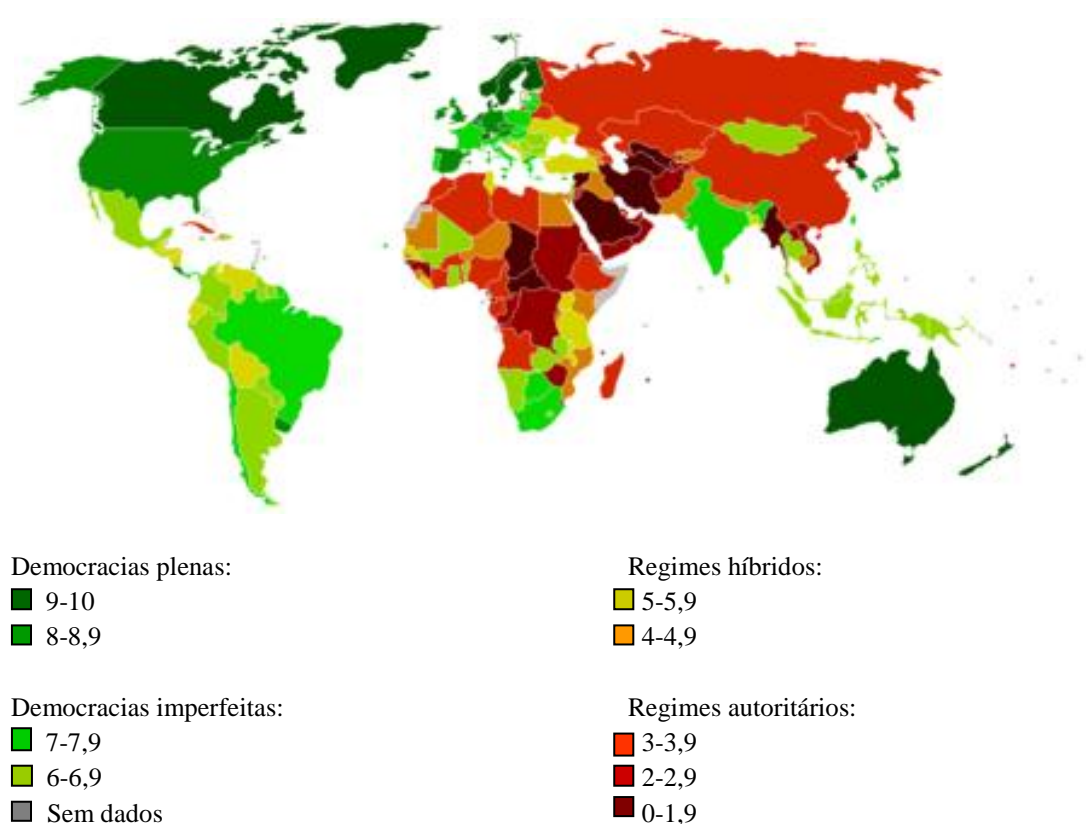
As eleições nos regimes híbridos têm irregularidades substanciais que as impedem muitas vezes de serem livres e justas. As deficiências graves prevalecem mais do que nas democracias imperfeitas, especialmente, na cultura política, no funcionamento do governo e na participação política. A corrupção tende a ser generalizada e o Estado de Direito é fraco. A sociedade civil também é fraca. Normalmente, existe uma certa pressão sobre os jornalistas e o Poder Judiciário não é independente (Ex.: Turquia, Venezuela, Ucrânia).

Os regimes autoritários são considerados como ditatoriais:

In these states state political pluralism is absent or heavily circumscribed. Many countries in this category are outright dictatorships. Some formal institutions of democracy may exist, but these have little substance. Elections, if they do occur, are not free and fair. There is disregard for abuses and infringements of civil liberties. Media are typically state-owned or controlled by groups connected to the ruling regime. There is repression of criticism of the government and pervasive censorship. There is no independent judiciary. (*The Economist Intelligence Unit* 2011, p.30)

Face a outros países, a posição da Rússia é a que se apresenta no mapa abaixo:

**Mapa 1 – Índice de Democracia de 2011**



**Fonte:** *The Economist Intelligence Unit*, 2011

De acordo com a *Economist Intelligence Unit Democracy Index*, em 2010, a Rússia ficou em 107.º lugar, marcando 4.26 pontos, e em 2011, a Rússia marcou um total de 3.92, ficando em 117.º lugar. Assim sendo, a Rússia é considerada como regime autoritário. A *The Economist Intelligence Unit* (2011, p. 17) explica o declínio do índice de democracia:





Putin mudou radicalmente o sistema de voto no país durante os seus dois mandatos como presidente em 2000 e 2004, excluindo candidatos independentes e partidos menores a favor da centralização do poder. Impedido pela constituição russa para se reeleger pela terceira vez, Putin ajudou o seu amigo, Dmitry Medvedev, a vencer as eleições presidenciais em 2008. E, como ambos pretendem continuar o “duo governativo”, foi anunciada uma troca de cadeiras no topo da hierarquia do Estado. Hoje, Putin é novamente o presidente da Federação Russa e Medvedev chefia o governo.

## PERSPETIVAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhum país recentemente sofreu uma mudança tão profunda e radical como a Rússia de hoje. Durante os últimos 20 anos, a Rússia passou por uma transformação extraordinária. Deixou um regime político-económico que perdurou por mais de 70 anos e lançou-se em reformas que apontavam para a alteração da sua própria essência.

A imagem de Gorbachev simboliza o período de fragilidade e estagnação económica dos anos 1980 que provocaram a abertura política e socioeconómica da Rússia ao mundo através da introdução dos programas *Perestroika* e *Glasnost* que, por sua vez, tiveram um papel decisivo na Rússia, na Europa e no resto do mundo em termos da disposição geopolítica. Os programas falharam e as Repúblicas Federais da URSS declararam a sua autonomia definitiva. A decomposição da URSS produziu profundas modificações em todo o leste europeu e alterou a ordem mundial.

A Federação da Rússia, com a declaração da sua soberania económica e política, herdou problemas bastante complicados, como a dívida externa total da URSS. A economia russa mergulhou numa profunda depressão em meados dos anos 1990, que se tornou maior, devido ao colapso de 1998, e começou a recuperar entre 1999-2000 com a chegada de Putin ao poder.

Após a desagregação da União Soviética, na Rússia houve seis mandatos presidenciais. A presidência de Boris Ieltsin ficou associada ao fim da URSS. Após o colapso do comunismo, a atratividade da Rússia no exterior aumentou consideravelmente.

Ieltsin foi o responsável por transformar a Rússia num Estado capitalista, deixando o socialismo, que falhou em todas as funções fundamentais da sua existência como Estado soberano: não controlava o território, não era reconhecido por parte da população e perdia a exclusividade da força armada. Resumindo, aproximava-se dos critérios correspondentes aos Estados falhados.

As eleições presidenciais de 1993 foram as primeiras eleições livres na história do país e são consideradas as mais democráticas da Rússia devido ao fim do comunismo e ao surgimento do pluralismo partidário. A Constituição Russa de 1993 proclamou os direitos humanos, o valor supremo que abriu às pessoas a possibilidade de se

exprimirem livremente, de escolherem o poder no país, de realizarem os seus planos criativos e pessoais.

A Rússia declarou-se como o líder de democracia no espaço pós-soviético e pós-socialista. Assim sendo, os países desenvolvidos imediatamente começaram a exigir os mesmos critérios que se aplicam a todas as democracias ocidentais e a criticar a Rússia quando esses requisitos não são cumpridos.

A pergunta de partida desta dissertação era: democracia ou não? Dado o contexto apresentado, torna-se mais difícil definir o regime político russo. O sistema político é menos transparente e o funcionamento institucional do país algo complexo. A Rússia entrou, assim, num período mais fechado, onde os fatores políticos, económicos e sociais começam a levantar um certo receio.

A Rússia, supostamente, tem eleições livres e transparentes, mas o partido do governo vence sempre, normalmente acompanhado por alegações ou evidências de repressão a qualquer oposição ao governo. A Constituição Russa reconhece a diversidade política e um sistema multipartidário. Mas o que se observa hoje é o enfraquecimento dos partidos políticos por diversos motivos. O desenvolvimento e o futuro do sistema partidário da Federação Russa dependem cada vez mais da regulação estatal.

Atualmente, conseguimos identificar apenas cinco partidos pertinentes. O papel central é atribuído ao “Rússia Unida” como o dominante e quase onnipotente partido do poder. O tradicional Partido Comunista pode ser considerado como a única força oposicionista na Rússia.

A popularidade de Putin, que resulta da sua reputação como um líder forte e eficaz, permanece em contraste com a impopularidade do seu antecessor, mas depende de uma contínua recuperação económica. A economia e o orçamento da Rússia dependem excessivamente da exportação de matérias-primas, como o gás e o petróleo. Trata-se de uma dependência muito assinalada que fica ajustada à instabilidade do preço do petróleo e do gás natural no mercado internacional, e que, nos últimos 12 anos, tem permitido a Putin alguma margem de manobra no campo económico e mesmo político.

A Rússia possui uma das maiores reservas do mundo de petróleo, gás, minerais e outros produtos estratégicos, que constituem uma fonte potencial de desenvolvimento económico e aceleram a evolução da autoconfiança da Rússia como um ator internacional influente.

No decorrer da presidência de Putin (2000-2008), somente alguns componentes do regime democrático foram deixados intatos. Outros princípios, tais como os meios de comunicação livres, a divisão de poderes entre o Executivo e o Legislativo, a independência judicial foram, na prática, abandonados.

O período de presidência de Putin caracteriza-se pela implementação de um federalismo centralista, devido à redução da margem de ação dos sujeitos da federação, entretanto adquiridos durante os mandatos de Ieltsin. Putin empenhou-se na centralização do poder em Moscovo, alterando claramente a dinâmica do federalismo russo. A criação de sete grandes distritos que englobam 89 divisões administrativas originais, a formação do Conselho de Estado para os presidentes e governadores e a redução do poder do Conselho da Federação foram algumas das medidas tomadas nesse sentido.

Putin introduziu um conjunto de reformas a diferentes níveis, pautadas pelo princípio de centralização como equivalente a ordem. Putin valoriza a retórica nacionalista, o protecionismo económico, a afirmação geopolítica da Rússia e considera o monopólio do poder político como fator de estabilidade interna. Em termos efetivos, a nacionalização dos recursos estratégicos contribuiu para melhorar o nível de vida da população e a economia russa tornou-se num instrumento de influência no exterior.

Durante o segundo período de presidência de Putin, a Rússia aumentou consideravelmente o seu prestígio internacional e da sua economia, retornando ao seu estatuto tradicional de potência mundial abandonado na última década. Nas relações externas, o regime procurou imitar a grandeza da antiga União Soviética, com sua beligerância e expansionismo.

Dmitriy Medvedev cumpriu pouco mais do que a conveniência política de conservar o poder não mãos do “Rússia Unida” enquanto Putin via-se constitucionalmente impedido de se candidatar a um terceiro mandato presidencial consecutivo.

Nas eleições presidenciais de 4 de março de 2012, Putin basicamente acabou por seleccionar os pretendentes a defrontar. O facto de haver um controlo cada vez mais apertado dos meios de comunicação, em particular da televisão, que na Rússia é o órgão informativo principal, visto que a imprensa russa só é acessível nas grandes cidades, mostra a falta de transparência política e da liberdade de expressão que são princípios básicos dos regimes democráticos. Deste modo, o Kremlin controla e dirige todos os campos políticos na Rússia, lançando a oposição para fora do campo constitucional.

Ou seja, a nossa reflexão acerca da existência de democracia no sistema político russo mostrou que a Rússia tem um regime que controla cada vez mais e que não suporta qualquer espécie de oposição aberta. O controlo significativo sobre os meios de comunicação social e a sociedade civil organizada constitui uma ameaça à democracia russa.

Mas a questão fundamental é a legitimidade do regime e do seu presidente. Uma campanha eleitoral virtualmente fechada à oposição e o resultado final antecipado das eleições presidenciais de 2012 reduziram ao mínimo a importância das eleições, do sufrágio universal, da voz do cidadão.

No que diz respeito aos objetivos específicos deste trabalho, conclui-se que existem várias ameaças à democracia russa. As diversas ilegalidades detetadas durante o decorrer das últimas eleições presidenciais relacionadas com a votação põem a democracia em risco. As supostas fraudes fizeram com que ocorressem enormes protestos no país.

Quanto à influência dos meios de comunicação da sociedade civil organizada, os atores políticos independentes e a sociedade civil começam a baixar os braços e o cidadão comum desinteressa-se cada vez mais pelo que acontece à sua volta e pelo que se passa no Kremlin e apercebe-se que não pode ter qualquer tipo de influência na vida do seu país. A sociedade russa reage com indiferença e abstém-se de uma voz ativa.

O verdadeiro problema na Rússia é que a sociedade fecha-se sobre si mesma e não participa em nenhum projeto mobilizador nacional. O público, em geral, tornou-se ainda mais excluído da participação, e demonstra cada vez menos confiança nas estruturas

estatais. Em relação ao controlo dos meios de comunicação, a população dificilmente vê um futuro mais democrático para o país.

Hoje, a burocracia difunde-se pelo país, a sociedade civil mantém-se estagnada, não existe mais uma oposição que possa ser considerada a sério e a sociedade está expressamente fraca em função de vários problemas relacionados com a criminalidade, e a demografia. Sendo assim, o regime político russo pode ser definido como uma democracia dirigida.

Apesar das críticas à sua posição autoritária, feitas principalmente pela imprensa internacional, Putin mantém um alto índice de aprovação entre os russos. Tem os seus pontos menos positivos e cometeu alguns erros durante a sua presidência, mas ele é o político que hoje é capaz de garantir as condições necessárias para o desenvolvimento político e a independência real do país.

Ultrapassada a instabilidade política dos anos 1990 e o período da reconstrução do Estado durante o período de presidência de Putin, pode-se concluir que a Rússia atual recuperou o seu papel histórico de *global player*, ou seja, de país com interesses globais e capacidade de influência na conjuntura internacional.

A primeira década do novo milénio pode ser descrita como a da afirmação de um projeto nacionalista de recuperação do Estado russo baseada na expansão e na internacionalização dos mercados internos e na exportação de recursos naturais. Mas o terceiro mandato presidencial de Putin perfila-se bem mais difícil devido à falta de confiança nas estruturas estatais por parte da população.

A Federação Russa soube projetar-se nas novas estruturas e o seu peso demográfico, histórico, militar e político foram uma garantia da manutenção da sua importância internacional apesar de ter perdido o estatuto de superpotência. A Rússia vê-se a si mesma como um ator global, devido à sua grandeza territorial e ao seu passado, mas também em função dos recursos energéticos inesgotáveis do seu território.

A Rússia está no caminho de modernização da economia. Isso permite ao presidente uma centralização político-económica, demonstrando que nada pode ser feito sem a sua autorização. Putin usa o autoritarismo e a centralização como instrumentos para atingir

os seus objetivos no que concerne à estabilidade e desenvolvimento. Isso, por sua vez, constitui uma prova da maturidade política russa, centrando-se no desenvolvimento económico e social interno e na projeção da imagem de uma Rússia forte e próspera, capaz de se afirmar internacionalmente. E, se olharmos para a Rússia atual, para o modo de desenvolvimento da sua economia, podemos considerá-la como um dos blocos económicos mais bem-sucedidos do mundo.



## BIBLIOGRAFIA

Abalkin, L.I. (1998). *Выбор за Россией*. Moscovo, Институт Экономики РАН.

Azarova, A. (2008). “Formal Institutions and Informal Politics in Russia”. In: Meyer, G. (Ed.). *Formal Institutions and Informal Politics in Central and Eastern Europe: Hungary, Poland, Russia and Ukraine*. Opladen, Barbara Budrich Publishers, pp. 213-263.

Bobbio, N. (1979). *Marxismo e Estado*. Rio de Janeiro, Graal.

Bobbio, N. (1986). *O Futuro da Democracia*. São Paulo, Paz e Terra.

Boniface, P. (2009). A Situação Estratégica em 1989. In: Boniface, P. (Ed.). *Atlas das Relações Internacionais*. Lisboa, Plátano Editora.

Brown, C.; Ainley, K. (2009). *Compreender as Relações Internacionais*. Lisboa, Gradiva.

Colton, T.; McFaul, M. (2005). Putin and Democratization. In : Herspring, D. (Ed.). *Putin's Russia: Past Imperfect, Future Uncertain*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, Inc., pp. 13-29.

Farhat S. (1996). *Dicionário Parlamentar e Político*. São Paulo, Fundação Peirópolis.

Fernandes, S.D. (2006). *Europa (In)segura: União Europeia, Rússia, Aliança Atlântica: a Institucionalização de uma Relação Estratégica*. Estoril, Príncípia Editora, Lda.

Freire, M. R. (2012). *A Rússia de Putin – Vetores Estruturantes de Política Externa*. Lisboa, Almedina.

Friedman, G. (2009). *Os Próximos 100 Anos: uma Previsão para o Século XXI*. Alfragide, Publicações Dom Quixote.

- Gaidar, E. (2012). *Russia: a Long View*. Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology.
- Gelman, V.; Golosov, G. (1999). *Elections in Russia, 1993-1996: Analyses, Documents and Data*. Berlim, Sigma.
- Golosov G. (2004). *Political Parties in the Regions of Russia: Democracy Unclaimed*. Colorado, Lynne Rienner Publishers, Inc.
- Gorbachev, M. (1987). *Perestroika: Novas Ideias para o meu País e o Mundo*. São Paulo, Fundação Peirópolis.
- Hoffe O. (2005). *A Democracia no Mundo de Hoje*. São Paulo, Livraria Martins Fontes, Lda.
- Hoffman, D.E. (2003). *The Oligarchs: Wealth and Power in the New Russia*. Vancouver, PublicAffairs.
- Hough, J.F. (1998). *Growing Pains: Russian Democracy and the Election of 1993*. Washington, The Bookings Institution.
- Huntington, S. (1996). *O choque das civilizações e a mudança na ordem mundial*. Lisboa, Gradiva – Publicações, Lda.
- Ieltsin, B. (2002). *Diários da Meia-Noite*. Brasília, Livros do Brasil.
- Khanna, P. (2009). *O Segundo Mundo: Como as Potências Emergentes Estão a Redefinir a Concorrência Global no Século XXI*. Lisboa, Editorial Presença.
- Korzhakov A. (1997). *Boris Yeltsin: From Dawn to Dusk*. Moscovo, Прореец-Академия.
- Lefort, C. (1986). *Pensando o Político*. São Paulo, Paz e Terra.
- Levine, S. (2009). *Putin's Labyrinth: Spies, Murder, and the Dark Heart of the New Russia*. Nova Iorque, The Random House Publishing Group.

Lipset, S.M.; Rokkan, S. (1967). *Cleavage Structures, Party Systems and Voter Alignments*. Washington, The Free Press.

MacPherson, C.B. (1966). *The Real World of Democracy*. Nova Iorque, Oxford University Press.

McFaul, M. (2001). *Russia's Unfinished Revolution: Political Change from Gorbachev to Putin*. Nova Iorque, Cornell University Press.

McMann, K. (2002). *Individual Differences as Predictors of Organizational Citizenship Behavior: The Role of Coping Strategies, Conscientiousness and Emotional Stability*. Mankato, Minnesota State University.

Medeiros, C.A. (2011). *A economia política da transição na Rússia in Uma Longa Transição: Vinte Anos de Transformações na Rússia*. Brasília, Instituto de Pesquisa Económica Aplicada.

Medvedev, R.A. (2002). *Время Путина: Россия на рубеже веков*. Moscovo, АСТ.

Michels R. (1991). *Los Partidos Políticos (1): Un Estudio Sociológico de las Tendencias Oligárquicas de la Democracia Moderna*. Buenos Aires, Los Talleres Gráficos Color Efe.

Mikhailovskaya E. (2005). *Россия Путина: руины и ростки оппозиции*. Moscovo, Panorama.

Morais, A.C. (2006). O Império Pós-Soviético da Rússia. *Diário de Notícias* (19/08/2006).

Moses, J.C. (2003). *Dilemmas of Transition in Post-Soviet Countries*. Chicago, Burnham Inc. Publishers.

Ober, J. (2007). *The Original Meaning of "Democracy": Capacity to Do Things, not Majority Rule*. Washington, Blackwell Publishing Lda.

Ordeshook, P.C. (1995). *Lessons for Citizens of a New Democracy*. Oxford, University of Maryland at College Park.

Ostrovsky, A. (2011). Vladimir II: Adivinha Quem Vai Governar (a Rússia). In: *The Economist "O Mundo em 2012"*. Lisboa, Impresa Publishing S.A.

Petrov, N.; Slider, D. (2005). Putin and the Regions. In: Herspring, D. (Ed.). *Putin's Russia: Past Imperfect, Future Uncertain*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, Inc., pp. 237-258.

Politkovskaya, A. (2004). *Putin's Russia: Life in a Failing Democracy*. London, The Harvill Press.

Pomeranz, L. (1990). *Perestroika: Desafios da Transformação Social na URSS*. São Paulo, Universidade de São Paulo.

Popov, V. (2007). *The Financial System in Russia as Compared to Other Transition Economies*. Lanham, Rowman&Littlefield.

Remington, T.F., Smith, S.S. (2001). *The Politics of Institutional Choice: The Formation of the Russian State Duma*. New Jersey, Princeton University Press.

Remington T.F. (2005). *Putin, The Duma and Political Parties*. New Jersey, Princeton University Press.

Rose, R., Munro, N. (2002). *Election without Order: Russia's Challenge to Vladimir Putin*. Cambridge, Cambridge University Press.

Rutland, P. (2005). Putin and the Oligarchs. In: Herspring, D. (Ed.). *Putin's Russia: Past Imperfect, Future Uncertain*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, Inc., pp. 161-182.

Sakwa, R. (1998). *Soviet Politics in Perspective (2<sup>nd</sup> Ed.)*. Nova Iorque, Routledge.

Sakwa, R. (2002). *Concepts in the Social Sciences: Postcommunism*. Buckingham, Open University Press.

Sakwa, R. (2005). *Путин: выбор России*. Moscovo, Олма-Пресс.

Sakwa, R. (2011). *The Crisis of Russian Democracy: The Dual State, Factionalism and the Medvedev Succession*. Edinburgh, Cambridge University Press.

Santos, B. S. (2003). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa (Vol. I)*. Porto, Afrontamento.

Schumpeter, J.A. (1942). *Capitalism, Socialism and Democracy*. Londres, Harper&Brothers.

Sholl-Latur, P. (2007). *Россия Путина: эффект сжатия : империя под прессингом НАТО, Китая и ислама*. Moscovo, Столица-Принт.

Slider, D. (2001). Russia's governors and party formations. In: Brown, A. (Ed.). *Contemporary Russian Politics*. Oxford, Oxford University Press, pp. 224-234.

Sobchak, A. (2007). O Longo Elogio de Vladimir Putin. In: *Diário de Notícias* de 24/04/2007.

Sogrin, V.V. (1994). *Политическая история современной России: 1985-1994: от Горбачева до Ельцина*. Moscovo, Прогресс-Академия.

Sogrin, V.V. (2002). *Политическая история современной России : 1985-2001: от Горбачева до Путина*. Moscovo, Прогресс-Академия.

Solnick, S. L. (1995). *Stealing the State: Control and Collapse in Soviet Institutions*. Harvard, Harvard College.

Stoner-Weiss, K. (1997). *Conversations on Russia: from Yeltsin to Putin*. Oxford, Oxford University Press.

Stoner-Weiss, K. (2001). *Local Heroes: The Political Economy of Russian Regional Governance*. New Jersey, Princeton University Press.

Stuermer, M. (2008). *Putin e o Despertar da Rússia*. Lisboa, Editorial Presença.

Tolz, V. (2001). Politicians conceptions of the Russian nation. In: Brown, A. (Ed.). *Contemporary Russian Politics*. Oxford, Oxford University Press, pp. 355-362.

Tsygankov, A. (2006). *Russia's Foreign Policy: Change and Continuity in National Identity*. Lanham, Rowman&Littlefield.

Verkhovskiy A. (2003). *Россия Путина: пристрастный взгляд*. Moscovo, Центр Панорама.

Wibbels, E. (2006). *Madison in Baghdad? Decentralization and Federalism in Comparative Politics* (Annual Review of Political Sciences, 9). Washington, University of Washington. pp. 165-188.

Zlobin, N., Solovyov, V. (2009). *Противостояние: Россия - США*. Moscovo, Эксмо.

### Fontes Eletrónicas:

Almeida J.M. (2011). Putinocracia. [Em Linha]. Disponível em <[http://www.ipri.pt/publicacoes/working\\_paper/working\\_paper.php?idp=703](http://www.ipri.pt/publicacoes/working_paper/working_paper.php?idp=703)>. [Consultado em 20-03-2012].

Borja-Santos, R. (2011). Ciberataque Cala Críticos do Kremlin em Dia de Eleições na Rússia. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.publico.pt/Mundo/ciberataque-cala-criticos-do-kremlin-em-dia-de-eleicoes-na-russia-1523707>>. [Consultado em 08/03/2012].

Central Election Comission of the Russian Federation (2012). Выборы Президента Российской Федерации в 2012 году. [Em Linha]. Disponível em <[http://cikrf.ru/banners/prezident\\_2012/index.html](http://cikrf.ru/banners/prezident_2012/index.html)>. [Consultado em 18-07-2012].

Comissão Eleitoral Central da Federação Russa (2011). Выборы депутатов Государственной Думы Федерального Собрания Российской Федерации шестого созыва. [Em Linha]. Disponível em <[http://www.vybory.izbirkom.ru/region/region/izbirkom?action=show&root=1&tvд=100100028713304&vrn=100100028713299&region=0&global=1&sub\\_region=0&prver=0&pronetvd=null&vibid=100100028713304&type=242](http://www.vybory.izbirkom.ru/region/region/izbirkom?action=show&root=1&tvд=100100028713304&vrn=100100028713299&region=0&global=1&sub_region=0&prver=0&pronetvd=null&vibid=100100028713304&type=242)>. [Consultado em 17/04/2012].

Comissão Eleitoral Central da Federação Russa (2012). Выборы Президента Российской Федерации. [Em Linha]. Disponível em <[http://www.vybory.izbirkom.ru/region/region/izbirkom?action=show&root=1&tvtd=100100031793509&vrn=100100031793505&region=0&global=1&sub\\_region=0&prver=0&pronetvd=null&vibid=100100031793509&type=226](http://www.vybory.izbirkom.ru/region/region/izbirkom?action=show&root=1&tvtd=100100031793509&vrn=100100031793505&region=0&global=1&sub_region=0&prver=0&pronetvd=null&vibid=100100031793509&type=226)>. [Consultado em 19/05/2012].

Constituição da Federação Russa (1993). [Em Linha]. Disponível em <<http://archive.kremlin.ru/eng/articles/ConstMain.shtml>>. [Consultado em 17/03/2012].

Decisão do Conselho Federal, n.º 473 de 22/12/2008. [Em Linha]. Disponível em <<http://rg.ru/2008/12/31/sf-sroki-dok.html>>. [Consultado em 15/10/2008].

Dossier do Mercado: Rússia (05/2007). [Em Linha]. Disponível em <[http://www.missaorussia.gov.pt/ResourcesUser/ARussiaMais/Dossier\\_de\\_Mercado\\_Russia.pdf](http://www.missaorussia.gov.pt/ResourcesUser/ARussiaMais/Dossier_de_Mercado_Russia.pdf)>. [Consultado em 05/03/2012].

The Economist Intelligence Unit (2011). Democracy Index: Democracy under Stress. [Em Linha]. Disponível em <[http://pages.eiu.com/rs/eiu2/images/EIU\\_Democracy\\_Index\\_Dec2011.pdf](http://pages.eiu.com/rs/eiu2/images/EIU_Democracy_Index_Dec2011.pdf)>. [Consultado em 04/07/2012].

Euronews (07/07/2012). ONG's a Operar na Rússia Consideradas “Agentes do Estrangeiro”. [Em Linha]. Disponível em <<http://pt.euronews.com/2012/07/07/ong-s-a-operar-na-russia-consideradas-agentes-do-estrangeiro/>>. [Consultado em 14/10/2012].

Euronews (26/06/2012). Retrato da Economia Russa. [Em Linha]. Disponível em <<http://pt.euronews.com/2012/02/26/retrato-da-economia-russa/>>. [Consultado em 25/05/2012].

Ferreira, A.G. (2011). Parlamento Europeu defende repetição das legislativas na Rússia. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.publico.pt/Mundo/presidente-da-duma-um-proximo-de-putin-deixa-o-cargo-1525005>>. [Consultado em 08/05/2012].

Forbes (03/2012). Mikhail Prokhorov. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.forbes.com/profile/mikhail-prokhorov/>>. [Consultado em 18/08/2012].

Freedom House (2011). Freedom in the World: Selected data from Freedom House's annual survey of political rights and civil liberties. [Em Linha]. Disponível em <[http://www.freedomhouse.org/sites/default/files/FIW%202012%20Booklet\\_0.pdf](http://www.freedomhouse.org/sites/default/files/FIW%202012%20Booklet_0.pdf)>. [Consultado em 15/09/2012].

Fundo Monetário Internacional (2012). Russian Federation and the IMF. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.imf.org/external/country/rus/index.htm>>. [Consultado em 24/07/2012].

Golos (2012). Ассоциация «ГОЛОС» — достоверно о выборах с 2000 года. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.golos.org/>>. [Consultado em 27/08/2012].

Gorelik, K. (2012). Radio Liberty making waves: have no lessons from the past been learnt? [Em Linha]. Disponível em <<http://www.opendemocracy.net/od-russia/kristina-gorelik/radio-liberty-making-waves-have-no-lessons-from-past-been-learnt>>. [Consultado em 07/11/2012].

Guerra e Paz (2011). Суверенная демократия и гуманитарные бомбардировки. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.warandpeace.ru/ru/exclusive/view/62791/>>. [Consultado em 28/04/2012].

IG (04/03/2012). Russos Votam para Eleger Novo Presidente. [Em Linha]. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/comeca-a-eleicao-presidencial-na-russia/n1597663478515.html>>. [Consultado em 18/06/2012].

Кононов, А.Л. (2005). Постановление Конституционного Суда РФ от 21.12.2005 года N 13-П. [Em Linha]. Disponível em <<http://base.consultant.ru/cons/cgi/online.cgi?req=doc;base=LAW;n=57388>>. [Consultado em 11/10/2012].

Lefort, R. (2008). Passage of power in Russian elections. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.france24.com/en/20080303-passage-power-russian-elections-talk-paris>>. [Consultado em 13/06/2012].



Lima, J.A. (2011). *Comunistas Ficam em Segundo Lugar em Eleição na Rússia. Mas Porquê?* [Em Linha]. Disponível em <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/ofiltro/tag/partido-comunista-da-russia/>>. [Consultado em 04/02/2012].

Lipman, M. (2006). *Fear of the West in Russia*. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.carnegieendowment.org/2006/05/02/fear-of-west-in-russia/1p59>>. [Consultado em 15/08/2012].

Lyulko, L. (2011). *Nova Configuração da Duma Russa*. [Em Linha]. Disponível em <<http://port.pravda.ru/russa/05-12-2011/32569-dumarussa-0/>>. [Consultado em 05/03/2012].

Mail.Ru (2012). *История президентских выборов в России*. [Em Linha]. Disponível em <<http://news.mail.ru/infographics/60767/>>. [Consultado em 12/05/2012].

Montesquieu, C. (1748). *O Espírito das Leis*. [Em Linha]. Disponível em <<http://pensamentosnomadas.files.wordpress.com/2012/04/montesquieu-o-espirito-das-leis.pdf>>. [Consultado em 08/04/2012].

PCFR (2011). *Programa do Partido Comunista da Federação Russa*. [Em Linha]. Disponível em <<http://kprf.ru/party/program/>>. [Consultado em 16/09/2012].

PCFR (2012). *Краткая справка*. [Em Linha]. Disponível em <<http://kprf.ru/party/info/>>. [Consultado em 14/10/2012].

PLDR (2011). *Programa do PLDR*. [Em Linha]. Disponível em <[http://ldpr.ru/#party/Program\\_LDPR/A\\_practical\\_program\\_for\\_the\\_Liberal\\_Democratic\\_Party](http://ldpr.ru/#party/Program_LDPR/A_practical_program_for_the_Liberal_Democratic_Party)>. [Consultado em 14/09/2012].

Presidente2012 (2012). *Рейтинг по результатам голосования на сайте*. [Em Linha]. Disponível em <<http://president2012.ru/kandidaty.html>>. [Consultado em 23/07/2012].

Relatório do Desenvolvimento Humano (2011). [Em Linha]. Disponível em <[http://hdr.undp.org/en/media/HDR\\_2011\\_PT\\_Complete.pdf](http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2011_PT_Complete.pdf)>. [Consultado em 10/09/2012].

Revista da NATO (2011). Como a NATO é Vista na Rússia (ou uma Lição de Otimismo). [Em Linha]. Disponível em <[http://www.nato.int/docu/review/2011/NATO\\_Russia/lessons-optimism/PT/index.htm](http://www.nato.int/docu/review/2011/NATO_Russia/lessons-optimism/PT/index.htm)>. [Consultado em 26/09/2012].

Ribeiro, R.M. (2012). O Czar Vladimir. [Em Linha]. Disponível em <<http://tempos-interessantes.blogspot.pt/2012/05/o-czar-vladimir.html>>. [Consultado em 14/05/2012].

Rossiyskaya Gazeta (01/12/2011). Explaining Russia's political system. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.telegraph.co.uk/sponsored/russianow/politics/8926401/Russias-political-system.html>>. [Consultado em 24/07/2012].

Rússia Justa (2011). Programa do Partido “Rússia Justa”. [Em Linha]. Disponível em <[http://www.spravedlivo.ru/information/section\\_11/president\\_programm\\_m/](http://www.spravedlivo.ru/information/section_11/president_programm_m/)>. [Consultado em 13/09/2012].

Rússia Unida (2011). Programa do Partido “Rússia Unida”. [Em Linha]. Disponível em <[http://er.ru/party/presidential\\_election/](http://er.ru/party/presidential_election/)>. [Consultado em 14/06/2012].

Schleifer, A., Treisman, D. (2004). A Normal Country: Rethinking Russia. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.foreignaffairs.com/articles/59707/andrei-shleifer-and-daniel-treisman/a-normal-country>>. [Consultado em 28/06/2012].

Souza, P.G. (2011). Conceito de Democracia. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.pesquisedireito.com/artigos/constitucional/conceito-de-democracia>>. [Consultado em 15/07/2012].

Tecedeiro, H. (11/12/2007). Putin Oferece Kremlin a "Menino Prodígio". [Em Linha]. Disponível em <[http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=990834](http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=990834)>. [Consultado em 18/07/2012].

TVi24 (07/03/2012). Liga dos Eleitores não reconhece vitória de Putin. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/putin-russia-eleicoes-presidenciais-tvi24/1331085-4203.html>>. [Consultado em 09/06/2012].

Veja (18/08/2011). Putin castrou a democracia da Rússia. [Em Linha]. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/%E2%80%98putin-castrou-a-democracia-da-russia%E2%80%99-diz-gorbachev>>. [Consultado em 20/03/2012]

Voz da Rússia (15/11/2009). Dmitri Medvedev: Avante, Rússia, para Modernização Económica! [Em Linha]. Disponível em <<http://portuguese.ruvr.ru/2009/11/15/2318408.html>>. [Consultado em 15/09/2012].

Yabloko (2011). Programa do Partido “Yabloko”. [Em Linha]. Disponível em <<http://yabloko.ru/files/resume.pdf>>. [Consultado em 14/10/2012].

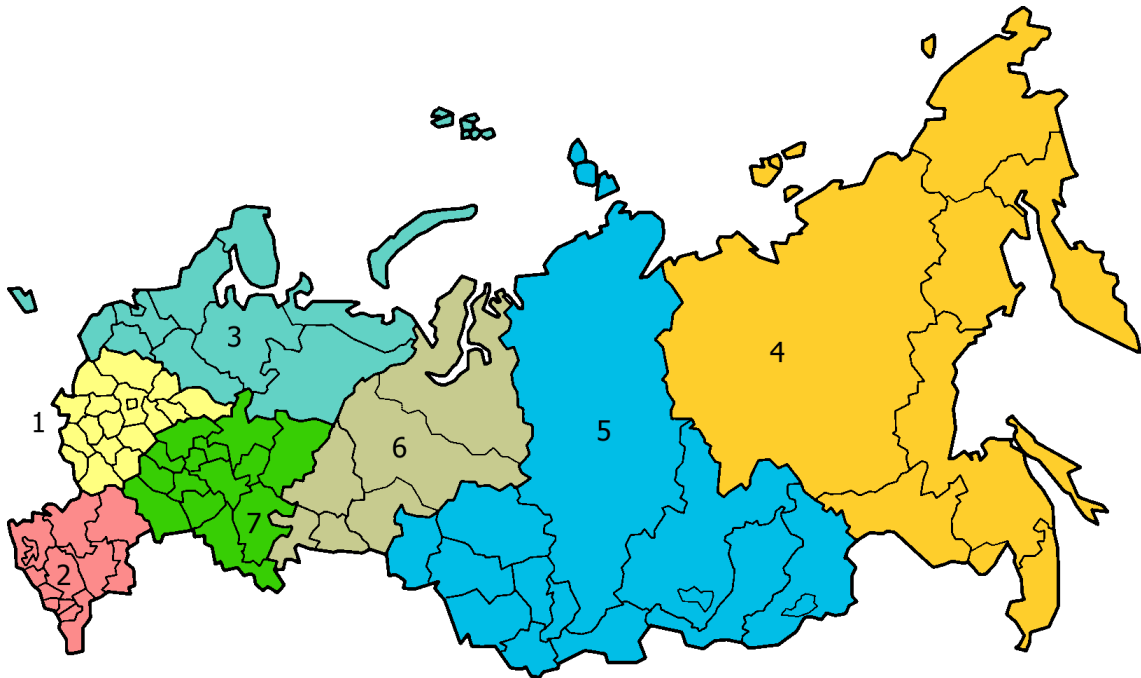
## ANEXOS

### Anexo 1 – Mapa da Comunidade dos Estados Independentes



Fonte: All Russia's. Disponível em <[http://www.allrussias.com/images/cis1\\_big.jpg](http://www.allrussias.com/images/cis1_big.jpg)>.

## Anexo 2 – Distritos Federais da Rússia

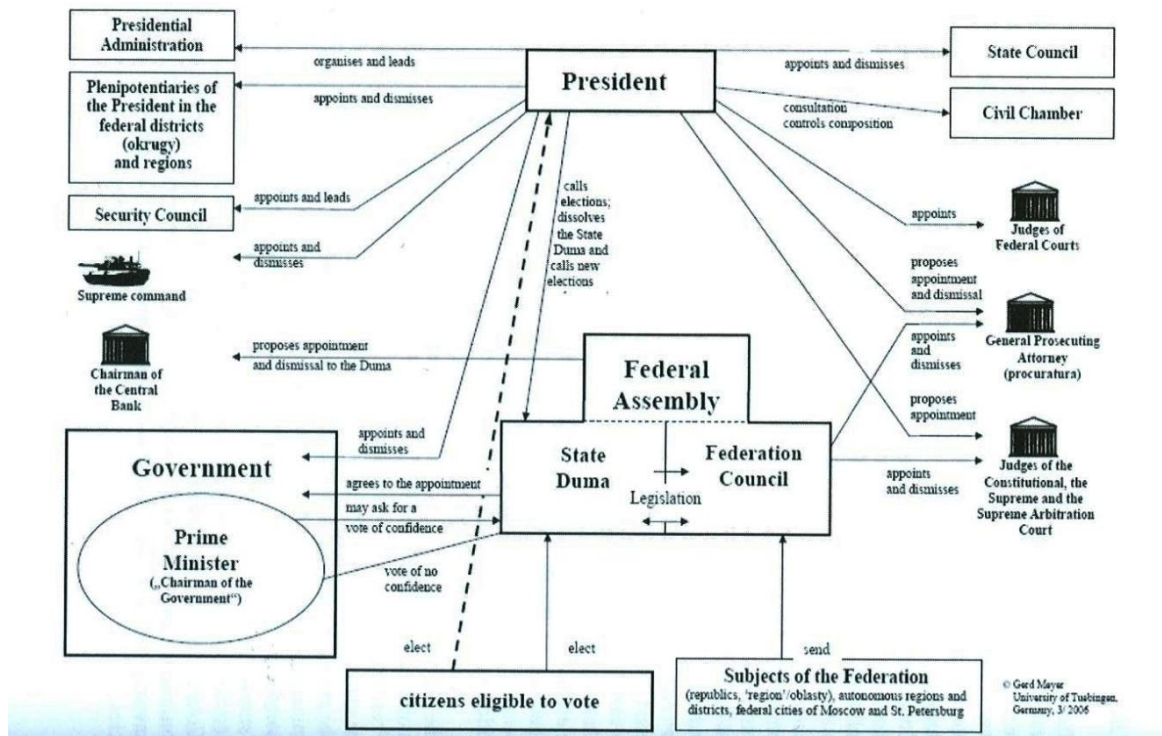


**Fonte:** All Russia's. Disponível em «[http://www.allrussias.com/rf/fed\\_6.asp#map](http://www.allrussias.com/rf/fed_6.asp#map)».

**Legenda** – Mapa com os sete Distritos Federais criados por Putin:

- 1 – Distrito Federal Central.
- 2 – Distrito Federal do Sul.
- 3 – Distrito Federal do Noroeste.
- 4 – Distrito Federal do Extremo Oriente.
- 5 – Distrito Federal da Sibéria.
- 6 – Distrito Federal dos Urais.
- 7 – Distrito Federal do Volga.

### Anexo 3 – Sistema Governamental da Rússia



Fonte: Azarova (2008, p. 236).

## Anexo 4 – Regimes Políticos

I	II	III	IV	V
Empowered body	–kratos root	–arche root	Other regime-name terms	Related political terms: persons, abstractions
A. One	<i>autocracy</i>	<b>monarchia</b>	<b>tyrannia</b> <b>basileia</b>	<b>tyrannos</b> <b>basileus</b> (king)
B. Few	<b>aristokratia</b>	<b>oligarchia</b>	<b>dynasteia</b>	<b>hoi oligoi</b> (few)
C. Many	<b>demokratia</b> <b>isokratia</b> <i>ochlokratia</i> (mob)	<i>polyarchy</i>	<b>isonomia</b> (law) <b>isegoria</b> (speech) <i>isopsephia</i> (vote)	<b>hoi polloi</b> (many) <b>to plethos</b> (majority) <b>to ochlos</b> (mob) <b>isopsephos</b> (voter)
D. Other (exempli gratia)	<i>timokratia</i> (honor) <i>gynaikokratia</i> (women) <i>technocracy</i>	<b>anarchia</b>	<b>isomoiria</b> (shares) <b>eunomia</b> (law) <i>politeia</i> (mix of democracy and oligarchy: as used by Aristotle)	<b>dynamis</b> (power) <b>ischus</b> (strength) <b>bia</b> (force) <b>kurios</b> (master) <b>exousia</b> (authority, license)

Table: Greek (and neo-Greek) terminology for regime types. Earlier (fifth-century attested) forms in **bold**, later (fourth-century) inventions in plain face, post-classical/modern inventions in *italic*.

**Fonte:** Ober, J. (2007). *The Original Meaning of “Democracy”: Capacity to Do Things, not Majority Rule*. Washington. Editora: Blackwell Publishing Ltd.

